

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

LIGIA RUFINE NOLASCO

Infância(s) no neoliberalismo: perspectivas sobre o brincar

São Paulo

2020

LIGIA RUFINE NOLASCO

Infância(s) no neoliberalismo: perspectivas sobre o brincar

Versão Original

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Investigações em Psicanálise

Orientador: Prof. Dr. Ivan Ramos Estevão

São Paulo

2020

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catlogação na publicação Biblioteca
Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Rufine Nolasco, Ligia

Infância(s) no neoliberalismo: perspectivas sobre o brincar / Ligia Rufine
Nolasco; orientador Ivan Ramos Estevão. -- São Paulo, 2020.

96 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) --
Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2020.

1. infância. 2. psicanálise. 3. brincar. 4. neoliberalismo. I. Ramos Estevão, Ivan,
orient. II. Título.

LIGIA RUFINE NOLASCO

INFÂNCIA(S) NO NEOLIBERALISMO: PERSPECTIVAS SOBRE O BRINCAR

Trabalho de conclusão de curso à Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Aprovado em ___ / ___ / ___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ivan Ramos Estevão (Orientador)

Prof. Dr. Rinaldo Voltolini

Prof.^a Dr.^a Ilana Katz Zagury

São Paulo

2020

Escrever em meio ao luto. Tentar fazer verbo onde se
presentifica o vazio. Sigo, com você em mim. Com
amor, pai.

Janela sobre a memória (IV)

A luz das estrelas mortas viaja, e pelo voo de seu
fulgor nós as vemos vivas.

A viola, que não esquece quem foi seu companheiro,
soa sem que seja tocada por mão alguma.

Viaja a voz, que sem a boca continua.

(Eduardo Galeano)

AGRADECIMENTOS

Embora, atualmente, os ideais de força e superação individuais estejam sempre sendo ressaltados e valorizados, tenho clara convicção de que todo o meu percurso, que em muito se relaciona com a conclusão dessa pesquisa, só foi possível pela presença de muitos. Muitos dos quais durante a escrita desse trabalho deixaram de estar presentes no meu dia a dia, mas que mesmo assim são parte da construção do interesse e desse trabalho. A todos eles, meu muito obrigado.

Em um trabalho que versa sobre a temática da infância, retomo algumas marcas da minha, que são memórias vivas e fontes de conforto e abrigo nos dias de hoje. Por isso, recordo as aventuras na querida “Usina São Luís” para agradecer a todos que estiveram ali, compondo um tempo de muitas descobertas, um período da infância distante da cidade, onde a imaginação foi uma grande aliada e, com a presença marcante do Hulk e da Pantera, meus amigos de patas, que foram tantas vezes parceiros de brincadeiras e muito afeto.

Agradeço, assim, aos meus irmãos, Felipe e Diego, que são parte dessa história, por terem dividido comigo esses momentos e os de frio na barriga com as diversas mudanças de casas, cidades e escolas. Por tudo que aprendi observando vocês, por me apresentarem o mundo e por me ensinarem a lutar, nas diversas tardes de “lutinha” dentro de casa, mas também fora dali. À Gisele e à Nathalia, que vieram compor essa história e ampliar os horizontes e os laços.

Ao Miguel, por ter me tornado tia, pela sua sensibilidade que reverbera em mim e me faz recordar a importância de um olhar atento aos detalhes, por me convocar a brincar, cozinhar, pintar, sorrir, amar, sonhar. À Maria Clara, por romper expectativas, por se aventurar, pelas palavras constantes e desconcertantes, por bagunçar meus sentimentos e me fazer descobrir novas formas de amar. Pelo seu abraço. Por todo amor que desperta em mim. Para a recém-chegada Laura, que veio em um momento tão delicado da nossa família, mas reafirmando a necessidade de continuar.

Aos meus pais, Milton e Valéria, por serem quem são, por tudo que nos proporcionaram, pelo afeto, pelo incentivo, por acreditarem. Pai, sempre amei te ver trabalhar, e só foi possível dar continuidade neste trabalho, depois da sua partida, me inspirando em você. Agradeço, pela coragem de encarar mundos, fundos, neblinas e solidões. Pelo acorde da viola e pela sua voz. Por todas as dificuldades que viveu para nos permitir sonhar. Por me incentivar a caminhar. Por ter me permitido cuidar e pelas risadas e trocas nesse tempo de despedidas. Você vai sempre viver em mim. Mãe, pela sua força, amor, cuidado, por estar sempre se reinventando e por,

desde pequena, me incentivar com os livros e com os estudos, por acreditar que esse caminho poderia nos trazer novos horizontes, nos quais você se coloca como aprendiz. Por ser colo, conforto, riso. Por não deixar de brincar.

À tia Mônica, por todo carinho que sempre teve conosco e por me inspirar a ser a tia que me tornei. À Maria Fernanda, por ser uma prima que me ensinou muito sobre o cuidar, e que adoro ver caminhar. Aos meus avós, maternos e paternos, pelas memórias, pela presença e pelas marcas.

Às amigas do prédio, Ana, Marcela, Fabiana, pela infância e adolescência compartilhada com bolos de cenoura, brigadeiro, descobertas e inquietações.

Às amigas do Liceu, que me fizeram viajar longe, que dividiram incertezas, aspirações, sofrimentos e muito amor. Que bom que ainda estão presentes na minha vida. Que bom ver as mulheres que se tornaram: Cecília, Marina, Letícia, Camila e suas crias, amo vocês.

Da primeira mudança que fiz sozinha, Araraquara, trago inúmeras pessoas que tornaram possível estar ali e se tornaram minha família: Maria Carolina Schlittler, por tudo que dividimos, desde a casa, o mesmo quarto, sonhos, medos e o carinho. Agora, nosso amor pelo Inácio. Vera Helena Picolo Ceccarello, por tanta troca, pelas brincadeiras, risadas, piadas, pela poesia. À Camila Mainardi, pelo incentivo, por dividir as angústias e anseios, pela parceria e todas as reclamações que sempre terminam com um abraço apertado. À Julia Batschauer, por todas as risadas, pela leveza, pelo inesperado, pelas comidas divididas, pela espontaneidade.

Para Claudia Pedro Winterstein, por ser amiga de Araraquara-Piracicaba, do ônibus, da vida. Por dividirmos tantas histórias juntas. Pela presença marcante em tantos momentos. Por acolher a mim e a tantos. Pela força, inspiração e pela coragem. Agora, por esse amor chamado Hannah.

À Maria Angélica, Daniela, Fernanda, Priscila, Talita, Gabriela, Otávio, pelo passado e presente.

Para as amigas de São Carlos, Mariana, Daniela, Maria Clara, Maria Julia, Anadélia e Isabela, por todas as histórias que vivemos, pelos encontros no “PQ” e por me renovarem. Por todas as vezes que cheguei correndo do trabalho para assistir aula e encontrei um sorriso, um abraço e boas risadas. Por tornarem o dia a dia possível.

Agradeço ainda à Munique Gaio Filla e à Milena Santos Silva, que me mostraram que encontros significativos podem acontecer independentemente do tempo vivido e das diferenças de idade. Munique, pela simplicidade, por dividir comigo o amor pela Psicanálise, a casa, as incontáveis horas de encontro no “chá das dez”, as risadas e pela emoção que me causa em te

ver dançar. À Milena, que trazia sensatez ao chá noturno, com uma leveza que era sempre admirável e um tanto invejável, por ter se tornado uma amiga tão próxima e acolhedora, pela sua simplicidade e sotaque mineiro, pelas horas na cozinha, pelo cheiro de café, por me trazer sempre novos textos e olhares, por sempre se fazer presente.

Agradeço também, Francisco e Maria Inês, por ter encontrado família em São Paulo, por serem porto seguro, afeto, incentivo, risadas, leveza. Pelos deliciosos encontros de domingo e por me ensinarem o valor de uma pizza. À D. Aída, por ser uma avó cheia de doçura e bom humor. Pelo seu amor simples e por seu coração aberto. Obrigada por me fazer neta. Ao João, pelos pães de queijo e pelas ajudas tecnológicas, à Juliana, pela força que inspira. Não poderia deixar de mencionar o Patrick, que torna essa família mais especial, por ser meu companheiro de patas que me dá tanto afeto e carinho, que não me deixa esquecer de brincar, pelas inúmeras crises de rinite com que tento lidar com bom humor, mas fundamentalmente, por me acompanhar em tantos dias de estudos.

Em São Paulo, pude experimentar no Banco amigas tão importantes nessa jornada e no ingresso no mestrado, por isso, agradeço especialmente à Natalia Raso Portes Bruno, pela amizade sincera e honesta, por todo incentivo para que eu trilhasse meu caminho e por tornar as horas do meu dia deliciosamente divertidas, seja pelas risadas ou pelas comidas. Por poder experimentar a potência do encontro e ressignificar minha experiência naquele lugar. À Maysa Leandro Celestino, por chegar de repente e se fazer tão presente, tão parceira, por termos nos divertido juntas tantas vezes, dentro e fora, pelas dores que dividimos, por tentar me inserir no mundo tecnológico (ainda que sem sucesso) e por se doar tanto. A vocês duas, que viveram comigo o sonho de me lançar em outros ares, os medos e inseguranças e se fizeram tão presentes, sempre apostando nesse desejo, meu mais sincero obrigado.

À Aline Souza Martins, pelo nosso encontro durante a disciplina que cursei como aluna especial na USP, quando eu mal conseguia me locomover por São Paulo, por sua generosidade em me apresentar caminhos, por incentivar essa pesquisa, por dividirmos a clínica.

À Paula Thais Pereira, por ter sido comigo sempre tão aberta e acolhedora, por me convidar a participar dos espaços de trabalho e estudo, por dividir saberes, por incentivar esse trabalho, por ter se tornado um porto seguro no meu dia a dia. Pelas nossas tardes na clínica, pelas nossas conversas, pela sua escuta. Pelas leituras e contribuições nesse trabalho. Pela sua deliciosa amizade. Muito obrigada.

A todos os funcionários da Universidade, que direta ou indiretamente possibilitam o acontecimento dos trabalhos acadêmicos. Em especial a Claudia e o Gustavo, que foram tão presentes durante o processo de construção dessa pesquisa.

Aos meus colegas de mestrado e de orientação, Barbara, Kamila, Helena, Pedro, Leticia e Fernanda. A beleza de ver cada percurso é inspiradora, e partilhar foi sem dúvida fundamental nesse processo. Às que vieram de longe, Andressa e Gabriela, que assim como eu fizeram morada nessa cidade, trazendo um pouco da diversidade desse país, meu sincero obrigado. Obrigada pela diferença e pelo encontro. A todas, pelas leituras e trocas.

À Carolina Escobar, pela deliciosa amizade e por me incentivar. Pelo abraço caloroso, pelas trocas e sua acolhida.

À Prof.^a Dr.^a Miriam Debieux Rosa, pela abertura para que pudesse participar do Laboratório de Psicanálise, Sociedade e Política e do Grupo Veredas. A todos os colegas que fiz durante os encontros, pelas discussões e reuniões de orientação e de trabalho.

Ao professor Dr. Christian Ingo Lenz Dunker, por aceitar ser meu supervisor na disciplina de estágio docente e por todo conhecimento que partilha. À Prof.^a Dr.^a. Maria Helena Bicalho, pelos ensinamentos durante essa disciplina. Aos alunos, pelas inquietações, pelas perguntas intrigantes, por me motivarem a estudar mais e por acolherem o meu não saber.

A todos integrantes do recente grupo de Psicanálise lacaniana com crianças, pela partilha, pelo comum, por encontrar um espaço de troca e aprendizado.

À Prof. Dr.^a Ilana Mountian, por ter apostado nessa pesquisa como minha orientadora, por aceitar novas perspectivas e por permitir a construção do meu próprio caminho. Meu sincero obrigado. Agradeço ao Prof. Dr. Ivan Ramos Estevão, por me acolher em um momento delicado e de finalização, e por ter trazido novas contribuições e olhares, por incentivar esse caminhar.

Um agradecimento muito especial aos professores que fizeram parte da minha banca de qualificação, por ter sido um momento tão especial e importante na construção desse trabalho. Para mim, foi bom contar com ele pra poder seguir. Agradeço à Prof. Dr.^a Ilana Katz Zagury pela leitura cuidadosa do meu texto, por se manter aberta ao diálogo, pela escuta, pelas suas reflexões, pelos textos divididos e por me inspirar. Agradeço também ao Prof. Dr. Rinaldo Voltolini, pela tamanha generosidade, pelas diversas contribuições teóricas, pela leitura que se atenta nas entrelinhas, em um verdadeiro exercício de escuta e de lançar o outro em movimento. Pelo cuidado nas palavras. Meu muito obrigado.

À Diva Rubim Parentoni, minha analista em São Carlos, que no nosso último encontro me deu um pedaço de “usina” para que eu pudesse levar por onde caminhasse. Por nosso percurso que me ajudou a reconhecer ali o interesse por esse tema de pesquisa.

À Sandra Letícia Berta, por tanto. Pela força que me lança e pelo carinho que me afaga. Pelo sotaque, pelas risadas, pelas lágrimas e pelo abraço. Por me sentir sustentada. Por ter estado comigo em um momento tão difícil. Pelas apostas.

Finalmente, ao Tiago Villa Mello, meu companheiro, no melhor sentido que essa palavra pode marcar, por apostar nos meus sonhos e cuidar de mim. Por todas as vezes que segurou as minhas mãos, quando faltava chão ou quando pegávamos avião. Por todas as ligações intermináveis, quando ainda estávamos em cidades distintas e em tempos de comunicações mais restritas. Pelas inúmeras viagens, durante anos, para nos fazermos presentes. Pelas incontáveis e deliciosas surpresas. Por toda contribuição teórica e crítica. Por experimentar um amor leve, doce, parceiro. Por me ver com olhos que me fazem buscar ir além. Por você, por mim, por nós dois. Pelo que ainda há de vir.

A todas as crianças e nossos encontros.

À CAPES, pela bolsa concedida.

Na parede de um botequim de Madrid, um cartaz avisa: proibido cantar. Na parede do Aeroporto do Rio de Janeiro, um aviso informa: É proibido brincar com os carrinhos porta-bagagem. Ou seja: ainda existe gente que canta, ainda existe gente que brinca (Eduardo Galeano).

As coisas que não têm nome são mais pronunciadas por crianças (Manoel de Barros).

NOLASCO, L. R. **Infância(s) no Neoliberalismo: perspectivas sobre o brincar**. 2020. 96 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

RESUMO

Essa pesquisa tem como interesse investigar os efeitos do neoliberalismo sobre os ideais de infância e o brincar. O interesse por esse estudo surgiu a partir de inquietações que os trabalhos com crianças e adolescentes suscitaram, nos quais percebeu-se a grande valorização dada a determinados brinquedos e aos jogos eletrônicos em que o brincar e o brinquedo eram tomados como sinônimos, sem estranhamento. Atrelado a isso, a presença marcante de discursos voltados ao consumo de objetos e de ideais de vida com ênfase no sucesso e no dinheiro entre as crianças, trouxe novas indagações. Diante desse cenário e de algumas cenas de grande valorização desses produtos, nas quais muitas vezes as crianças pareciam espectadoras diante dos brinquedos ou das telas, passou-se a indagar sobre o brincar na contemporaneidade e a necessidade de problematizar essa questão. Nesse sentido, dada a complexidade que envolve o tema, buscou-se compreender o contexto em que esse brincar se insere, a partir dos ideais de infância presentes atualmente e de um olhar atento ao discurso do neoliberalismo. Dessa forma, esse trabalho retomou a perspectiva da infância como uma construção social, procurando indagar como o ideal de infância feliz contemporâneo se relaciona com os valores neoliberais presentes em nossa sociedade, trazendo consequências na relação que as crianças passam a ter com o mundo que as cerca, e com a própria experiência do que vem a ser infância. Considerando as realidades distintas em que as crianças estão colocadas, seja pelas marcas das desigualdades nas sociedades ou das diferenças culturais, passou-se a problematizar a concepção de infância como um período de felicidade, sob a proteção dos adultos, único, difundido nos dias atuais. Assim, partindo dessa perspectiva histórica, a partir da qual as crianças respondem, retomou-se a importância de refletir acerca do discurso do neoliberalismo, entendendo que os sujeitos partilham dos valores de uma época. Época essa, marcada pelo egoísmo, pela competição e pelo consumismo. Diante desse contexto, ecoaram algumas perguntas que esse estudo buscou refletir: Quais as condições no contexto neoliberal para que o brincar aconteça? A presença maciça dos brinquedos e das telas impede o brincar, podendo trazer consequências à constituição subjetiva das crianças? Para tanto, esse trabalho retomou a importância do brincar na Psicanálise, assim como discussões sobre o uso dos brinquedos e da tecnologia nos dias atuais, para refletir sobre essas questões. A partir do desenvolvimento dessa pesquisa percebeu-se que embora o brincar seja compreendido na Psicanálise pela possibilidade de subversão e de invenção, o discurso neoliberal tem produzido efeitos com o crescente incentivo ao consumo de brinquedos e com o uso dado às novas tecnologias. Pôde-se observar ainda que a primazia da criança frente ao saber do adulto, fomentada na contemporaneidade, pode colocá-la ainda mais vulnerável aos discursos do mercado, fato este que precisa ser problematizado. Esse estudo, a partir da perspectiva teórica e metodológica da Psicanálise, e em diálogo com as teorias sociais, procura trazer novas reflexões acerca do tema, sabendo se tratar de um saber incompleto, não todo, em construção.

Palavras - chave: infância; psicanálise; brincar; neoliberalismo.

NOLASCO, L. R. Childhood under Neoliberalism: Perspectives on Play. 2020. 96 f.
Dissertation (Masters in Clinical Psychology) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

ABSTRACT

This research aims to investigate the neoliberalism effects on childhood ideals and play. The interest in the subject arose from concerns that emerged from working with children and adolescents, in which it was possible to realize the great value given to certain toys and video games, enough to understand play and toys as synonyms, without estrangement. Related to that, there is the remarkable presence of discourses focused on consumption and life ideals with an emphasis on success and money among children, which has added new questions. Considering the scenario and the great promotion of products, in which children often seemed like spectators in front of toys and screens, it was necessary to inquire about play in contemporaneity and the need to discuss such issues. In this regard, given the theme complexity, we have attempted to grasp the context of play based on childhood ideals these days, keeping a watchful eye on the neoliberal discourse. Thus, this work brings back the perspective of childhood as a social construction, questioning how the contemporary ideal of a happy childhood relates to the neoliberal values in our society, bringing consequences on the relationship that children have with the world surrounding them and with the very experience of childhood itself. Considering children's different realities, whether due to the marks of inequality in societies or cultural differences, the research started questioning the concept of childhood as a time of happiness under the protection of adults, something unique, as the current widespread concept. Starting with this historical perspective, where children respond, this dissertation took back the importance of reflecting on the discourse of neoliberalism, understanding that the subjects share the values of a time - a time marked by selfishness, competition, and consumerism. Given this context, some questions were echoed that this study sought to reflect, such as "what are the conditions in the neoliberal context for the play to happen? Is it possible that the massive presence of toys and screens hinders play opportunities, bringing consequences to the child's subjective constitution?" Therefore, this work brings back the importance of play in psychoanalysis, as well as discussions about the use of toys and technology today, to reflect upon these issues. Based on the development of this research, it was noticed that although play in psychoanalysis is understood through the possibility of subversion and invention, the neoliberal discourse has produced effects on children with its increasing promotion of toys consumption and the use of new technologies. Another observation was that the child's primacy in the face of adult knowledge, much encouraged these days, could make them even more vulnerable to market discourse, a fact that needs to be addressed. This study, from the theoretical and methodological perspective of psychoanalysis and in dialogue with social theories, seeks to bring new reflections on this subject, knowing that it is incomplete knowledge, not altogether, under construction.

Keywords: childhood; psychoanalysis; play; neoliberalism.

LISTA DE SIGLAS

DSM	Manual de diagnóstico e estatístico de transtornos mentais
CONANDA	Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente
GPQV	Grupo de Estudos e Pesquisa em Química Verde, sustentabilidade e educação

SUMÁRIO

1. Introdução	15
1.1 Reflexões sobre pesquisa e Psicanálise na universidade.....	22
1.2 Construindo esta pesquisa	25
2. Sobre uma infância idealizada	30
2.1 A (trans)formação da(s) infância(s).....	32
2.2. Ciências e infância	41
2.3 Crianças, adultos e suas fronteiras: autoridade de transmissão.....	44
2.4 Considerações sobre as crianças: uma leitura psicanalítica.....	47
3. Neoliberalismo: uma aproximação	53
3.1 O (desen)laço e um novo imperativo.....	55
3.2 O deus mercado: onisciente, onipotente e onipresente.....	60
3.3 Infância: um ótimo negócio.....	63
4. Brinquedo e época: algumas reflexões	67
4.1 O brincar na Psicanálise: quando o objeto se empresta a trama.....	72
4.2 Brincar e tecnologia: uma aproximação.....	79
5. Considerações finais	85
6. Referências	90

Introdução

A pesquisa que está sendo apresentada agora é consequência de anos de aproximação com o tema da infância e do neoliberalismo. Caminhos eu diria um tanto tortuosos, em nada retilíneos, de paradas, mudanças de rotas, mas sobretudo de muita inquietação. Um percurso que embora não saiba ao certo quando começou, compõe o ingresso no curso de Ciências Sociais, experiências lecionando em uma escola pública e também diversos trabalhos com crianças enquanto psicóloga e psicanalista. Sem dúvida todas essas vivências culminaram no desejo de produzir esse texto, e de me aprofundar nessa temática.

Atrelado a isso, o contato que tive ao longo da minha trajetória com diferentes infâncias e com diversas obras que abarcam o tema reafirmou meu interesse em desenvolver essa investigação. No entanto, durante a construção desse trabalho foi possível perceber que tomar a infância como objeto de estudo no contexto acadêmico não é algo simples, seja pelas contradições frente às disputas de saberes, seja pela desvalorização que cerca as pesquisas que se ocupam dessa temática fora de espaços “determinados”. Contudo, como Lacan (1966/1998) nos adverte acerca do tempo lógico, revisito essas experiências na tentativa de elaborar aquilo que não foi possível fazer no momento em que foi vivido, mas que ainda assim produziu marcas.

Dessa forma, retorno ao ano de 2007, momento em que comecei a lecionar em uma escola pública na cidade de Piracicaba, no interior de São Paulo. Foram dois anos trabalhando com crianças e adolescentes, em sua maioria, de famílias com poucos recursos financeiros. Naquele momento, os celulares estavam começando a invadir as salas de aula e me chamava atenção a velocidade com que eles estavam presentes, assim como a importância que passavam a ter naquele contexto. Era frequente as crianças e adolescentes me mostrarem os celulares que haviam ganhado, as conversas sobre aparelhos e os conflitos que por diversas vezes eram solucionados pelos professores com a retirada desses objetos. Também chamava atenção o crescente tempo dispensado com os celulares nas mãos nos intervalos, embora as possibilidades de interação e de acesso à internet fossem bem reduzidas frente ao contexto atual. Os aparelhos eram decorados com adesivos, capas distintas e demais adereços. Não era apenas através dos celulares que se podia observar a relevância do consumo entre as crianças e adolescentes, mas sim nas roupas que usavam: nos tênis, nos bonés, nas canetas, nos materiais, entre outros.

Em diversas situações vi crianças que usavam os materiais escolares fornecidos pelo estado serem “desvalorizadas”, motivos de chacota e até mesmo de segregação. De maneira semelhante, isso acontecia com aquelas que comiam a merenda escolar fornecida pela escola. Algumas vezes intrigada, decidi me juntar a eles nas refeições, e alguns alunos espantados me diziam “até você, Doninha”. Os que se orgulhavam de só comer na cantina também me indagavam: “você come merenda?”. Aquilo me chamava muita atenção: parecia que os benefícios públicos e os direitos sociais eram desvalorizados pelas próprias crianças. Utilizá-los poderia reforçar um ideal de “fracasso” e “impotência” do qual eles pareciam querer se desvencilhar? Consumir, naquele contexto, seria um importante marcador dessa distinção? Essas experiências começaram a me trazer algumas indagações.

No ano seguinte, em 2008, alunos de um bairro periférico da cidade de Piracicaba passaram a receber auxílio transporte para se deslocar e estudar nesta escola, pois não havia nenhuma disponível em seu bairro de origem. Esse fato acirrou os conflitos entre os estudantes, uma vez que eram marcados por estigmas e preconceitos pela sua origem, já que vinham de um bairro pauperizado, com pouquíssima infraestrutura e muita violência. Era comum se referirem a eles como “passa-fome”, mesmo que em brincadeiras, ou dizerem algo sobre o colega ou sobre si mesmo: “ele é (sou) do bosque dos lenheiros”. Alguns conflitos marcados por essas discussões levavam a brigas e frequentes reclamações por parte dos professores que não queriam os novos alunos nas suas turmas: “eles não eram educados”, “não tinham cultura”, ou até mesmo certa insinuação de que aqueles alunos eram “bandidos”. Essas eram algumas das falas comumente compartilhadas na sala dos professores. Observar aquilo causava tamanho desconforto que passei muitas vezes a frequentar o pátio onde estavam os alunos, e esse se tornou um momento de grande troca e aproximação.

Entretanto, embora tivesse uma relação de proximidade e respeito com muitos alunos, isso não evitava os conflitos em sala de aula. Me recordo que em um desses episódios um aluno se recusava a sentar e fazer as atividades propostas. Todos os demais estavam sentados e eu intervi pedindo para que ele se sentasse, de forma enfática, ao que ele retrucou: “Você só me manda sentar porque eu sou do bosque dos lenheiros”; respondi que por não ter diferença, ele deveria fazer como os demais. Ele não aceitou, e então falei que ele teria que sair caso continuasse em pé. Ele saiu muito enraivecido, me mostrando o dedo do meio. Na diretoria fui alertada para não “enfrentá-lo”, pois o irmão estava vindo armado para a escola. De imediato essa situação me gerou um grande desconforto, e me

fez por diversas vezes refletir sobre o que tinha ocorrido. O que eu tinha feito de errado, que ele tinha se sentido tão ofendido? Por que aquele aluno não poderia ser repreendido como os demais? Percebi através dessas experiências que a origem dessas crianças parecia balizar a forma como eram compreendidos: afinal, eles eram ou não crianças e adolescentes? Qual tratamento dispensado a partir disso?

Ao longo desses dois anos, escutar os relatos de crianças que cresceram em realidades tão distintas da minha possibilitou um olhar diferente para o lugar ocupado pela infância nas famílias e na sociedade, e, de certa forma, me levou a indagar sobre sua diversidade. Como pensar a infância, no singular, a partir de diferentes modos de vivenciá-la em uma sociedade marcada por tantas desigualdades, que traziam olhares distintos sobre as crianças?

Refletindo sobre essa diversidade de experiências sobre o que é ser criança em nossa sociedade, recordo que naquele período eu havia acabado de me formar em Ciências Sociais, em uma universidade pública, fato esse que tinha grande valor entre aqueles com quem convivia. Quando comecei a dar aulas, me deparei com um cenário em que muitos alunos não imaginavam que existia uma universidade que era pública, gratuita e muito menos que havia auxílios para que os alunos pudessem permanecer nela (mesmo com todos os limites conhecidos). A universidade como parte dos objetivos parecia não fazer sentido ali. Esse desconhecimento e a surpresa quando eu enfatizava que era pública e gratuita, me chamava muita atenção. Muitas vezes a surpresa deles advinha de pensar que algo público pudesse ser tão bom e reconhecido. Passei a me questionar sobre esses valores.

Nesse sentido, como fazer com que os alunos prestassem atenção em uma aula de História? O argumento de passar no vestibular, frequentemente usado nas escolas particulares, parecia não produzir efeitos ali. Aprender Feudalismo? Idade Média? Os alunos me questionavam, por que deveriam aprender essas coisas? Acredito que essa possa ser uma discussão que abre diversas ponderações. Entretanto, naquele momento, frente a esses questionamentos e essa aparente falta de sentido, fui introduzindo reflexões sobre o consumismo e seu impacto na nossa vida cotidiana. Esse se tornou um importante ponto de diálogo com os alunos, dado o grande interesse deles materializado em roupas, materiais escolares e celulares, entre outros.

Dessa forma, passei a levar textos e temas relacionados ao consumo que geravam grandes debates na sala de aula, e juntos passávamos a refletir sobre o que estávamos vivendo, sobre a escola, as diferenças dos projetos públicos e privados, violência, entre

outros. Percebi, com isso, que muitos alunos passavam a se interessar e sugerir outros assuntos que buscava intercalar com o conteúdo da disciplina. Após essa aproximação eu retomava os temas dos currículos, sempre tentando mediar com as questões da realidade que lhes pareciam urgentes. Esse fato gerou muita proximidade com os estudantes, que muitas vezes confidenciavam seus conflitos e questões. Essa experiência reafirmava o interesse em estar nas escolas a partir de outro lugar: o de escuta.

Assim, tomada por diversas dessas inquietações vivenciadas com os alunos, que permaneceram em mim mesmo após ter saído da escola, e após novas experiências com crianças durante o curso de Psicologia, procurei refletir durante a monografia sobre os atravessamentos do capitalismo na sociedade contemporânea, pensando agora acerca da subjetividade. Se nas Ciências Sociais esse tema foi amparado pelos autores dessa área, na Psicologia passo a me debruçar sobre alguns estudos feitos por psicanalistas de orientação lacaniana, que passaram a orientar meu aprendizado e serão importantes referências para a construção dessa pesquisa.

O contato com as obras de diversos autores foi muito importante na construção desse trabalho, pois pude perceber que as minhas inquietações eram compartilhadas e encontrei assim diferentes interlocutores que me auxiliavam a refletir. Mas recordo também o impacto que o lançamento do documentário “Tarja branca¹ – a Revolução que faltava” (2014) -, dirigido por Cacau Rhodhen, acarretou, a partir das reflexões sobre a infância no contexto do consumo e as recentes patologizações frente às (im)possibilidades de brincar no contemporâneo. Com a premissa de que brincar é coisa séria, o filme debate algumas transformações dos brinquedos nos dias atuais, a importância do brincar para o adulto e para a criança, assim como seus limites e possibilidades. Dessa forma, apresentam o brincar como revolucionário, capaz de subverter o processo de alienação decorrente do modo de vida capitalista. Brincar revolucionário? Tomada por essa questão, construo um primeiro trabalho durante o período de formação em uma escola de Psicanálise lacaniana, em que passo a investigar sobre o tema do brincar sem perder de vista a perspectiva do contexto histórico. Tema esse que irá nortear essa pesquisa.

Passados cerca de dez anos desde as primeiras experiências trabalhando com crianças e adolescentes, foi possível notar que nesse curto período de tempo muitas transformações se deram nas relações com os celulares, na expansão e uso da internet, na inserção de *tablets* e outros dispositivos dentro e fora das escolas, com sua presença

¹ Esse documentário foi realizado pela produtora Maria Farinha Filmes, que é uma empresa parceira da Organização Alana.

maciça no cotidiano das crianças desde muito cedo. De acordo com o livro “Criança e consumo - 10 anos de transformação”, organizado por Laís Fontenelle e fomentado pelo Alana², a temática da criança, consumo e mídia vem ganhando crescente relevância na sociedade brasileira, em muito encorajada por discussões propostas pela própria instituição, pela sociedade civil, pelas pesquisas na área e também pelos crescentes investimentos em publicidade voltada ao público infantil. Trata-se assim de uma temática que envolve grandes disputas e interesses. As discussões, pesquisas e materiais reunidos pelo Alana foram fontes constantes de consulta durante a aproximação com o tema dessa pesquisa, assim como os documentários “Criança, a alma do negócio” (2008) e “Muito além do peso” (2012), ambos realizados pela Maria Farinha Filmes e dirigidos por Estela Renner.

Dessa forma, através das investigações relacionadas ao tema da infância, fui pouco a pouco me deparando com um mercado direcionado a esse público. Um mercado que ao mesmo tempo em que incentiva a venda de produtos para as crianças e para os pais delas, torna cada vez mais difundido um ideal de infância feliz. O próprio Instituto Alana, com o projeto Criança e Consumo, busca além de desenvolver e divulgar conhecimento sobre o tema, incentivar outras redes que busquem atuar frente à publicidade infantil. A notoriedade do assunto fomentou a publicação da resolução 163 do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), que declarou como abusiva a comunicação mercadológica voltada às crianças (REBOUÇAS, 2016). Essa resolução trouxe grandes conflitos com os anunciantes, publicitários e demais profissionais envolvidos. Embora essa temática venha sendo cada vez mais debatida por diversas entidades e a sociedade civil, esse embate não dissipou, continua presente nas casas, nas famílias, quando nos dedicamos a escutar as crianças e os pais, que muitas vezes buscam sozinhos fazer frente às grandes pressões do mercado.

Embora esse trabalho não verse sobre a publicidade, podemos nos questionar a partir dela sobre a importância que as crianças vão ganhando em nossa sociedade quando o uso de suas imagens se torna garantia de sucesso para a venda de produtos (REBOUÇAS, 2016). Esse mercado voltado ao público infantil envolve desde os livros direcionados aos adultos sobre os “conhecimentos” acerca do desenvolvimento infantil e

² O Alana, segundo sua própria definição, é “uma organização de impacto socioambiental que promove o direito e o desenvolvimento integral da criança e fomenta novas formas de bem viver. Para tanto, estruturou-se em três fontes: Instituto Alana; AlanaLab; e Alana Foundation.” Pode ser consultado em <<https://alana.org.br/>> Acessado em: 13 de jul. 2020.

diversos “manuais” de como educar os filhos, até produtos dos mais variados tipos para as crianças, como roupas, brinquedos, músicas, livros, comidas, materiais escolares, utensílios domésticos, móveis projetados para esse público, dentre outros. Dessa forma, ao estar atenta a esse segmento de mercado, passei então a me questionar que lugar é esse que as crianças passaram a ter em nossa cultura?

Considerando que o contato com pesquisas e documentários me trouxe novos elementos para um olhar atento a essas questões, a escuta das crianças não cessou de trazer novas perguntas e inquietações diante desse tema. Nesse sentido, parte desse estudo será sustentada a partir do trabalho realizado com crianças durante o período em que estive atuando em conjunto com o Grupo Veredas³ – Psicanálise e Imigração.

As experiências vivenciadas ali trouxeram novos questionamentos e elementos para pensar as infâncias nos dias atuais, infâncias atravessadas pela imigração, por situações de grande vulnerabilidade social, infâncias que me faziam mais uma vez refletir que certo ideal de uma infância feliz e protegida parecia não chegar a todas as crianças. Durante esse trabalho presenciei brincadeiras sendo abandonadas pelos jogos eletrônicos ou vídeos de *youtubers*, a valorização excessiva de alguns objetos frente ao brincar, a dificuldade de algumas crianças em brincar, pois desde muito cedo precisavam auxiliar os pais em trabalhos domésticos e nos cuidados com os irmãos. Essas infâncias me faziam rememorar as primeiras experiências com crianças e adolescentes nas escolas, em que as marcas da desigualdade e do consumo já se faziam presentes. Nesse sentido, a partir de algumas falas das/sobre as crianças que me traziam um certo desconforto, passei a me interrogar que desconforto era esse?

Acredito que parte desse desconforto se dava a partir dos próprios ideais de infância que estavam presentes em mim e ao meu redor, e cuja fragilidade a experiência da desigualdade social escancarava, mas também pela força do mercado que parecia cada vez mais presente entre as crianças, nas brincadeiras, nas falas, em comportamentos marcados pelo egoísmo e a concorrência, pelo valor excessivo dado aos brinquedos e pela frustração e tristeza das crianças que não podiam ter esses objetos falados por todos.

Ao mesmo tempo em que estava escancarada a privação oriunda da situação econômica de muitas dessas crianças, chamava a atenção o acesso à internet, aos jogos eletrônicos e também aos vídeos de *youtubers*. Somando a isso, a convivência com crianças que estudavam em escolas privadas e com grandes possibilidades de consumo,

³ O Grupo Veredas: Imigração e Psicanálise, é um projeto de extensão ligado ao Laboratório de Psicanálise e Sociedade, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

acesso a *tablets*, celulares, canais de televisão privada entre outros, também me trouxeram diferentes perspectivas para pensar a infância na atualidade, assim como refletir sobre formas de brincar no contemporâneo. Com isso passei a perceber que há um novo cenário de interação entre as crianças, cada dia mais influenciado pela ampliação da internet, pelo uso de celulares e *tablets*, fato este que precisa ser melhor investigado, com novas pesquisas que atentem para esse fenômeno ainda em desenvolvimento. Essas mudanças têm trazido novas formas de convívio não apenas entre as crianças, que acontecem em uma velocidade muitas vezes difícil de acompanhar, pois quando ainda estamos aprendendo sobre determinada plataforma, novas passam a circular. Entretanto, dada a importância que essas transformações vêm impondo em nossa sociedade, uma vez que tocam em algo de grande importância na constituição subjetiva, o brincar, essa pesquisa considera urgente que novas reflexões sejam feitas, ainda que com a “carroça andando”, na tentativa de abrir uma brecha em perspectivas que se limitem a tratar as invenções limitadas ao fascínio ou horror (JERUSALINSKY, 2017).

Buscando romper essa dicotomia, mas ainda assim tentando manter um olhar crítico ao momento em que vivemos, essa pesquisa se ocupa de investigar os efeitos do neoliberalismo nos ideais de infância nos dias atuais com um olhar atento ao brincar. Nesse sentido, considerando um tempo marcado pelo neoliberalismo, com predomínio do egoísmo e da valorização excessiva das mercadorias, esse trabalho procura examinar quais as condições nesse contexto para que o brincar aconteça. Brincar esse que será retomado a partir da teoria psicanalítica, em que os brinquedos se prestam à trama do brincar, e não se encerram neles mesmos. Assim, podemos refletir acerca de um discurso sobre o brincar que vemos circular nos dias de hoje, em que o brincar e o brinquedo vão sendo tomados como sinônimo.

Sendo assim, para sustentar essa discussão serão retomadas algumas cenas vivenciadas durante o trabalho com crianças em que algumas questões ecoaram: Quais os atravessamentos e consequências sobre os ideais que cercam a infância nos dias de hoje? Quais os efeitos subjetivos do neoliberalismo? O que entendemos por brincar e o que esses modos de brincar nos contam da nossa época?

Diante dessas questões, esse trabalho irá se articular em torno de três eixos principais: infância, neoliberalismo e brincar. Embora eles estejam sendo apresentados em capítulos separados, a aposta dessa pesquisa é que eles são indissociáveis para que possamos nos aproximar da complexidade que envolve o tema.

Dessa forma, buscarei no segundo capítulo discutir a infância a partir de uma concepção histórica, visando refletir sobre os ideais de infância presentes na contemporaneidade. Considerando a importância que versa sobre o tema, esse capítulo buscará discorrer sobre como as crianças estão sendo debatidas pelas ciências que delas se ocupam, que nos vão dando pistas dos espaços que vamos destinando a elas na sociedade.

Considerando que a subjetividade é histórica (ASKOFARÉ, 2009), no terceiro capítulo irei retomar a concepção do neoliberalismo para refletir sobre os laços sociais, compreendendo-o como um discurso hegemônico que engendra uma forma de ser e estar no mundo nos dias atuais. Dessa forma, atentarei para discussões que abarquem a importância dos objetos na atualidade, bem como para a valorização do egoísmo e do consumo e os seus efeitos nas infâncias.

No quarto capítulo, apresentarei uma breve reflexão sobre os brinquedos e discutirei a importância do brincar a partir da teoria psicanalítica, com seus limites e possibilidades a partir de um brincar que sofre efeitos do discurso neoliberal. Nesse sentido, discutirei a prevalência do brinquedo nos dias de hoje, assim como algumas reflexões sobre a presença maciça dos dispositivos eletrônicos e dos jogos na atualidade, e seus impactos no brincar.

Por fim, no quinto capítulo apresentarei algumas considerações acerca dessa pesquisa, que não pretende abarcar a complexidade do tema que envolve e que ainda se desenrola, mas, fundamentalmente, compor esforços acerca de indagar-se sobre algumas das transformações expostas pelo brincar e possíveis consequências para as crianças em nossa época.

Reflexões sobre pesquisa e Psicanálise na universidade

Esse trabalho, que parte da Psicanálise como método de pesquisa, compreende a importância de retomar algumas reflexões sobre a pesquisa psicanalítica na universidade, assim como de apresentar alguns impasses e considerações para pensar a Psicanálise e o discurso científico contemporâneo, que também foram impasses vivenciados durante sua construção. Dessa forma, retomarei algumas considerações para situar o leitor acerca da cientificidade da Psicanálise, um debate que a atravessa desde seu surgimento, mas que

não cessa de trazer novas questões na atualidade (BEER, 2015; NOGUEIRA, 2004), e posteriormente discutirei os caminhos percorridos na construção dessa dissertação.

Para isso, iniciaremos essa discussão desde o surgimento da Psicanálise, com Freud, que sofreu desde aquele momento críticas referentes à sua cientificidade, uma vez que esse conhecimento emergiu em um contexto de grande valorização das Ciências Naturais e da Matemática. Apesar das críticas recebidas, a Psicanálise trouxe um novo paradigma, com a hipótese do inconsciente, inaugurando, assim, um novo campo científico, que confrontava com a perspectiva de domínio da racionalidade para apreender os fenômenos, comum nas demais ciências da época (NOGUEIRA, 2004). Ademais, quando Freud propôs tratar os seus pacientes e não os tomar, simplesmente, como objetos de investigação, estabeleceu com eles uma relação de transferência, rompendo assim com a perspectiva de que na Psicanálise seja possível a separação do sujeito e do objeto, conforme aponta Nogueira:

Na Psicanálise, na associação livre, não vai haver essa separação entre sujeito e objeto porque – nós sabemos – vai haver a transferência. O fenômeno da transferência, que é um fenômeno humano, não é psicanalítico, é um fenômeno que ocorre, justamente, nas relações entre os falantes. Assim, a Psicanálise possibilita uma investigação que nunca havia sido feita até então antes de Freud. E é por isso que a Psicanálise se confunde com o tratamento, quer dizer, quando se pensa em Psicanálise, se pensa em tratamento (NOGUEIRA, 2004, pp. 86-87).

Embora frequentemente a Psicanálise seja compreendida apenas como método de tratamento, consideramos importante refletir sobre seu método investigativo, que embora estejam relacionados, não se confundem, uma vez que o método de investigação é marcado pela heterogeneidade, uma estrutura aberta, podendo se relacionar com outros discursos, enquanto em contrapartida o tratamento exige regras próprias oriundas do campo da linguagem (DUNKER, 2011). Consideramos importante marcar essa distinção, evitando assim uma perspectiva reducionista, e ao mesmo tempo afirmando o potencial investigativo e de produção de conhecimento da Psicanálise, fato esse que pode nos orientar em uma posição política frente aos debates contemporâneos. Nesse sentido, consideramos relevante trazer à discussão a importância de produzir conhecimento em Psicanálise, e de estabelecer diálogos.

Isto posto, e cientes de que o debate da cientificidade possui relevância na sociedade atual (ainda que em crescente ataque e desvalorização), fomentando políticas públicas de cuidado e legitimando tratamentos específicos, ponderamos a relevância de

trazer o conhecimento oriundo da Psicanálise para fomentar essas discussões, frente às perspectivas que se colocam homogeneizantes e totalizantes, abrindo assim espaço para novos questionamentos. Nesse sentido, podemos refletir que pode haver uma contribuição da Psicanálise em estar presente nos espaços universitários (BEER, 2015).

Sabemos, contudo, que a entrada da Psicanálise na universidade não se dá sem tensionamentos, diante das dificuldades em sustentar uma pesquisa psicanalítica e sua ética na universidade, e também pela falta de reconhecimento muitas vezes dispensada nas produções científicas com bases epistemológicas psicanalíticas. Embora cientes de que a pesquisa em Psicanálise não se restringe apenas ao campo universitário, trata-se de um espaço de interlocução e de trocas de conhecimento, assim como de legitimidade na sociedade, que podem fazer avançar a própria teoria psicanalítica, bem como reafirmar sua participação no campo político (BEER, 2015).

Contudo, compreendemos que uma estratégia para que a Psicanálise possa sustentar seu conhecimento científico, e com isso também seu tratamento, diante das frequentes críticas que vem recebendo, é situar as bases científicas que a sustentam e que se diferem da ciência dominante, assim como apontar as suas especificidades, embora essa não seja uma tarefa simples. Diante disso, refletimos sobre a importância de questionar as perspectivas que afirmam a ciência como singular, baseada apenas em evidências que podem ser comprovadas através de fatos empíricos rigidamente determinados, assim como a perspectiva de sujeito que reduz o seu sofrimento a fatores biológicos (BEER, 2015). Nesse sentido, a partir das discussões e debates que se colocam dentro da ciência, enfatizamos a importância da Psicanálise em estabelecer parâmetros que são coerentes com sua própria racionalidade, e que ao entrar em discussão com outras teorias, não se fechando em si mesma, podem fazer com que a própria teoria avance (BEER, 2015).

Dessa forma, constatamos que os psicanalistas que optam pelo desenvolvimento de pesquisas no campo universitário e que estão diante de um paradigma científico divergente das ciências dominantes terão como desafio fundamentar seus modos de acessar o “objeto”, assim como os mecanismos de tornar esse conhecimento acessível e possível de ser validado por outros pesquisadores que não necessariamente psicanalistas. Dessa forma, consideramos relevante que esse conhecimento esteja presente no debate público, sustentando seus próprios pressupostos, afirmando também a concepção que se trata de um saber incompleto, não-todo, assim como todo conhecimento científico.

Dessa forma, a partir da Psicanálise, nos colocamos críticos a uma visão única de ciência, assim como os ideais capitalistas que invadem as universidades, que definem critérios de avaliação e de produção que não consideram a temporalidade, bem como as especificidades de cada ciência e seus métodos, atravessando a construção do conhecimento como um todo. Fato esse que invade as relações, os critérios de seleção, assim como de permanência na universidade, e engendra a especialização do conhecimento, tornando difícil o diálogo com outros campos teóricos. Estar atento para que a ciência não reproduza apenas os valores dominantes é mais uma questão não menos importante e incômoda entre aqueles que desejam produzir pesquisa na universidade.

Portanto, advertidos, embora não imunes a tudo isso que se coloca quando a Psicanálise entra na universidade, esse estudo considerou importante a construção de uma pesquisa nesse contexto, fundamentalmente sustentada pela possibilidade de compartilhar conhecimento e de estabelecer diálogo com outras perspectivas teóricas que pudessem contribuir para a construção de um saber - não todo sobre algumas indagações que o trabalho com crianças e adolescentes suscitou.

Construindo esta pesquisa

O trabalho com crianças e adolescentes trouxe diversas indagações que fomentaram o interesse na construção dessa pesquisa, conforme apresentado na introdução. As experiências vivenciadas em escolas e outras instituições que destinavam espaços para trabalhos com crianças e adolescentes permitiram que a prática clínica fosse ampliada para espaços diversos do setting tradicional, fazendo repensar as possibilidades de intervenção e manejo em outros contextos

O tema dessa pesquisa foi se delineando ao longo de diversos trabalhos com crianças e adolescente. Contudo, os recortes que compõem essa dissertação, através de vinhetas, são oriundos de um tempo de trabalho com o Grupo Veredas – Psicanálise e Imigração, projeto de extensão vinculado ao Laboratório de Psicanálise e Sociedade do Instituto de Psicologia da USP, realizado entre os anos de 2017 e 2018, na cidade de São Paulo, em que a escuta produziu diversos efeitos de questionamento, trazendo ainda mais o interesse de produzir uma dissertação que buscasse pensar o brincar na contemporaneidade. Nesse sentido, foi o vivido na prática clínica que criou o problema de pesquisa aqui desenvolvido, e é buscando responder a essas inquietações que a

investigação se mostrou relevante, em um exercício de revisitar o que foi vivenciado (SILVA; MACEDO, 2014).

Essas experiências são em parte provenientes de um grupo de trabalho realizado mensalmente com crianças filhas de imigrantes. Esse grupo era composto por cerca de 12 crianças, com idade entre um e doze anos, e quatro psicanalistas. A frequência das crianças era variada. Os encontros surgiram como uma forma de viabilizar a presença de um grupo de mulheres imigrantes que não tinham com quem deixar os filhos. Se em um primeiro momento as crianças estavam ali, em um espaço de recreação com livros, lápis e giz para pintar e desenhar, em um local similar a uma sala de aula, logo ele foi repensado, buscando subverter essa perspectiva e se colocando, também, como possibilidade de escuta para essas crianças. Nesse espaço realizávamos atividades e brincadeiras diversas, pensadas conjuntamente em supervisão. Esse trabalho se encerrou no mesmo ano, devido a questões da própria instituição. Entretanto, no ano de 2018, juntamente com colegas do Grupo Veredas, foi realizado um novo trabalho em escolas na Zona Norte de São Paulo. Com isso, passamos a frequentar reuniões com os educadores e diretores, e a participar de atividades com as crianças e professoras no ambiente escolar. Para a realização das atividades nas escolas, a equipe foi dividida em duplas, e os encontros eram realizados a cada quinze dias. Esses encontros eram alternados entre participar das atividades com diferentes turmas de alunos e a reunião com os educadores.

Dessa forma, esse trabalho parte da memória e de algumas anotações realizadas na época dos encontros, que serão apresentadas como vinhetas, que ajudam a trazer parte das inquietações que suscitaram a investigação. Sabemos que a seleção dos trechos e os recortes apontados são consequência da subjetividade do psicanalista, que está implicado nesse processo de pesquisa. Não se trata de uma tentativa de provar uma teoria, mas de examinar um fenômeno partindo da escuta, que irá dirigir seus estudos, auxiliando na construção de uma teoria (SILVA; MACEDO, 2014).

Deve o psicanalista, no exercício do seu ofício, manter-se crítico quanto às condições do seu fazer, possibilitando, através da problematização de seus questionamentos e da condição de compartilhar seus achados, sistematizar suas investigações, fazendo assim avançar a psicanálise como teoria, método e técnica, sustentados na ética do desejo (SILVA; MACEDO, 2014, p. 531).

Essa investigação, portanto, se deu a posteriori, a partir de inquietações e na tentativa de encontrar respostas para algumas das afetações causadas na experiência

vivida, abrindo assim caminho para novos significantes, e fazendo com que o conhecimento acerca do tema pudesse avançar (SIQUEIRA; QUEIROZ, 2014). Esse cuidado da realização da pesquisa num tempo depois é relevante em Psicanálise, pois contribui para que o pesquisador não busque comprovar teorias nos campos que se colocam, passo esse que deslocaria de uma pesquisa que se constrói a partir daquilo que emerge (DUNKER et al., 2002; SILVA; MACEDO, 2014).

Durante a realização dessa dissertação, desde o momento em que essas inquietações surgiram, e diante do processo de tratamento e elaboração, ainda na fase de contato com a teoria e com uma leitura cuidadosa dos textos dirigida pela escuta, esse trabalho passou a ser construído a partir de três eixos principais, que versam sobre a concepção de infância, o neoliberalismo e o brincar. O contato com as referências bibliográficas foi abrindo novos campos e compreensões acerca do tema estudado, e embora esse texto se encerre pelo tempo de trabalho universitário, a pesquisa sobre o tema não finda, assim como a descoberta de referências que nos levam a diferentes questionamentos. Refletimos assim como o contato com essas diferentes teorias produziu modificações no pesquisador e no “objeto” pesquisado, modificações essas realizadas através das escritas, reescritas, em um processo que não encerra em si mesmo, uma vez que apresenta diversas brechas que possibilitam sempre novos olhares e contribuições. Dessa forma, concordamos com Figueiredo e Minerbo (2006) na afirmação de que o tempo de pesquisa com o método psicanalítico é de grandes transformações daquele que se ocupa a pesquisar:

A entrega do “pesquisador” ao “objeto”, o deixar-se fazer por ele e, em contrapartida, constituí-lo à medida que avançam suas elaborações e descobertas faz desta “pesquisa” um momento na história de uma relação que não deixa nenhum dos termos tal como era, antes de a própria pesquisa ser iniciada (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006, p. 260).

Isto posto, diante das questões que cercam a temática dessa investigação, o contato com diversas perspectivas teóricas que abordam os conteúdos aqui envolvidos mostrou a relevância de uma teoria que não se funde na rigidez, estando assim aberta na comunicação com outras teorias que ajudassem na compreensão do fenômeno estudado (SILVA; MACEDO, 2014). Contudo, articular diferentes perspectivas teóricas evitando dicotomias e descaracterizações foi um grande desafio durante todo o desenvolvimento dessa pesquisa, assim como a tentativa de construir um texto que fosse possível de circular

entre diferentes espaços, atenta para o caráter público das pesquisas universitárias. Embora a intenção esteja colocada, diante dos impasses da transmissão e da escrita isso sempre se mostrou um desafio.

Assim, esse estudo buscou através das experiências vivenciadas e do diálogo com as teorias sociais e psicanalíticas refletir sobre os efeitos do neoliberalismo nos ideais de infância e no brincar. Sabemos, contudo, que as interpretações não terão como objetivo responder definitivamente as inquietações produzidas pelo fenômeno estudado, mas fundamentalmente, ampliar o olhar para que novas compreensões possam ocorrer, podendo compartilhar a experiência através da investigação e trazendo novas indagações no campo psicanalítico (SILVA; MACEDO, 2014).

Nesse sentido, essa pesquisa oferece a possibilidade de construir novos conhecimentos sem visar produzir dogmas. Diante de sua incompletude, abre caminho para novas pesquisas que possam trazer contribuições acerca do tema envolvido, dada a relevância que cerca esse debate. Atrelado a isso, reiteramos que todas as vinhetas trabalhadas nesse texto tiveram o cuidado de garantir o sigilo dos envolvidos. Os nomes apresentados não correspondem à realidade.

Diz-me como tratas uma criança que te
darei quem és (Marie-Jean Sauret).

Sobre uma infância idealizada

Nesse capítulo discutiremos algumas transformações históricas da concepção de infância na história do Ocidente, buscando nos aproximar dos ideais presentes na contemporaneidade. Para iniciarmos essa discussão, retomaremos um texto da escritora Eliane Brum⁴, publicado em 2011 na revista *Época*, e intitulado “Meu filho, você não merece nada”, que capta um certo mal-estar na atualidade, em que o ideal de felicidade ecoa como imperativo, e que nos ajuda a trazer à tona algumas questões que serão debatidas ao longo desse trabalho. No texto, a autora afirma que há um ideal de felicidade presente em nossa sociedade, cabendo aos pais⁵ o “dever” de garantir aos seus filhos esse “direito”. Com isso, a autora passa a se indagar como os pais, tomados por esse imperativo que em nada se parece com a vida e suas insuficiências, iriam garantir espaços para as crianças falarem de dor, dos sofrimentos e das insatisfações? Como lidariam com os sintomas produzidos pelas crianças nesse crescente desajuste de expectativas, e pela crescente normatização dos comportamentos? A medicalização, segundo a autora, aparece como uma saída, mas não somente ela. O consumo de produtos também se apresenta como forma de mediar o laço entre pais e filhos, nessa constante busca de barrar os furos, a incompletude. Nas palavras de Brum:

É pelos objetos de consumo que a novela familiar tem se desenrolado, onde os pais fazem de conta que dão o que ninguém pode dar, e os filhos simulam receber o que só eles podem buscar. E por isso logo é preciso criar uma nova demanda para manter o jogo funcionando. O resultado disso é pais e filhos angustiados, que vão conviver uma vida inteira, mas se desconhecem. E, portanto, estão perdendo uma grande chance. Todos sofrem muito nesse teatro de desencontros anunciados. E mais sofrem porque precisam fingir que existe uma vida em que se pode tudo. E acreditar que se pode tudo é o atalho mais rápido para alcançar não a frustração que move, mas aquela que paralisa (BRUM, 2011).

Nesse trecho do texto, Eliane Brum narra um importante aspecto para o debate sobre as relações entre os pais e filhos na contemporaneidade, que vêm sendo marcadas pela idealização da felicidade e satisfação, principalmente mediadas pela via do consumo. Esses ideais, contudo, precisam ser compreendidos considerando a relação do sujeito com

4 O texto pode ser consultado em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,EMI247981-15230,00-MEU+FILHO+VOCE+NAO+MERECE+NADA.html>> Acesso em: 11 mar. 2018.

⁵ Consideramos relevante citar que durante a construção desse texto, utilizamos os termos “pai”, “mãe”, “pais”, compreendendo que se trata de uma *função* imprescindível para a constituição subjetiva das crianças (IACONELLI, 2019).

o seu tempo. Um tempo em que a infância é tomada como uma época feliz por excelência, depositária de um tempo futuro e parte central das famílias (LAJONQUIÈRE, 2016). Esses ideais têm influenciado a relação de cuidado entre os pais e filhos, uma vez que, cada vez mais, as crianças passaram a ser vistas como o eixo do interesse familiar. Muitos desses pais, impelidos por esses ideais, buscam de forma intensa garantir a prometida felicidade, não arriscando barrar o gozo das crianças (ROSA e LACET, 2012). Com isso, buscam evitar que as crianças esbarrem nas faltas, se ocupando incessantemente na tentativa de obturá-las, tomados também por ideais de maternidade e paternidade que parecem tocar a lógica de um empreendimento pessoal, conforme discorrido no discurso neoliberal.

Assim, muitos desses pais que se veem impelidos a buscar satisfazer os pedidos de seus filhos a todo momento se culpam quando não conseguem (JERUSALINSKY, 2016). Nesse sentido, as exigências sociais sobre o cuidado com a criança também impõem ideais aos seus cuidadores, em que a tentativa de conciliar o trabalho, família, e seus próprios desejos, sem perdas, é fonte de muita angústia para estes (IACONELLI, 2019). Deste modo, compreendemos que esses pais, cada vez mais angustiados e desautorizados de seus saberes, com a crescente desvalorização da tradição, passam infantilmente a obedecer às normas e ditames (VOLTOLINI, 2016), buscando corresponder à tarefa de criar seus filhos com “sucesso”. Da mesma forma, vivemos uma epidemia diagnóstica da infância: espectro autista, déficit de atenção / hiperatividade e transtorno bipolar, que parecem indicar como esse ideal incide sobre a criança e o que dela se espera (JERUSALINSKY, 2016).

Essa forma de encarar a infância, marcada pelo direito à felicidade e à satisfação, parece impulsionar os pais a tentarem a qualquer custo evitar as frustrações, os medos e os sofrimentos dos filhos pela via do consumo, ou por outras formas que mascaram a impotência, dos filhos e de si próprios. Com isso, retomamos o texto de Eliane Brum, que descreve um pouco essa realidade:

Seria muito bacana que os pais de hoje entendessem que tão importante quanto uma boa escola ou um curso de línguas ou um *Ipad* é dizer de vez em quando: “Te vira, meu filho. Você sempre poderá contar comigo, mas essa briga é tua”. Assim como sentar para jantar e falar da vida como ela é: “Olha, meu dia foi difícil” ou “Estou com dúvidas, estou com medo, estou confuso” ou “Não sei o que fazer, mas estou tentando descobrir [...]” (BRUM, 2011).

Se, “Crescer é compreender que o fato de a vida ser falta não a torna menor. Sim, a vida é insuficiente” (BRUM, 2011), quais as consequências para as crianças a partir

desses ideais de felicidade e satisfação? Isto posto, seguiremos buscando problematizar essa perspectiva sobre a infância, tentando compreender sua historicidade e atravessamentos.

A (trans)formação da(s) infância(s)

Antes de iniciarmos a discussão acerca da (trans) formação da infância, iremos brevemente retomar a concepção de discurso apresentada por Lacan (1969-1970/1992), que fundamenta a construção dessa pesquisa “[...] a do discurso que já está no mundo e que o sustenta, pelo menos aquele que conhecemos. Não apenas já está inscrito, como faz parte de seus pilares” (LACAN 1969-1970/1992, p. 13). Nesse sentido, concebemos que nascemos em um mundo de linguagem, que precede o nascimento e ao qual nos submetemos para nos representar. “A lógica coletiva, própria a um discurso, não vou dizer que ela determina, mas sim que ela domina as lógicas individuais, fixando sua estrutura e a extensão de suas possíveis variações” (SOLER, 2018, pp. 25-26). Dessa forma, partiremos da compreensão de que o sujeito está em dependência da linguagem, sistema material dos significantes, representado pelo Outro (ASKOFARÉ, 2009), conforme Jorge (2002) apresenta abaixo:

Não havendo para o sujeito falante nenhuma realidade pré-discursiva, o discurso é definido como “o que funda e define cada realidade”. Tendo sua inscrição no mundo humano – seu lugar na ordem simbólica - produzida muito antes de seu próprio nascimento como ser vivo organismo biológico, o sujeito falante se inscreve em uma realidade discursiva preexistente, a partir dos significantes do campo do Outro (JORGE, 2002, p. 25).

Consideramos, assim, que é por meio da linguagem que o homem tem acesso ao mundo, um mundo sempre mediado por ela, em que algo sempre escapa de representação. “A cada vez que o sujeito quer tocar o mundo, este como que se afasta e o sujeito se vê de novo às voltas exclusivamente com a linguagem” (JORGE, 2002, p. 26). Nesse sentido, nesse capítulo iremos retomar diferentes significantes que foram sendo utilizados ao longo da história da humanidade para se referir às crianças, fazendo aparecer e circular novos ideais.

Dessa forma, compreendendo a concepção de infância como uma construção social e imaginária, efeito dos discursos de uma época, buscaremos problematizar os

ideais de infância feliz e protegida (e satisfeita) que passam a fazer parte do imaginário dos adultos nos dias atuais (PUJÓ, 2006), assim como possíveis consequências.

Para ponderar sobre essa temática, retomamos uma experiência em que essa tônica se fez presente, e que passou a ecoar como uma questão que precisava ser aprofundada. Será a partir dessa vinheta que prosseguiremos nessa discussão. *“Éramos eu e mais quatro psicanalistas em uma reunião com cerca de cem educadores, diretores e coordenadores de três escolas distintas, que estavam apresentando alguns dos projetos dedicados aos alunos. Durante essa reunião, uma coordenadora relatou um embate que vinham vivenciado, e disse que tinham encontrado uma forma de solucioná-lo através do empenho das professoras que estavam ali envolvidas. A coordenadora contou que sexta-feira era o “dia do brinquedo”, dia destinado para que as crianças pudessem levar os próprios brinquedos de sua casa para a escola. Esse fato, entretanto, estava trazendo muitos conflitos entre as crianças, já que muitas não levavam brinquedos de casa, e mesmo com todos aqueles disponíveis na escola, queriam brincar com o Max Steel, ou com ‘aquela boneca específica’ que somente alguns traziam. A coordenadora nos disse que isso passou a gerar muito incômodo para as professoras, ao verem a tristeza causada nas crianças e os diversos conflitos entre elas, já que muitas não podiam ter acesso àqueles brinquedos. Esse fato fez com que as professoras comprassem, com os próprios recursos, os brinquedos mais disputados pelos alunos, o que garantiu, naquele momento, maior tranquilidade para elas.”*

Essa cena, embora possa abrir discussões importantes acerca dos usos dos objetos e sobre o brincar, que serão retomadas adiante, ajuda, mais uma vez, a trazer esse engodo em que os adultos se encontram ao tentar garantir um ideal de felicidade e satisfação das crianças através dos objetos de consumo. Fato esse que não se dá isolado, como vimos anteriormente, mas reiterado pelos discursos que versam sobre a infância, pelos educadores, pais e todos aqueles que, muitas vezes, se veem impelidos a buscar a todo custo garantir a felicidade das crianças. Uma empreitada muito complicada para aqueles que se ocupam do cuidado, visto que esse ideal em nada se parece com a vida e suas vicissitudes, mas que o tempo todo retornam sob a forma de um imperativo e da culpa, já que de saída estamos todos fracassados nessa empreitada.

Assim, para que possamos seguir a construção dessa concepção que aparece naturalizada e idealizada, iremos fazer uma breve retomada histórica que auxiliará na problematização da perspectiva da infância como foco central da sociedade ocidental contemporânea. Para tanto, esse trabalho irá retomar algumas das principais perspectivas

que corroboram com a visão de que a concepção de infância responde aos determinantes políticos, econômicos e científicos de uma época.

Philippe Ariès, ao lançar a obra “História Social da Infância e da Família” em 1960, foi o precursor em tornar a infância uma categoria histórica, pois embora as crianças de carne e osso sempre estivessem presentes, ele trouxe luz à percepção de que a forma como as tratamos e cuidamos vão sendo modificadas, fazendo aparecer sentimentos novos (LAJONQUIÈRE, 2016).

Através de um longo trabalho histórico que abrange desde a Idade Média, Ariès discorre acerca das transformações percebidas ao longo dos séculos sobre a presença das crianças na vida social e política. A partir da arte greco-romana e da instituição escolar, o autor irá discutir que o sentimento de infância, tal qual o conhecemos agora, não existia anteriormente, uma vez que eram numerosos os acidentes e a mortalidade de crianças, assim como uma aparente indiferenciação entre o mundo adulto e o da criança. No período em que a sua obra foi lançada, causou grande impacto e repercussão, pois questionava a perspectiva vigente da infância como um dado natural (PACHECO, 2012). Mas ao mesmo tempo, a grande notoriedade dificultou um debate mais crítico acerca de suas teses (PUJÓ, 2006), fato esse que será discutido posteriormente.

Dessa forma, seguiremos retomando algumas discussões importantes ao longo da história sobre a presença das crianças na vida social e política, que nos auxiliam na compreensão de algumas marcas ainda presentes em nossa sociedade. Para tanto, inicialmente resgataremos algumas contribuições trazidas a partir da obra de Ariès (1960/2012), que nos conduzem a pontos relevantes para pensar a infância como uma construção histórica e imaginária.

Nesse sentido, é a partir da análise da arte medieval que Ariès justifica a construção dos seus argumentos, apontando que em meados do século XII a infância era desconhecida ou não era representada. Segundo o autor, no século XIII as crianças eram predominantemente retratadas como homens de tamanhos reduzidos. “No mundo das fórmulas Românicas e até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido” (ARIÈS 2012, p. 18). Nesse mesmo século, segundo o autor, surgiram crianças sendo retratadas de forma similar ao sentimento angelical moderno, e foi durante o século XIV que uma nova forma de representação passou a emergir na arte italiana, através dos retratos do menino Jesus. Esses retratos, destaca Ariès (1960/2012), estavam arraigados em uma concepção encantadora da infância, tendo grande importância na disseminação desse novo

sentimento que emergia com sua representação cada vez mais profana ao longo desse século, e favorecendo também o surgimento de lendas e contos com a presença de crianças (ARIÈS, 2012).

No século XV, aborda Ariès (2012), emerge um novo tipo de representação da infância: o *putto*, pintura característica do renascimento em que as crianças são representadas nuas. Essas pinturas indicavam, segundo o autor, além do gosto pela nudez, um movimento crescente em favor da infância. Entretanto, o autor discute que naquele período a indiferença das famílias ainda era muito forte em relação às crianças, uma vez que estas morriam com muita frequência. Porém, ao longo do século XVI, cada vez mais as mortes das crianças passaram a ser representadas através dos nomes esculpidos em túmulos, revelando, segundo Ariès, um apego maior em relação a elas. No decorrer do século XVII houve uma intensificação da influência do Cristianismo nos costumes, introduzindo aos poucos a noção da alma infantil como mortal, bem como novas práticas de higiene e o progressivo aumento do controle de natalidade, que permitiram superar, aos poucos, a ideia de que era necessário ter várias crianças para que algumas pudessem sobreviver (ARIÈS, 2012).

A obra de Ariès discute que embora o aparecimento da infância na arte comece a ser exposto a partir do século XIII, no final dos séculos XVI e XVII teremos a proliferação de seus sinais. “Foi no século XVII que os retratos de crianças sozinhas se tornaram numerosos e comuns. Foi também nesse século que os retratos de família muito antigos tenderam a se organizar em torno da criança, que se tornou o centro da composição” (ARIÈS, 2012, p. 28). Trata-se de um século importante, dadas as novas configurações familiares, com grande influência dos valores e concepções cristãos, em que as crianças passaram a ser batizadas cada vez mais cedo, conforme discorre Pacheco (2012):

Mas é a partir do século XVII que se passa, finalmente, a designar a infância de modo mais preciso, surgindo, inclusive, um esforço para falar das crianças menores, ainda que subsistisse a ambiguidade entre a infância e a adolescência. Embora as condições demográficas não tenham se alterado drasticamente do século XIII ao XVII, o sentimento em relação à criança se transformou: passa-se a considerá-la um indivíduo possuidor de personalidade própria, o que sofreu forte influência da assimilação popular de valores e concepções cristãs, tal como a ideia da imortalidade de alma (PACHECO, 2012, p. 49).

Nesse caminho sobre a construção social da infância, a partir da obra de Ariès, evidenciamos que as vestimentas também foram importantes símbolos sociais daquela época e continuam relevantes para pensar seu universo na atualidade. Dessa forma,

conforme discute o autor, se no período medieval não havia distinção entre as roupas utilizadas pelas crianças e pelos adultos, no século XVII a criança nobre ou burguesa passou a ser vestida de forma distinta dos demais (ARIÈS, 2012). Segundo o historiador, embora naquele momento não houvesse diferença entre as roupas utilizadas pelos meninos e meninas até a idade de quatro anos, foi possível discorrer que o sentimento de infância beneficiou primeiro os meninos. Esse fato, conforme discorre Ariès, nos revelaria que a hegemonia dos valores patriarcais atravessou os ideais de infância:

Assim, partindo do século XIV, em que a criança se vestia como adulto, chegamos ao traje especializado da infância, que hoje nos é familiar. Já observamos que essa mudança afetou sobretudo os meninos. O sentimento da infância beneficiou primeiro os meninos, enquanto as meninas persistiram mais tempo no modo de vida tradicional que as confundia com os adultos: seremos levados a observar mais de uma vez esse atraso das mulheres em adotar as formas visíveis da civilização moderna, essencialmente masculina (ARIÈS, 2012, p. 44).

Dessa forma, passamos a compreender, baseados na perspectiva do autor, que o sentimento de infância não se deu de forma igualitária entre todas as crianças da época. Houve distinção entre os gêneros, assim como foi possível observar que as crianças das classes populares permaneceram por mais tempo em um modo de vida que não era separado dos adultos. Ainda, refletindo a partir da obra de Ariès, a educação também teve papel preponderante na construção do ideal de infância moderno. Ao longo dos séculos na Europa, a crescente concepção dos moralistas e dos educadores de que a infância era um período de fragilidade, que exigia uma intervenção para torná-las seres humanos racionais e cristãos, transformou significativamente a instituição escolar (PACHECO, 2012), conforme discute a autora:

Desde o século XV, o colégio havia se tornado um instrumento para a educação na infância e na juventude em geral, não mais se restringindo apenas à formação clerical. Ele reabriu para os leigos, nobres e burgueses, e paulatinamente também para as famílias menos abastadas, tornando-se desta forma uma instituição essencial da sociedade moderna. No século XVI já havia um início de distinção das classes escolares por capacidade, esboçando uma conscientização da existência de várias categorias no interior da infância. Entretanto, a clara distinção entre a primeira infância e a infância escolar só fica caracterizada realmente a partir do século XVII (PACHECO, 2012, p. 50).

Postman (2005), contudo, em seu livro “O desaparecimento da infância”, introduz a concepção de que a tipografia é que permitiu aparecer a infância enquanto uma categoria: “a escrita tem vocação segregatória, na medida em que exige um preparo e uma iniciação artificialmente construída” (PACHECO, 2012 p. 52), ou seja, na medida em que

as crianças foram excluídas do mundo letrado, foi possível a invenção de um novo mundo para elas. Para o autor, este fato não aconteceu de forma repentina, tratando-se de um processo que se deu ao longo do século XVII. Esse processo foi se consolidando no século XVIII, incentivado também pelo surgimento de saberes ligados às crianças e publicados em livros específicos, que fomentaram o advento de ideias pedagógicas e da Pediatria, ramo da Medicina voltado para as crianças (PACHECO, 2012).

Postman (2005) refletirá também sobre a influência das ideias de Locke e Rousseau para a compreensão das crianças. Segundo compreende Postman (2005), o trabalho de John Locke, ao tomar a criança como uma tábula rasa, travava uma crítica ao inatismo presente no período, tornando-se um importante expoente na defesa da educação como forma de garantir a inserção da criança à cultura e de torná-la um ser social. “Postman vê na concepção lockiana a realização literal de sua hipótese da relação entre o advento da impressão tipográfica e a infância: a criança seria um livro a se escrever!” (PACHECO, 2012, p. 58). Na perspectiva de Postman (2005), Rousseau foi responsável pela ideia de inocência infantil, uma vez que compreendia que a criança nascia boa e a sociedade a corrompia. Dentro dessa concepção, o papel da educação também passa a ser preponderante, contudo, para assegurar que as virtudes do homem não sejam prescindidas na vida em sociedade.

Freud (1905/1996) também trouxe grande impacto social ao publicar seu texto “Três Ensaios da Sexualidade” com a concepção de sexualidade infantil, que contrariava a ideia de ingenuidade presente na época, permitindo assim retirar a criança da ignorância, podendo favorece-la com isso (PUJÓ, 2006). Essa concepção trouxe contribuições para o imaginário social, e embora não iremos nos aprofundar nessa temática, nos interessa aqui compreender que esse conhecimento também passou a ser assimilada na sociedade.

Seguindo nessa perspectiva de retomar importantes obras que trouxeram reflexões sobre as transformações históricas das concepções de infância, surgiram em meados dos anos 1990 novos estudos que passaram a questionar o trabalho de Ariès, desde sua metodologia até as conclusões. Esses estudos levaram o próprio Ariès a relativizar seu trabalho, embora possamos pensar que sua grande contribuição seja marcada justamente por tomar a infância como um objeto histórico (PUJÓ, 2006). Nesse sentido, Pujó (2006), retoma a obra de Pierre Riché e Danièle Alexandre Bidon (1994) denominada “L’Enfance au Moyen Âge”, que refuta as teses de Ariès a partir de novos estudos da iconografia pictórica do período medieval, assim como da Literatura e do Direito, que demonstram que naquele período os pais já possuíam interesse específico em relação às crianças. Esse

fato podia ser observado através dos diferentes termos utilizados no período para nomeá-las, assim como as diversas expressões culturais específicas para elas.

Contudo, podemos refletir que a obra de Ariès trouxe uma importante compreensão da arte em sua capacidade de traduzir e fomentar a subjetividade de uma época, uma vez que, a partir dela, podemos ter acesso às formas de representação do mundo, da vida e da infância. Importante também considerar que para compreender a subjetividade de uma época, é essencial um olhar que considere sua complexidade, evitando assim uma resposta única e determinista (PUJÓ, 2006).

Nesse sentido, para ampliar essa discussão, devemos considerar as transformações sociais ocasionadas pela ascensão do capitalismo, que fomentaram o lugar de destaque que a infância passou a ter na modernidade, e que trazem elementos importantes para pensar essa pesquisa. Uma vez que os privilégios do período feudal eram sustentados através dos laços de sangue, transmitidos ao longo das gerações, o advento das revoluções burguesas exigiu uma nova configuração familiar que sustentasse o olhar para o progresso e o futuro, como forma de garantir o privilégio oriundo das riquezas acumuladas. Assim, se durante o período feudal a perspectiva do passado fomentava privilégios, com a burguesia em ascensão essa visão se lança ao futuro, no porvir, e com isso as crianças passam a ter lugar de destaque nas famílias e na sociedade (PUJÓ, 2004). Nesse ponto Lajonquière (2016) acrescenta:

[...] as crianças passaram a ser depositárias da diferença que os modernos aos poucos foram projetando para frente e, assim, abrindo no ponto de fuga do horizonte a possibilidade de um tempo futuro. Ocupar-se e preocupar-se com as crianças era gestar uma diferença no âmago dos tempos, e assim a criança passou a ser rainha num tempo em que os reis deixaram de reinar (LAJONQUIÈRE, 2016, p. 83).

Dessa maneira, as crianças passaram a ser tomadas como o centro das famílias, herdeiras, investidas de um futuro sonhado pelos adultos que buscam romper os limites do tempo e a finitude, fazendo emergir os ideais de felicidade e proteção (PUJÓ, 2004). Esse aumento do interesse pelas crianças possui relação direta com as transformações sociais e demográficas, podendo ser observado através da preocupação com a infância, assim como por uma certa vigilância ao cuidado dispensado (HANSEN, 2006).

Embora compreendamos a infância como uma construção histórica, nos dias atuais cada vez mais há uma tentativa de naturalização e universalização de ideais de infância. Essa perspectiva que toma a infância como um dado natural, único, ecoa no

senso comum. Entretanto, precisamos questioná-la, pois tomar a infância como uma evidência biológica e natural impede que problematizemos os lugares que reservamos a ela em nossa sociedade, assim como dificulta que possamos ponderar para diferentes experiências de infância nos dias atuais (HANSEN, 2006, KATZ, 2019).

Portanto, esse trabalho retoma a perspectiva de AGAMBEN (2014) de que a infância não pode ser isolada como um tempo cronológico, independentemente da linguagem, pois é através da linguagem que o homem se constitui. “[...] infans é o nome de uma indeterminação biológica muda lançada ao campo da palavra e da linguagem” (LAJONQUIÈRE, 2016, p. 76).

Dessa forma, entendendo as diferentes experiências de linguagem a partir de diferentes culturas e diferentes sociedades, reitera-se a relevância de questionar o paradigma de uma única infância, que vai sendo tomada como ideal. As diferentes culturas e a diversidade de universos produzem experiências distintas sobre o que é ser criança. Interessante notar que ao longo da história, a definição de criança esteve mais atrelada à perspectiva do trabalho do que à idade (PUJÓ, 2004), e essa diferenciação, ainda nos dias de hoje, é atravessada pelas desigualdades sociais, já que para algumas crianças o trabalho é parte do cotidiano, ao passo que para outras, é impensável. Por conseguinte, corroborando com a perspectiva de que a infância não é um dado natural, assim como a experiência sobre ser criança está atrelada à diversidade cultural e sociopolítica (KATZ, 2019), retomamos uma cena que reafirma a necessidade de pensar a infância a partir dos efeitos de raça, gênero e classe social, que produzem novas perspectiva sobre ser criança, assim como trazem à tona a concepção de que a infância idealizada não é a infância de todas as crianças.

Essa cena se passou em um dos encontros realizados com crianças imigrantes durante o período em que estivemos desenvolvendo o trabalho com elas. *“Foi lá que conheci Helena, uma menina de onze anos que vinha para nosso encontro acompanhada de duas irmãs, uma de nove e outra de um ano de idade. A menor, sempre nos seus braços, no seu colo, sendo cuidada por ela. Durante os primeiros encontros percebemos que Helena sempre ficava de canto, observando as crianças brincarem, às vezes com a irmã no colo, outras vezes segurando o carrinho de bebê. Discutimos, assim, a importância de tornar aquele um espaço para todas as crianças. No encontro seguinte, ao me aproximar, percebi que aos poucos a caçula foi ganhando confiança, e passou a circular entre nós, ficando também no meu colo. Helena permanecia sentada, distante das demais crianças que estavam espalhadas pelo chão e desenhando em folhas de sulfite. Então me aproximei*

de Helena e começamos a conversar. Ela me disse que sua irmã era muito apegada, já que era ela, Helena, quem tinha a responsabilidade de cuidar da caçula. Ela ainda cuidava de toda a casa, e só não precisava cuidar da irmã de nove anos, que estudava em tempo integral. Durante nossa conversa, foi me falando um pouco da sua rotina cheia de afazeres, desde a limpeza da casa até cozinhar para toda a família. Perguntei qual era a comida que ela fazia e que mais gostava, e ela então me disse que era o molho com carne. Contou ainda que os pais trabalhavam o dia todo dentro da casa dela, costurando. Em algum momento da nossa conversa perguntei do que ela mais gostava de brincar. Então ela me olhou e disse que não brincava. Insisti perguntando “nem na escola?” Então ela sorriu e me disse, “ah, na escola sim, na escola eu posso brincar”. Logo em seguida, me pediu folhas para poder pintar, e se juntou aos demais no chão, enquanto eu e a caçula passamos a circular pelo espaço”. O contato com Helena e a sua fala sobre não brincar gerou um grande incômodo, que trouxe a importância de refletir sobre as diferentes experiências sobre ser criança em um país atravessado por desigualdades sociais. A partir dessa e de diversas experiências com realidades distintas, em que as crianças vivenciam suas infâncias, tornou-se necessário problematizar os ideais de infância contemporâneos, marcado pela perspectiva de felicidade e proteção que ecoam a partir de um caráter universal e natural da infância (LAJONQUIÈRE, 2016). Com isso, reiteramos a necessidade de retomar a infância como um dado histórico, tão importante para que possamos nos questionar sobre os espaços que destinamos e os cuidados que passamos a ter com as crianças nos dias de hoje, assim como sobre as desigualdades que versam essas experiências (KATZ, 2019).

Dessa forma, concordamos com Katz (2019) que precisamos de um significante que abarque as diferentes experiências de ser criança em uma sociedade desigual: infâncias, no plural. “A reserva do significante ‘infância’ para apenas nomear a infância que confirma os ideais de cada época, proporciona a instituição de um engodo, e contribui para mantermos em pé a ficção de que protegemos todas as crianças” (KATZ, 2019, p. 88).

Isto posto, nos indagamos sobre esses ideais que circulam sobre a infância e apontar suas contradições frente a realidades tão desiguais se torna muito importante para que possamos compreender esse tema em sua complexidade, retirando a fantasia dos adultos de que estão protegendo a infância se a tomam como a-histórica ou universal, seja através do princípio jurídico de “prioridade absoluta”, ou através de políticas públicas, que não considerem a importância de um olhar atento as desigualdades e as diferentes

experiências das crianças, já que essas proposições impactam as possibilidades de resposta frente aos lugares dispensados. Assim, assentimos com Katz:

A questão é que toda e qualquer infância se realiza na experiência política da ocupação das cidades. O lugar atribuído à alteridade e os tratamentos que imprimimos na lida com o outro são, necessariamente, decisões políticas que afetam as infâncias, e que decidem a vida das crianças (KATZ, 2019, p. 90).

Dessa maneira, se nos dias atuais, a infância passa a ser compreendida de forma homogênea como prioridade nas famílias e na sociedade, essa pesquisa procurou, nesse primeiro momento, desconstruir essas concepções que prevalecem em nossa sociedade, apresentando algumas de suas contradições, e seguirá se interrogando: qual o interesse em sustentar e fomentar os ideais de infância nos dias atuais?

Isto posto, considerando a relevância da infância atualmente, esse trabalho buscará discutir como o mercado e as ciências serão preponderantes para fazer circular os ideais de infância atuais, assim como questionar como elas serão escutadas a partir do momento em que se tornam prioridade. Quais as transformações sobre o cuidado e a transmissão quando as crianças se tornam tão relevantes? A Psicanálise pode contribuir nessa discussão?

Ciências e infância

Sabemos que a partir das revoluções burguesas uma nova forma de organização de vida passou a ser construída, com a necessidade de marcar o “novo cidadão”. Para essa demarcação, a ciência do período teve grande relevância, pois foi através dos seus atributos que passou a diferenciar a criança e o adulto, abrindo assim um novo campo de especialização do saber, que corroborava para garantir a separação de ambos em mundos distintos (SAURET, 1998).

As principais formulações oriundas do período partiam de uma perspectiva científica, que embora trouxesse à cena um novo campo de conhecimento que se ocupava da criança com grande interesse, era fundamentada numa lógica que as tornava objetos dessa ciência, fazendo assim com que elas fossem silenciadas enquanto objetos (SAURET, 1998).

A ciência médica da época passou a formular as leis do desenvolvimento das crianças, assim como da aprendizagem, trazendo com isso a relevância de educar quem educa a criança, para que o progresso familiar pudesse ser instalado em um contexto de contínua valorização da infância. Interessante notar que à medida que os cuidados da criança e do recém-nascido passaram a ser ditados pelos médicos higienistas, cada vez mais houve uma desvalorização das práticas tradicionais, que passaram a ser desautorizadas, uma vez que eram consideradas selvagens e supersticiosas (KUPFER, 2016; RAGO, 2014).

Outro ponto relevante sobre a ciência médica que passou a se ocupar da infância é que quando ela passa a se interessar e definir aquilo que poderia ser nomeado como infância, a partir da sua objetificação, essas formulações estavam correspondendo aos interesses de legitimação e regulação da vida cotidiana. Nesse sentido, será com o conhecimento sobre a infância que o saber médico se projetará na política, se colocando como indispensável para a sobrevivência física e moral das crianças e dos adultos (RAGO, 2014).

Vale salientar que o discurso médico partia das classes dominantes, que condenavam praticamente todas as práticas populares de cuidado com a infância, transmitidas, até aquele momento, de forma oral de geração em geração, afirmando assim que o conhecimento científico estava em consonância com os interesses econômicos e políticos daquela época, assim como nos ajuda a refletir Rago (2014):

Na verdade, em nenhum momento procura-se pensar positivamente as práticas tradicionais das mães nos cuidados com os filhos e explicá-los em função de uma outra racionalidade. Ao contrário, o poder médico visa impor-se como único competente para determinar regras universais de conduta da população não apenas em relação ao corpo, desautorizando todos os saberes antigos fortemente enraizados nos meios populares. Batalha que certamente não foi vencida (RAGO, 2014, p. 170).

Dessa forma, a crescente desvalorização do saber familiar e a crescente valorização do saber médico são o que nos dias de hoje podemos chamar de “medicalização da infância”, um saber que se coloca “[...] nos usos e nos costumes educativos, transformando a antiga educação que visava a edificação ético-política do ser social em um assunto de horário de mamadas e de crianças aquietadas” (KUPFER, 2016, p. 112) e ainda, um saber que se coloca totalizante, que presume que todas as explicações humanas podem ser definidas pela Biologia.

A Psicologia que se ocupa das crianças no século XIX também se instaurou a partir de um processo de objetificação da ciência, pautada pela perspectiva desenvolvimentista e biologizante do homem, que buscava atestar teorias que poderiam ser compatíveis com as exigências do capitalismo. Esse fato se acirra nos dias atuais, com a assunção das teorias cognitivas e neurológicas, em que o “saber” sobre as crianças passa a ser consonante com a perspectiva de performance em um mundo altamente competitivo.

Dessa forma, podemos observar que o conhecimento científico está atravessado ideologicamente, correspondendo aos interesses econômicos. Assim, podemos refletir que nenhuma teoria do conhecimento se sustenta apenas pelo seu valor epistemológico. É necessário que existam políticas que as corroborem e as legitimem (VOLTOLINI, 2016). E é diante desse cenário que nos dias atuais podemos ver uma crescente desvalorização de trabalhos que tragam a perspectiva humana como central, que procurem compreender a complexidade que envolve o ser humano, evitando a normatização dos comportamentos (VOLTOLINI, 2016). Dessa forma concordamos com Voltolini (2016) que:

[...] ao contrário do que se pensa comumente, o quanto o mercado e poder público trabalham dentro de uma mesma lógica, lógica de mensuração, avaliação e rentabilização. A ciência, por sua vez, viria a dar os instrumentos necessários para que ambos, o mercado e o poder público, possam garantir sua eficiência (VOLTOLINI, 2016 a, p. 46).

Nessa perspectiva, o discurso médico se torna cada vez mais importante para definir o que vem ser, nos dias atuais, os comportamentos considerados “normais”, com a crescente valorização de diagnósticos do tipo DSM⁶, em que aqueles que não correspondem aos ideais presentes na época passam a ser nomeados como tal, reforçando assim seu caráter segregador.

É importante considerar que, nos dias atuais, a crescente valorização do consumo colabora para que essa lógica perpassasse as formas de cuidado e saúde, e coloque em grande oferta os saberes valorizados e destinados para aqueles que supostamente deveriam fazer isso pelas crianças: os adultos. Ao mesmo tempo em que vão sendo desautorizados do seu saber, os adultos passam a receber, cada vez mais, diversos “manuais” acerca das melhores práticas com as crianças. Os ideais que cercam a infância são ofertados pelo

⁶ DSM – O Manual de Diagnósticos e Estatístico de Transtorno Mentais, que está em sua 5ª edição, desenvolvido pela Associação Americana de Psiquiatria.

mercado, recheado de produtos e conhecimentos que visam garantir uma infância dita “normal”.

Atrelada a isso, a crescente valorização da genética e das neurociências imputa um discurso determinista, que busca retirar do adulto a responsabilidade de transmissão na relação com as crianças. Fato esse que precisa ser problematizado, para que possamos refletir acerca dos lugares que as crianças passam a ocupar em nossa sociedade.

Nesse sentido, podemos compreender que a ciência vem sendo instrumentalizada para garantir e fomentar os ideais ofertados pelo mercado, em que as crianças são tomadas cada vez mais como objetos, e os adultos passam a ser desautorizados do saber educativo, ficando ainda mais vulneráveis aos ditames do discurso neoliberal.

Crianças, adultos e suas fronteiras: autoridade e transmissão.

Quando uma criança chega ao mundo, ela entra em contato com uma realidade que já existia antes dela, que já possuía suas próprias leis, valores, língua, que dela independem, mas que serão fundamentais no seu processo de constituição. Será a partir do mundo que a princípio é apresentado pelo adulto que as crianças poderão reagir a ele. Os adultos, nesse sentido, serão fundamentais na sustentação do novo bebê, uma vez que não há sujeito que se constitua à revelia do laço social (SOLER, 2018).

Para seguir nessa discussão, retomamos Freud que trouxe uma importante reflexão em “A introdução ao narcisismo” (1914/2010), acerca da concepção da criança como rainha “*His majesty the baby*” (p. 37) que explicita a relevância da criança nas famílias e discute que o amor dos pais é uma forma de narcisismo renascido, que vai se colocar em relação à criança como objeto do seu investimento libidinal. Essa situação, entretanto, traz em si um paradoxo em que a criança é colocada como rainha e ao mesmo tempo vê sua liberdade ser cerceada, sob o risco de ficar presa na busca de corresponder a esses ideais parentais. Uma questão que se coloca na contemporaneidade é como se sustenta a transmissão, se vivemos em um contexto em que a criança vai ganhando um status de rainha, e os adultos se veem reduzidos na sua capacidade de cuidar e de sustentar a experiência da infância?

Foi Lacan (1967/2003) quem advertiu sobre uma subversão sem precedentes, com a fusão do capitalismo e da ciência, em que a universalização e a homogeneização faz emergir a criança generalizada, com consequências para o laço social. A criança

generalizada é assim, efeito de um culto à juventude que passa a se tornar cada dia mais preciosa e detentora do saber, em detrimento dos anciões, antes considerados sábios, mas que foram sendo desacreditados, despidos da autoridade que lhes era conferida, já que o advento da ciência moderna trouxe como premissa a desvalorização da experiência oriunda do acaso, passando somente a valorizar a experiência controlada: o experimento (AGAMBEN, 2014). Além do mais, o discurso que circunda o mundo do trabalho corrobora com a crescente valorização dos jovens em detrimento dos mais velhos, que passam a serem considerados ultrapassados (SOLER, 2018). Essas mudanças de perspectivas trazem consequências, que Soler (2018) nos ajuda a refletir:

Mas será que os estragos da criança generalizada, com o que isso implica a respeito das disparidades clássicas entre a autoridade do adulto e a criança obediente, mas também entre os professores e alunos, portanto o final de sua hierarquia não se perceberia no que se começa a lamentar em relação à criança, não apenas indomável, mas por vezes tirana, nas famílias ou na escola? (SOLER, 2018, p. 23)

A criança tirana, ou rainha, se coloca assim no nosso tempo, um tempo em que as fronteiras que separavam o mundo dos adultos e das crianças vão sendo removidos, principalmente pelo discurso da ciência e do neoliberalismo, mas isso não é sem efeitos. Não cessam de chegar as queixas dos educadores e daqueles que exercem a função parental sobre crianças que não têm limites. Mas é fato que as crianças têm aprendido através dos discursos de sua época que estão em igualdade de direitos com aqueles que as educam, em suas famílias, e em tempos de valorização de um gozo sem limites. O que se coloca é um engodo, pois não há formação possível sem limitação do gozo (LACAN, 1967/2003). “O laço social inclui sempre uma violência, somente ele impõe uma ordem” (SOLER, 2018, p. 23).

A partir desse ponto, podemos inferir que o que se coloca aqui em questão não se trata da adultização das crianças, mas o risco do desaparecimento da infância, uma vez que ela não pode se proteger por si mesma, se não com uma figura que garanta que isso aconteça, o adulto (PUJÓ, 2006). E é a partir dessa perspectiva que se torna importante refletir sobre a desvalorização da historicidade e conseqüentemente da autoridade sobre um saber que vem antes das crianças. Um saber e um “não saber”, dado que muitas vezes ele é inconsciente, mas que precisam de alguém que figure como uma autoridade para que possa ser transmitido (ENDO, 2016).

Nessa perspectiva, a Psicanálise é constantemente atacada quando se ocupa em problematizar a relação das crianças com os adultos, pois entra em choque com os ditames da ciência dominante que interessam ao neoliberalismo. Porém, através da teoria psicanalítica podemos refletir que algo importante pode se perder ao destituir o saber das famílias, que é justamente o saber inconsciente dos pais, que transmite aos filhos um saber com poder educativo (KUPFER, 2016). “O saber inconsciente é um saber não sabido, mas justamente porque é não sabido que tem poder de transmissão” (KUPFER, 2016, p. 116).

Ademais, considerando o saber inconsciente na transmissão, somamos a ele a importância na formação de uma sociedade e na constituição de um sujeito, a valorização de um saber histórico, que preserve o passado, inclusive como forma de poder refletir sobre o futuro, sem o qual corremos o risco de repeti-lo, como sintoma (ENDO, 2016). Essa tem sido uma grande questão nos tempos atuais, em um projeto de sociedade marcado por uma crescente valorização do tempo vindouro, com desprezo pelas histórias, pelas tradições, em que o mundo passado vai sendo nomeado como obsoleto, assim como as máquinas vão minando a autoridade daqueles que justamente podem fazer a ponte entre o passado e o presente. O fascínio pelo novo corrobora uma crise da tradição contemporânea, que é uma crise da relevância da transmissão pela autoridade. Nesse sentido, concordamos com o autor:

A crise da tradição é, certamente, a crise da autoridade como meio de transmissão. Essa crise, visível em todos os lugares, fragmenta a experiência pública e política em tantos estilhaços quantos forem os indivíduos, e desorienta o sentido do porvir, da mesma maneira como quer sobrepor histórias pessoais medíocres e horizontais à história comum e coletiva que, por sua vez, rapidamente perde o interesse em favor daquilo que é inédito, novo e atual (ENDO, 2016, p. 190).

É importante considerar que a autoridade que se coloca como uma imposição necessária à transmissão não visa trazer aos adultos um poder irrestrito e violento em relação às crianças, mas justamente poder trazer limites ao gozo e sustentar o tempo de infância como um tempo de necessidade e auxílio alheio, sem o qual podem trazer grandes consequências subjetivas e sociais. Contudo, a autoridade não se coloca por si própria, por isso não podemos tomá-la como sinônimo de pessoa que tem posição de poder. Ela está em relação ao discurso social, e só poderá se dar com esse suporte singular (MINNICELLI, 2014).

Dessa forma, podemos compreender que é o efeito dos discursos da ciência e do neoliberalismo que vai movendo as fronteiras do mundo das crianças e dos adultos na contemporaneidade. Assim, a desvalorização crescente da autoridade e da história expõe as crianças desde muito cedo aos ditames do mercado, que reitera, cada vez mais, uma infância “autônoma”, emancipada.

[...] o mercado de consumo *livre* requer uma infância emancipada de qualquer advertência sobre os interesses espúrios que têm aqueles que buscam usufruir com corpos e almas infantis. Requer ser livre de toda restrição de transmissão intergeracional de cuidado. Requer novas gerações serem a-históricas e atemporais. Emancipadas de toda filiação e genealogia, caem livres de toda autoridade e sujeição (MINNICELLI, 2016).

Assim, problematizamos com isso a força do discurso do mercado, que tendo como aliado o discurso científico, vão cada vez mais tornando as infâncias objetos, sujeitadas a uma normatização que perpassa o cuidado e as relações familiares. Assim como a perspectiva educacional que é incentivada, em que se busca evitar a insatisfação das crianças, posto que para o desenvolvimento do desejo é necessário um obstáculo, a passagem da infância para a vida adulta não pode se dar sem perdas (VOLTOLINI, 2011).

É nesse contexto que, progressivamente, proliferam os saberes sobre a infância, que determinam os cuidados que devemos destinar a elas. Assim, diante de ideais de infância que reafirmam o imperativo da criança feliz e satisfeita, e com aqueles que exercem o cuidado sendo o tempo todo desautorizados do seu saber, é preciso, cada vez mais, consumir as melhores técnicas no trato com as crianças, visando com isso sustentar a fantasia de que é possível garantir o “sucesso” delas, que poderíamos questionar se não se trata de garantir o próprio “sucesso” nessa empreitada. A Psicanálise, contudo, se coloca crítica às teorias que procuram normatizar uma família ideal com verdadeiros manuais que assegurariam o “sucesso” na criação de filhos felizes.

Considerações sobre as crianças: uma leitura psicanalítica

Seguindo na tônica que envolve as infâncias atualmente, podemos refletir que embora cada vez mais as crianças sejam tomadas por discursos objetificantes, essa não é uma leitura única entre as diferentes perspectivas que se ocupam dessa temática. Dessa

forma, retomaremos algumas contribuições da Psicanálise de orientação lacaniana que nos ajudam a refletir sobre as crianças, atentos à dimensão de sujeito e aos laços sociais.

A Psicanálise de orientação lacaniana compreende que a criança, enquanto sujeito, formula suas respostas, que podem ser variadas, a partir do laço social em que estão inseridas. Assim a criança, ao chegar no mundo, se depara com uma realidade discursiva que existe antes mesmo de seu nascimento, sendo uma das suas primeiras tarefas encontrar significantes que a representem, possibilitando perguntar quem se é. (RODULFO, 1990; SAURET, 1998). Importante considerar que os significantes utilizados pelos adultos para nomear as crianças, conforme vimos ao longo desse texto, estão relacionados aos discursos de sua época e produzem efeitos nas crianças, conforme discute o autor:

Portanto, quando nos perguntamos o que é a criança, em psicanálise, localizamos certas coisas que denominamos significantes, as quais têm muita relação com a formação dessa criança; porém estas coisas não são necessariamente produzidas por ela, inventadas por ela, nem ditas por ela; ao invés disso, costumamos encontrá-las nos lábios e ações daqueles que a rodeiam (RODULFO, 1990 p. 25).

Contudo, não devemos supor um poder automático ao significante, uma vez que na Psicanálise inferimos que “na multiplicidade de caminhos do inconsciente jamais existe um só itinerário possível, e a experiência nos obriga a defender o princípio da multiplicidade de respostas” (RODULFO, 1990 p. 23). Sendo assim, não devemos perder de vista a perspectiva de que a criança pode produzir algo novo a partir do que lhe foi disponibilizado.

Outra contribuição relevante para o tema diz respeito à percepção de que as crianças têm um saber que precisa ser considerado, distinto do adulto, uma vez que se apoia em outros registros simbólicos, e que, portanto, devem ser escutados (KATZ, 2019), assim como discute Dominique (2016):

O adulto sabe que a criança sabe, mas o renega voluntariamente, tanto que a criança aspira ser reconhecida como sabendo o que ela sabe, da maneira que ela sabe, em assuntos essenciais tais como o que toca a vida e morte (DOMINIQUE, 2016, p. 66).

Essa concepção de saber colocada pela Psicanálise implica também estar atento na compreensão da criança a partir da perspectiva de sujeito. A concepção de sujeito na

Psicanálise lacaniana não se define a partir da idade, mas sim dependente da linguagem. Assim, o sujeito é compreendido como resposta do real ao significante, emergindo como consequência, embora nem todo o real do sujeito seja passível de significação. (SAURET, 1998) KATZ (2019) traz a compreensão da criança como o significante que agrega os determinantes da época e os termos do desenvolvimento em um tempo da infância, marcando assim que é no tempo de infância que o sujeito irá se ocupar da criança (KATZ, 2019).

Seguindo nessa perspectiva, SAURET (1998) discute que o sujeito não se desenvolve com o passar do tempo, não tem idade, e que algumas marcas permanecem quando o sujeito se torna adulto, sendo nomeadas de infantis, ou seja, aquilo da criança que não foi desenvolvido e, portanto, permanece, um traço de gozo que não se pode eliminar, nas palavras do autor:

Essa observação faz constatar a invenção Freudiana no infantil: no infantil é o que da criança não se desenvolve, porque se trata daquilo que o sujeito é como gozo ineliminável, irredutível, que ele deve ao fato de ser falante. Não podendo separar-se dele, resta o recurso do recalçamento [...] (SAURET, 1998, p. 62).

A criança, enquanto sujeito, será distinta do adulto, segundo Vallas (1991) pelos diferentes níveis em relação: aos significantes, ao gozo, a historicidade e ao ato. Lacan (1967/2003) trouxe a dimensão ética do gozo, em que o adulto é aquele que se responsabiliza e responde pelo gozo. Nesse sentido, passamos a conceber que o adulto também não pode ser definido por uma dimensão cronológica, uma vez que a criança pode se perpetuar, e com isso é importante termos o cuidado, a priori, de considerar o adulto como suposição (SOLER, 2018).

Outra contribuição acerca da Psicanálise se refere à importância do desejo na constituição de um sujeito, pois embora nos dias atuais os discursos sobre a genética e hereditariedade venham trazer uma fantasia de onipotência ao homem, o que se coloca em questão com a Psicanálise é que ter filhos não garante sujeitos, é preciso um desejo que não seja anônimo (LACAN, 1969/2003; SAURET, 1998). Do mesmo modo, essa concepção pode fazer furo aos discursos moralistas que pretendem prescrever fórmulas familiares que assegurem a criação de crianças ditas “normais”, ou seja, as crianças que correspondem aos seus ideais. “Não há fórmula familiar nenhuma que garanta

absolutamente nada, nem antes, nem agora, nem amanhã” (LAJONQUIÈRE, 2014, p. 52).

A criança, conforme nos adverte a Psicanálise lacaniana, é tributária da relação com a linguagem do Outro que se ocupa do seu cuidado, que a toma a partir de um lugar de desejo (LACAN, 1969/2003) e que expressa o dialeto dos discursos de sua época, da sua cultura. As experiências que são fixadas na infância, em um tempo de dependência em relação aos adultos, serão constituintes de nossa singularidade, a partir de marcas que, além da estrutura, irão perdurar no tempo de vida do sujeito (SOLER, 2018).

Dessa forma, concordamos com Vallas (1991) e Soler (2018) que a posição da criança em relação ao adulto, que fala o dialeto dos discursos de sua época, corrobora para que ela seja tomada como objeto, uma vez que a chegada da criança ao mundo a coloca à mercê do Outro que passará a cuidar dela, de forma real e simbólica. Será a partir disso que a criança passará a se questionar e a responder, imaginando o que ela é para esse Outro. Importante também considerar que, desde Freud, a criança não é tomada como um fantoche dos pais, uma vez que no processo de transmissão, em que a dimensão do inconsciente está posta, há uma posição desejante, em que o sujeito é responsável para lidar com aquilo que recebe do Outro (RODULFO, 1990; VOLTOLINI, 2011).

Diante disso, a Psicanálise pode contribuir em desfazer o enlace quando o adulto goza às custas da criança, a colocando como um objeto fomentado pelos discursos contemporâneos, reintroduzindo assim, ao tomá-la como sujeito, a dimensão de responsabilidade inconsciente em seus atos (ELIA, 2016; SAURET, 1998).

Embora consideremos a dimensão da responsabilidade nas respostas dadas pelas crianças, acreditamos ser relevante também refletir sobre os discursos que estão presentes nos dias de hoje, pois é a partir dos laços sociais nos quais as crianças estão colocadas que passam a responder. A partir disso, concordamos com Sauret sobre a aposta política da Psicanálise frente aos discursos contemporâneos:

Esse é, não raro, o primeiro resultado obtido com o sujeito correlacionado com a infância que demonstra o caráter antissegregativo da psicanálise e que demonstra ao mesmo tempo que a criança encontra na psicanálise um meio eficaz para lutar contra os efeitos nefastos do discurso que domina o campo social contemporâneo, esse misto de capitalismo e ciência. Esse resultado me parece tanto menos negligenciável quando em relação ao Outro da ciência nós somos todos objetos: o que Lacan designava com o termo “infância generalizada.” Essa constatação confere à psicanálise com crianças - a psicanálise simplesmente – uma aposta política (SAURET, 1998, p. 44).

Em suma, nesse capítulo retomamos a perspectiva de que os ideais de infância difundidos nos dias atuais valorizam a concepção de uma infância única, a-histórica, e que fomenta formas de cuidado correspondentes. Nesse sentido, ponderamos a partir de uma breve retomada histórica que a ideia contemporânea de infância é efeito das novas formas de organização familiar, oriundas do advento do capitalismo, assim como a noção de uma infância feliz possui ressonâncias no próprio ideal narcísico do adulto moderno. Considerando que a criança nessa pesquisa é compreendida a partir da concepção de sujeito, tal qual empreendida pela Psicanálise lacaniana, que embora ativa é efeito do significante (ASKOFARÉ, 2009), esse trabalho seguirá sua discussão refletindo sobre o discurso do neoliberalismo, compreendendo a importância desse discurso na subjetividade de nossa época, época essa em que aqueles que recebem as crianças ao mundo falam o seu dialeto. “Frequentemente se recrimina a psicanálise por uma suposta indiferença, com relação aos fatores sociais, mas, com a importância dada ao Outro, a psicanálise lacaniana faz entrar no consultório do analista os fatores socioculturais” (SOLER, 2018, p. 57).

O capitalismo é o senhor do tempo. Mas tempo não é dinheiro. Dizer que tempo é dinheiro é uma brutalidade. Tempo é o tecido de nossas vidas (Antonio Candido).

Neoliberalismo: uma aproximação

No capítulo anterior analisamos os ideais de infância contemporâneos, retomando as diferentes perspectivas ao longo da história, passando a refletir sobre os espaços que as crianças passaram a ocupar nas famílias e na sociedade e os diversos tratamentos dispensados a elas. Nesse capítulo, iremos nos debruçar principalmente sobre efeitos do neoliberalismo na subjetividade, nos laços e também na experiência de ser criança. Nesse sentido, seguiremos a partir de uma breve aproximação com o tema, através de um rápido resgate histórico, refletindo acerca de seus determinantes políticos e econômicos, e seguindo na concepção de que o neoliberalismo opera como uma discursividade.

Isto posto, podemos refletir que o sistema capitalista, ao longo da história, se revelou como um modo de produção propenso a crises, por estar baseado na exploração do trabalhador, e orientado para a acumulação. A desigualdade crescente, os grandes conflitos de interesses e as conseqüentes dificuldades de expansão culminaram em profundas transformações históricas na organização da produção, trazendo modelos cada vez mais requintados de exploração, diversos modos de administração e novas estratégias de crescimento (HARVEY, 2008).

Assim, o neoliberalismo emerge como uma proposta para solucionar as crises internas ao sistema capitalista. Teve sua fundação a partir do Colóquio Walter Lippmann, no ano de 1938, em que diversas escolas debatiam formas de enfrentar os fracassos oriundos dos governos liberais, principalmente as perspectivas reformistas que enfatizavam a participação do estado na manutenção do bem-estar social. Através da proposta neoliberal, o estado passa a ser encarado como responsável por garantir que as práticas concorrenciais sejam o princípio central da vida social e individual (DARDOT e LAVAL, 2016).

Contudo, embora as ideias que sustentam o neoliberalismo estivessem sendo gestadas desde a década de 1930, foi em meados dos anos 1970 que essa perspectiva passou a ser mais bem difundida, uma vez que se tornaram cada vez mais evidentes as limitações do fordismo em conter as contradições inerentes do capitalismo. A ênfase fordista no controle do trabalho, na tecnologia e nos hábitos de consumo começou a se tornar insustentável frente à necessidade de reestruturação gerada pela recessão e pelo choque do petróleo nas principais economias mundiais. Iniciou-se, com isso, uma nova forma de organização industrial, e da vida social e política, com um projeto político que buscava restabelecer as condições de acumulação do capital, passando a incentivar as

privatizações, e ocupando espaços nos campos da Educação, Mídia, entre outros (HARVEY, 2008; 2014).

Nesse sentido, emerge um novo modelo de gestão, nomeado de acumulação flexível (HARVEY, 2008), com foco em novos padrões de consumo, de processos de trabalho, de mercados, e com setores de produção profundamente marcados pela inovação comercial, tecnológica e organizacional. Esses novos sistemas de produção colaboraram com a aceleração do ritmo de inovação do produto, ao mesmo tempo em que passaram a explorar nichos de mercado altamente especializados. Atrelado a isso, o tempo de giro da produção foi reduzido substancialmente com o uso de novas tecnologias produtivas e organizacionais, que conjuntamente com a redução do tempo de duração de um produto (meia vida) colaboraram para a redução do tempo de giro do consumo. Nesse contexto, a produção e o Marketing passaram a ser instrumentos fundamentais para garantir que o consumo aconteça, pois tão importante como produzir rapidamente será a necessidade de que o consumo ocorra na mesma velocidade (HARVEY, 2008).

Essa mudança com ênfase no consumo e aliada a novas formas de produção vem trazendo profundas transformações ao mundo do trabalho, instalando um cenário de grande precarização, e fazendo com que os trabalhadores se mudem cada vez mais para o setor de serviços, exigindo destes grande mobilidade geográfica, respostas flexíveis e constante aprimoramento, conforme discute Harvey (2008):

[...] num mundo de rápidas mudanças de gostos e necessidades e de sistemas de produção flexíveis (em oposição ao mundo relativamente estável do fordismo padronizado), o conhecimento da última técnica, do mais novo produto, da mais recente descoberta científica, implica a possibilidade de alcançar uma importante vantagem competitiva. O próprio saber se torna uma mercadoria-chave, a ser produzida e vendida a quem pagar mais, sob as condições que são elas mesmas cada vez mais organizadas em bases competitivas (HARVEY, 2008, p. 151).

Essas mudanças ocasionadas pela flexibilidade e pela inovação dos produtos inauguram um novo cenário marcado pelo consumo, em que a produção e o Marketing terão papel preponderante nessa nova fase do capitalismo, papel este que extrapola sua influência para outros domínios da vida pública, como a acadêmica, a literatura, a vida social e individual. “Para começar, o movimento mais flexível do capital acentua o novo, o fugidio, o efêmero, o fugaz e o contingente da vida moderna, em vez dos valores mais sólidos implantados na vigência do fordismo” (HARVEY, 2008, p. 161).

Contudo, entendemos que o neoliberalismo não pode ser resumido à prevalência do consumo em nosso tempo e ao resultado de um projeto político que buscou restabelecer as condições de acumulação e assegurar o poder das elites. Esse modo de pensamento se tornou hegemônico na contemporaneidade, por mobilizar nossos valores e desejos, passando a afetar a forma como as pessoas passaram a interpretar e viver o seu cotidiano, estendendo a lógica capitalista para as relações sociais e todas as esferas da vida, operando assim como uma discursividade, tal qual anunciado por Lacan (1972) com a proposição do discurso capitalista. Este discurso apresentado por ele propõe uma nova relação do homem com o objeto, que veremos adiante, trazendo também a dimensão de que passamos a viver uma temporalidade acelerada, com consequências importantes na subjetividade de nossa época. Nesse sentido, embora o contexto histórico vivenciado pelo autor fosse anterior à globalização e ao domínio do capitalismo que vemos nos dias atuais, que nomeamos de neoliberalismo, pôde antecipar suas contribuições para abordar essa questão (SOLER, 2011), assim como os teóricos que se debruçaram sobre essa temática e a quem iremos recorrer durante esse trabalho.

O (desen)laço e um novo imperativo.

Conforme vimos anteriormente, estamos vivenciando um processo de desidentificação dos trabalhadores com os lugares do ofício, um enfraquecimento da vida em coletividade e a valorização excessiva da abertura para mudança, do desapego e da indiferença. Vivemos um tempo em que parte dos trabalhadores não pensam no local de trabalho a longo prazo, como um lugar de estabilidade e de vínculos, e sim diante de uma inversão de perspectiva, na qual os trabalhadores mais velhos passaram a ser vistos como obsoletos, já que não possuem as competências exigidas por uma vida marcada pela inovação e pela concorrência. Essa situação tem acentuado o sentimento de precariedade conforme discute SOLER (2016):

No trabalho, a precariedade assume uma forma evidente com as demissões devidas aos deslocamentos, aos fechamentos de fábricas, e também por causa da competição selvagem por emprego, e no horizonte paira a perspectiva da exclusão pelo desemprego. E quando a precariedade não é vivida, ela é temida como um risco para si e para seus próximos. Mas ainda há mais. Existem os efeitos dos remanejamentos da gestão tecnológica do trabalho e da administração das grandes empresas. Hoje eles desfazem aquilo que foram as solidariedades das equipes profissionais entre os operários ou empregados, e

também a identificação destes últimos com suas empresas. (SOLER, 2016, p. 8).

Essa situação de precariedade afeta os laços sociais, ao mesmo tempo em que emergem novas promessas de felicidade e satisfação ofertadas pelo mercado. Nesse sentido, podemos considerar que a contemporaneidade pode ser pensada por um período marcado pelo desenlace, ou ainda, pela sua ameaça. Estamos constantemente experimentando a precariedade nos vínculos, no trabalho, nas famílias e nas relações amorosas (SOLER, 2016). A precariedade, marcante em nosso tempo, vem tecendo as relações como um todo. Podemos verificar os efeitos do discurso capitalista a partir das experiências de solidão, angústia e crises que abarcam os sujeitos em nossa época. (DUFOUR, 2005; SOLER, 2018). A novidade neoliberal é que, contrariamente às antigas formas de dominação que operavam pelo controle e pela repressão das pulsões, essas passam a ser estimuladas excessivamente. Um passo importante para que isso aconteça é o incentivo as privatizações e à desinstitucionalização, em que o único imperativo possível de ser admitido é de que as mercadorias circulem, produzindo com isso um processo de dessimbolização (DUFOUR, 2005). “A dessimbolização tem, pois, um objetivo, ela quer erradicar, nas trocas, o componente cultural, sempre particular” (DUFOUR, 2005). Essa dessimbolização se coloca entre todas as referências culturais, atravessa a possibilidade de produção de sentido do homem, deixando-o disponível para a relação com o mercado, marcando assim o homem contemporâneo por uma condição subjetiva precarizada.

Freud, em “Mal-estar na civilização” (1930/2011), nos advertia que a vida em sociedade é um fato importante para o homem, uma vez que através dos laços estabelecidos pela vida em coletividade era possível lidar com as vulnerabilidades e ordenar as relações entre os seres humanos, já que sem elas os mais fortes decidiriam de acordo com seus próprios interesses e impulsos. Contudo, essa vida em comunidade não é isenta de um mal-estar, uma vez que a entrada na linguagem, na cultura, pressupõe uma perda de felicidade e satisfação. Entretanto, desde Freud, o laço social não produz apenas efeitos de restrição, mas nos leva à solidariedade, amizade, ajuda mútua, uma vez que pode limitar as forças hostis do narcisismo e o egoísmo das pulsões (SOLER, 2016). “A liberdade individual não é um bem cultural” (FREUD, 1930/2011, p. 41). O que podemos apreender então de um discurso que afirma a liberdade irrestrita dos sujeitos? Como pensar os laços quando as paixões de cada um são incentivadas, e a felicidade se torna

um imperativo que cada um, individualmente, deve buscar? Qual o sentido possível quando esse processo de dessimbolização busca “liberar” o homem de toda ligação aos valores de uma vida em coletividade?

Isto posto, podemos aceitar a premissa de que o discurso do capitalismo engendra novas formas de convívio. Diferentemente das multidões, que eram ordenadas pelo laço social, por valores comuns, podemos pensar, nos dias de hoje, em agregados de unidades. “[...] Quando os laços sociais se desfazem, sobra a massa, um agregado de indivíduos, de Uns, que a título de unidade, não são hierarquizados, mas estão em paridade de um agregado, tanto de fato, como de direito” (SOLER, 2018, p. 21).

Nesse sentido, produzimos uma anomia, em que a suspensão dos interditos e a propagação de que podemos satisfazer todos nossos apetites nos leva a viver problemas inéditos (DUFOUR, 2005; SOLER, 2018). Dufour (2009) discute que vivemos uma nova forma de agregados, em que o egoísmo impera, “ego-gregária”, e que nosso individualismo é corrompido, uma vez que não podemos alcançar a autonomia a partir de uma perspectiva crítica, mas sim, estamos vivendo uma nova forma de alienação, em que o mercado impera, colocando-nos sob um novo modelo de controle: o rebanho de consumidores. Nas palavras do autor:

Em outras palavras, vemos egos, isto é, pessoas que se creem iguais e que, na realidade, passaram a ficar sob o controle do que se deve chamar “o rebanho”. Viver em rebanho fingindo ser livre nada mais mostra que uma relação consigo catastroficamente alienada, uma vez que supõe ter erigido como regra de vida uma relação mentirosa consigo mesmo (DUFOUR, 2009, p. 23).

Interessante notar que embora possamos pensar nessa nova forma de controle realizado pelo mercado, em que todos estamos o tempo todo em constante obrigação de consumir, intensifica-se a valorização da liberdade, uma vez que “é preciso que cada um vá *livremente* na direção das mercadorias que o bom sistema de produção capitalista fabrica pra ele” (DUFOUR, 2009, p. 24). Assim, podemos refletir que esses ideais de liberdade propagados pelo mercado vêm trazendo profundas transformações nas relações, nas famílias, pois todo laço social estabelece uma forma de autoridade consentida, uma hierarquia, fato esse que se coloca em contradição com o discurso capitalista vigente, que busca apagar a diferença sexual e geracional. Nas palavras do autor:

Esse princípio permite pensar que o sujeito humano é movido por um desejo, o desejo edípiano, que ele não deve saciar porque a sociedade o impede de fazer isso. Ele deve, portanto, abandonar esse desejo (é o que os psicanalistas chamam de castração). Em outros termos, ele sofre uma subtração de gozo,

que é posta na conta do coletivo. Sem essa subtração o coletivo não se sustenta mais (DUFOUR, 2009, p. 53).

Nesse ponto, retomamos também Soler (2018), que aponta que todo laço social implica uma disparidade, e em tempos de direitos do homem, é importante conceber que embora sejamos iguais em direito, somos desiguais de fato, pela ordem que os discursos instauram. E sobre esse aspecto, quando o discurso busca apagar essas disparidades, podemos inferir que no capitalismo o laço social se desfaz. Nesse ponto, podemos retomar o engodo colocado para as famílias e suas crianças quando essas desigualdades são apagadas, conforme vimos no capítulo anterior, e com o crescente sentimento de solidão presente nas experiências de parentalidade contemporânea.

Dardot e Laval (2016), em seu trabalho intitulado “A nova razão do mundo”, trouxeram importantes reflexões acerca da emergência da valorização do empreendedorismo, da naturalização da competição, em um contexto de grande precarização do trabalho e dos laços. Os autores discutem que nos dias atuais vemos emergir o homem-empresa. O homem que é responsável por gerir todos os âmbitos da sua vida buscando aumentar seu capital, ou seja, se tornar mais lucrativo, através de escolhas direcionadas para esse fim. Essas escolhas passaram a nortear tanto no âmbito individual quanto no familiar a realização do empreendimento de se tornar ainda mais valorizado socialmente, uma vez que o trabalho passa a ser definido como um lugar de destaque para que o homem exerça suas faculdades e prove seu valor. Nessa perspectiva, o sucesso na vida social está intrinsecamente relacionado à realização profissional e, assim como uma empresa, o homem precisa gerir a si mesmo e suas relações para se manter competitivo. Com isso, os autores discutem que vemos emergir nos dias atuais uma ética que valoriza o combate, a força e o sucesso. Assim, quando o homem passa a se entender como uma empresa, produz alterações na forma com que percebe os demais, alterando os laços e perpassando as formas de amar, falar, desejar (DUNKER, 2016). Essas novas formas de trabalho têm colocado aos pais jornadas excessivas, trazendo assim consequências na disponibilidade de tempo e cuidado dos filhos. Se os pais precisam trabalhar excessivamente diante de um cenário de grande competitividade e precariedade, quais os espaços destinados para as crianças nas famílias? O mercado parece incitar respostas.

Dessa forma, seguindo nas transformações familiares próprias desse tempo, vemos que nos dias atuais há uma redução das famílias ao casal amoroso, colocando o

enlace familiar à mercê das flutuações dos desejos e dos encontros, e ao mesmo tempo nos deparamos com a possibilidade de emancipação das mulheres que, a partir do trabalho, passaram a assegurar sua possibilidade de sobrevivência fora do casal (SOLER, 2016). Essas transformações têm implicado em questionamentos de muitos dos valores que davam sentido à vida, fazendo emergir, também, novas formas de parentalidade. Nesse sentido, podemos refletir que ao mesmo tempo em que essas modificações possibilitam novas formas de relações, trazem também novos afetos, muitas vezes marcados pela insegurança que comporta a escolha, em que cada um passa a ser visto como responsável pela sua felicidade, que na atualidade passa a ecoar como um imperativo. Assim, se por um lado temos um aumento da precariedade dos laços, pelo lado do mercado temos a ampliação dos possíveis, conforme aborda a autora:

[...] o discurso capitalista, do qual dizemos e constatamos que desfaz os laços, é também aquele que multiplicou ao máximo as possibilidades de relação, dando a eles instrumentos inéditos, sem precedentes na história, e que alargam a circunferência dos investimentos libidinais a dimensões até mesmo planetárias. Os meios de comunicação, de deslocamento e informação, tornam bastante presentes aquilo que está longe, para que a elasticidade da libido possa, se for o caso, trazer ao fim do mundo não somente os produtos, mas uma mulher, uma criança ou um homem e tantas outras coisas mais. Por outro lado, se voltarmos para a produção capitalista, propriamente dita, com seus grandes organismos deslocalizados para além das fronteiras, ela engendra, de forma manifesta, conjuntos de produção bem mais extensos e complexos que os da época pré-científica. Mais instáveis também, sem dúvida, mas cuja precariedade é também compensada pela multiplicação dos possíveis. Através do capitalismo a visada universalidade da ciência se realiza, ela passa ao real. É a visão globalizada da fantasia, na qual os *gadgets* adquirem a mesma função de objeto *a* ao qual dão substância ao mais de gozar. Nessa versão da ética, os bens se tornam causa comum - todos “adictos” aos produtos (SOLER, 2016, pp. 15-16).

Nesse sentido, podemos pensar que o capitalismo, ao mesmo tempo em que desfaz os laços e coloca o homem em um sentimento de precariedade e solidão, fabrica os objetos desejados (SOLER, 2018). Nesse sentido, pode-se questionar a posição do sujeito frente a essa lógica na qual o que se coloca não é a premissa de que todos terão acesso aos bens desejados, fato este restrito a poucos, mas que o sentido da vida social e o valor de si próprio e dos outros são mediados pelo consumo (KEHL, 2009).

Nesse ponto, vemos que os imperativos de felicidade e gozo presentes nessa nova fase do capitalismo ecoam com a tirania dos *gadgets*, que impulsiona muitos sujeitos em uma relação de dependência, precisando permanecer em um incessante consumo dos objetos. “O drogadito é a encarnação perfeita do indivíduo no sentido definido por Lacan: indivíduo é o sujeito completado por seu gozo” (VOLTOLINI, 2016, p. 41). E é

justamente nesse ponto em que o sujeito encontra o objeto que completa seu gozo, que ele perde em possibilidade de desejar e conseqüentemente de se lançar no laço social (VOLTOLINI, 2016). Nesse momento retomamos a concepção de que o sujeito, tal qual compreendido na Psicanálise lacaniana, é compreendido como barrado, o que pressupõe que o objeto que satisfaz plenamente sua necessidade está perdido desde o momento da entrada na linguagem, instituindo a falta, essa hiância inaugural que diferencia a necessidade e o desejo; o instinto e a pulsão. “Desencontro entre sujeito e objeto, desde o início da vida” (MINICELLI, 2014, p. 198).

Isto posto, contra essa falsa promessa de completude ofertada pelo mercado através dos objetos, passamos a refletir acerca das crianças e a dimensão do desejo, considerando a posição que ocupam diante do Outro, assim como seus pais e cuidadores, que se veem impelidos a satisfazerem os filhos, marcados por esse ideal de infância feliz. Para ilustrar essa questão podemos retomar a primeira vinheta discutida nesse trabalho, em que as professoras se viram diante de um conflito quando perceberam que as crianças não queriam brincar com os brinquedos disponíveis na escola. Vendo a tristeza e a confusão que as disputas pelos brinquedos desejados traziam, decidiram com os próprios recursos comprarem esses objetos. Essa e diversas outras situações vivenciadas nos apontam a importância de questionar esse discurso em que o brincar e o brinquedo são tomados como sinônimos, sem estranhamento, implicados nessa lógica de satisfação em que as crianças têm papel de destaque nos anúncios e como nicho de mercado.

O deus mercado: onisciente, onipresente e onipotente.

“Quando acreditamos estar livres entramos em uma novíssima forma de alienação” (DUFOUR, 2009, p. 11). Conforme vimos anteriormente, um aspecto relevante para pensar sobre as transformações sociais e subjetivas contemporâneas se refere ao declínio das formas tradicionais de integração, com a contínua desvalorização da família e da religião, como instrumentos de transmissão dos valores sociais, dos lugares de pertencimento e da segurança aos indivíduos. Contudo, podemos refletir que embora haja um declínio das formas religiosas que até então dominavam a vida em sociedade, nos dias atuais vemos emergir um novo deus, que através do seu catecismo publicitário vem nos fazer acreditar que a salvação individual depende do consumo, e de novas religiões que estejam consonantes com esse deus supremo, o mercado (DUFOUR,

2005). Esse deus, contudo, ao contrário dos anteriores, não vem completar o homem naquilo que a natureza não cumpriu, mas está reduzido aos acontecimentos, em um tempo sem tempo, marcado pela necessidade e pela urgência (DUFOUR, 2005; LACAN, 1978; SOLER, 2018), daí a necessidade das religiões que se somam a ele (DUFOUR, 2005).

Kehl (2004), Dufour (2005) e Dardot e Laval (2016) concordam que as formas tradicionais de organização da vida foram sendo gradativamente substituídas por identidades comercializadas, através de um intenso trabalho da publicidade. A queda da importância religiosa na cultura fez emergir uma nova versão imaginária de Outro, o Mercado, que na atualidade podemos pensar como um emissor de imagens que se oferecem para identificação, e que estão constantemente enfatizando o gozo sem limites (KEHL, 2004). Nas palavras da autora:

Uma nova versão imaginária do Outro ocupa o lugar de um Ser onipresente, onisciente e onipotente - deixado vazio quando parte da humanidade deixou de orientar suas escolhas a partir da crença no Deus judaico-cristão. Um Outro que enuncia o que deseja de nós e promete suas bênçãos para aqueles que melhor se dispuserem a atender suas demandas. Este Outro pode ser, simbolicamente, o Mercado, filho enviado à terra por seu Pai, o Capital – abstrações sem nome e sem rosto que determinam nosso destino e, de um lugar simbólico fora do nosso alcance, nos submetem às leis inflexíveis do seu gozo. Pautar escolhas de vida segundo os ditames do Mercado, ou do Capital, para a maioria das pessoas, parece mesmo uma questão de fé (KEHL, 2004, pp. 4-5).

Dessa forma podemos pensar que as mídias passaram a ocupar um lugar relevante no psiquismo, na medida em que se apresentam de forma equivalente a um mensageiro enviado por Deus, que anuncia objetos inquestionáveis - fetichizados - capazes de apagar as diferenças entre os sujeitos que os cultuam (KEHL, 2004). Para prosseguir nessa discussão sobre a relação entre subjetividade e mercado, retomamos o conceito de fetiche em Freud e Marx, por compreender sua relevância para refletir acerca dos objetos na atualidade. Em Freud, o fetiche é o objeto capaz de encobrir a falta percebida pelo sujeito a partir da castração. Já em Marx, o fetiche remete ao brilho da imagem/mercadoria, e esconde as relações de exploração oriundas do modelo capitalista de produção. Contudo, podemos pensar que os fetiches trabalhados por Marx e Freud convergem na contemporaneidade (KEHL, 2004). “O fetiche que apaga a diferença sexual encarna-se no fetiche da mercadoria, condição da circulação do que imaginamos ser a riqueza (expressa por meio das mercadorias) na sociedade moderna” (KEHL, 2004). Podemos refletir com isso que o mundo contemporâneo, marcado pelo discurso da publicidade, afirma os objetos de completude necessários aos sujeitos, convocando-os diariamente a

responder aos imperativos do gozo (SAFATLE, 2005, ZIZEK, 2006). Sobre esse assunto, Kehl (2004) discute:

[...] gozar é a forma mais eficaz de trabalhar para o Outro. A dimensão subjetiva dos prazeres, das pulsões, dos afetos, transformou-se em força de trabalho na sociedade regida pela imagem. O que esse trabalho produz? Nada mais nada menos que os sujeitos de que o atual estágio do capitalismo necessita: sujeitos esvaziados do que lhe é mais próprio, mais íntimo, portanto disponíveis para responder aos objetos e imagens que os convocam, sujeitos ligados ao puro “aqui e agora”, de um presente veloz, incapazes de imaginar um devir que não seja apenas a reprodução da temporalidade encurtada, característica do capitalismo contemporâneo (KEHL, 2009, p. 96).

Seguindo na importância que a televisão passou a ter na vida familiar, Dufour (2005) aponta ainda que ela passou a atuar como uma “família” virtual. Contudo, quando nos cansamos dela, podemos simplesmente desligar o botão, trocar o canal, ao passo que a família de verdade nos coloca diante de impasses e conflitos que exigem outras respostas dos sujeitos, que muitos passaram a tentar evitar, colocando por exemplo, quando possível, mais televisões na casa, o que pode trazer um distanciamento ainda maior entre os familiares. Sobre esse ponto, o autor reflete que, se com a televisão podemos evitar desgostos e situações conflitantes, com ela não há como possibilidade vivenciar o amor. Ao contrário, a relação com a televisão se dá a partir da premissa de que não devemos pensar, e sim gastar (DUFOUR, 2005).

Se no momento em que a obra “O divino mercado: A Revolução Cultural Liberal” (2005) foi publicada a televisão tinha grande relevância para a publicidade, nos dias de hoje, com o advento das redes sociais e as diversas plataformas disponíveis na internet, devemos estar ainda mais atentos às diferentes formas com que essas propagandas têm chegado às famílias, sobretudo às crianças, que nos interessam substancialmente nessa pesquisa. Nesse ponto, precisamos nos indagar acerca da publicidade direcionada a esse público, realizada através de plataformas como o *YouTube*, protagonizadas por crianças e muitas vezes com o discurso de que se trata de uma simples “brincadeira” (embora nessa pesquisa consideremos brincadeiras de criança uma coisa séria, como veremos no próximo capítulo) e que passam a ser difundidas sem grande criticidade, mas, financiadas por grandes corporações, que nos trazem também a polemica sobre se tratar ou não de um trabalho infantil⁷. Nesse sentido, algumas ações vêm sendo tomadas pelas organizações e

⁷ Essa discussão pode ser acompanhada em:
 <<https://www.chegadetrabalho infantil.org.br/noticias/materias/youtubers-e-influenciadores-mirins-quando-a-diversao-vira-trabalho-infantil/>> Acesso em: 01 set. 2020.

pelo Ministério Público, sendo que este último entrou recentemente com pedido para retirada dos vídeos de *youtubers* infantis que fazem propaganda velada⁸. Contudo, essa temática precisa ser mais bem debatida em nossa sociedade, uma vez que cada vez mais essa plataforma vem sendo utilizada pelas crianças.

Nesse ponto retomamos Dufour (2005), que reflete que cada tecnologia traz consigo sua perversão, e com isso a importância de novos estudos que se atentem para o impacto delas na constituição subjetiva, uma vez que podem trazer certa dificuldade de localização para as crianças, diante de um cenário em que o Outro mente, ficando difícil para elas situar onde está a verdade e onde está a mentira (DUFOUR, 2005). Acerca da internet, o autor aponta a importância de estarmos atentos, uma vez que somos o tempo todo vistos, e através dos algoritmos colocados na direção precisa dos ideais de felicidade e consumo, conforme:

Com efeito, da mesma forma que, com a internet, inúmeros programas espões instalados ou à distância gravam o olhar do internauta pelos cliques do mouse de modo a fazer dele um retrato-robô que permitirá olhá-lo bem atentamente e em todos os seus hábitos, inúmeras caixas-pretas gravam as mínimas reações do telespectador. Assim quando ele olha, também é olhado (DUFOUR, 2005, p. 46).

Isto posto, vemos uma dificuldade cada vez maior dos sujeitos produzirem para si objetos singulares, à medida que se veem diante dos objetos manufaturados que se colocam dispostos a comprar (DUFOUR, 2005). Nesse ponto, as crianças parecem, cada vez mais, estar sendo convocadas a participar dessas ofertas de objetos, através dos brinquedos, dos dispositivos eletrônicos e das mercadorias destinadas a elas.

Infância: um ótimo negócio.

Como vimos ao longo desse trabalho, as transformações ocasionadas pelo neoliberalismo parecem inserir uma importante problemática para refletir sobre os ideais de infância e sobre o brincar. A tecnologia, atrelada ao discurso do mercado, parece desempenhar papel fundamental na propagação desses novos ideais, na medida em que,

⁸ O Ministério Público entrou com pedido de retirada de vídeos de influenciadores mirins por apresentarem publicidade velada, conforme: <<https://criancaconsumo.org.br/noticias/ministerio-publico-pede-retirada-de-videos-do-youtube/>> Acesso em 01 out. 2020.

cada vez mais, vem sendo utilizada como forma de disseminá-los, pelo Marketing digital ou pelas novas formas de sociabilidade.

Atrelado a isso, podemos pensar também que, cada vez mais, as crianças estão passando a ocupar um novo lugar na sociedade, em que as barreiras entre o mundo dos adultos e das crianças vêm sendo removidas pela ciência e pelo neoliberalismo, conforme vimos anteriormente. (PUJÓ, 2014). Dessa forma, se ao longo da história coube às crianças como principal atividade a escolarização⁹, enquanto os adultos se encarregavam da esfera produtiva, essa distinção parece estar se transformando no contexto atual, seja pelo Marketing, em que as crianças são utilizadas para auxiliar na publicidade de mercadorias, seja se tornando um dos maiores nichos de mercado consumidor na atualidade, conforme discute Sarmiento (2004):

Questão central é também a constituição do mercado de produtos culturais para infância (programas de vídeo, de televisão, cinema, desenhos animados, jogos informáticos, jogos de construção, literatura infanto-juvenil, parques temáticos, etc). Estes produtos acompanham o incremento comercial de outros produtos de consumo para as crianças (moda infantil, alimentação de *fast-food*, guloseimas, brinquedos, serviços recreativos, material escolar, mobiliário infantil, etc.) a ponto de constituírem um dos segmentos do mercado com maior difusão mundial, em torno do qual se estabelecem algumas das mais difundidas cadeias de *franchising*, constituindo, por vezes, alguns recordes de investimento econômico (por exemplo: *Eurodisney*). Este facto (*sic*) contribui poderosamente para a globalização da infância (SARMENTO, 2004, p. 9).

Embora as crianças não possam comprar diretamente os produtos, são importantes no convencimento de seus pais. Esse ponto reafirma o interesse do mercado em propagar o ideal de infância como um tempo de felicidade que precisa ser garantido pelos adultos. Os pais, que vivenciam a precariedade dos laços conforme abordado anteriormente, passam muitas vezes a investir ainda mais nas projeções narcísicas de si mesmos através dos filhos (SOLER, 2016). Nesse ponto, Soler (2018) nos traz a perspectiva de estarmos atentos para uma possível virada na contemporaneidade, em que as crianças passariam cada dia mais a serem tomadas como objetos e, diante do discurso capitalista que reduz o valor do homem, como dejetos.

Assim, é importante poder problematizar a concepção que vai sendo colocada de que o papel das famílias é o de prover o que o mercado anuncia. “[...] ao mesmo tempo

⁹ Importante salientar que nos dias de hoje, e ao longo da história, o acesso à escola não se deu de forma igualitária para todas as crianças, embora seja garantido juridicamente (ARIÈS, 2012; RAGO, 2014). Os atravessamentos de raça, classe social, gênero e etnia são importantes marcadores dessa distinção, embora nesse momento não sejam considerados para análise

em que a criança será super nutrida em objetos diversos, ela será, no plano simbólico, liberalmente abandonada, isto é, dada ao terceiro pai, a televisão” (DUFOUR, 2005), ou ainda, atualmente, aos *gadgets*.

A partir dessa discussão, podemos mais uma vez nos questionar acerca das plataformas digitais e dos influenciadores infantis, uma vez que as mensagens são passadas por crianças em vídeos caseiros, muito similares aos que poderiam ser feitos por diversas crianças e seus pais, ficando ainda mais complicado para elas distinguir a publicidade contida neles. Nesse ponto, consideramos ainda mais relevante que os pais e cuidadores possam mediar essa interação. Essa, contudo, não parece ter sido uma tarefa fácil, visto que muitos adultos também passaram a exercer essa relação de dependência com seus *gadgets*. É sinal de que algo está acontecendo nas relações quando nos deparamos com placas em espaços públicos que nos informam: “Não temos wi-fi, conversem entre si”.

Nesse sentido, a partir das discussões brevemente apontadas nesse capítulo, podemos compreender que o neoliberalismo tem trazido importantes transformações no homem contemporâneo, nas relações familiares, no lugar ocupado pelas crianças, e nos cuidados dispensados a elas. Contudo, embora compreendamos que haja um crescente processo de homogeneização na contemporaneidade, é importante considerar também as possíveis respostas dadas pelas crianças. Nesse sentido, iremos seguir discutindo acerca dos brinquedos e do brincar, buscando através de suas pistas e de novas vinhetas, compor novos elementos para abarcar o tema dessa pesquisa.

Só o adulto que se esqueceu demasiadamente de sua infância esqueceu-se do quão sério é brincar (Christian Dunker e Cláudio Thebas).

Brinquedos e época: algumas reflexões

Nos capítulos anteriores percorremos a construção histórica da infância, trazendo elementos para problematizar os ideais de infância presentes na contemporaneidade e compreendendo que o neoliberalismo opera como um discurso hegemônico. A partir disso, passamos a nos indagar sobre seus efeitos na subjetividade, no laço social, trazendo novos elementos para pensar os espaços que destinamos às crianças. Nesse capítulo, seguiremos refletindo sobre o brincar na contemporaneidade, as transformações nos brinquedos, o uso das tecnologias, e o que dele podemos apreender a respeito da nossa época.

Ao longo da história, diversos autores buscaram ponderar sobre o brincar, através das mais variadas teorias e perspectivas, dada sua complexidade. Frequentemente relacionamos essa atividade com a infância, com a cultura, com diversas brincadeiras e os brinquedos. Nessa pesquisa, iremos iniciar essa discussão a partir de uma breve reflexão sobre os brinquedos, compreendendo que eles portam uma historicidade e podem nos ajudar a pensar sobre o brincar na contemporaneidade.

Sabemos que os brinquedos fazem parte da história do homem, assim como da construção da concepção de infância. Através deles, podemos captar algo sobre nosso tempo, uma vez que “o brinquedo é algo eminentemente histórico, histórico em estado puro, pois em nenhum lugar como em um brinquedo poderemos captar a temporalidade da história e seu valor diferencial e qualitativo” (AGAMBEN, 2014, p. 86). Dessa forma, compreendemos que o brinquedo é a materialização da historicidade nos objetos. Nesse sentido, a partir de Agamben (2014) podemos afirmar que o brinquedo com que brincam as crianças é a história. Nas palavras do autor:

[...] o brinquedo, desmembrando e distorcendo o passado ou miniaturizando o presente - jogando, pois, tanto com a diacronia quanto com a sincronia, presentifica e torna tangível a temporalidade humana em si, o puro resíduo diferencial entre o “uma vez” e o “agora não mais” (AGAMBEN, 2014, p. 87).

Ariès (2002), na sua obra “História social da Criança e da família”, procurou trazer algumas contribuições aos jogos e às brincadeiras, mostrando também algumas perspectivas sobre os brinquedos utilizados pelas crianças ao longo do tempo. A partir da sua historiografia, podemos perceber que no século XVII os brinquedos habituais dos pequeninos eram os cavalos de pau, cata-ventos, piões, assim como as bonecas, com

ênfase dada aos brinquedos alemães, que, com o passar do tempo, segundo o autor, deveriam ser abandonados pelas crianças, uma vez que estas deveriam se ocupar das demais atividades destinadas a elas: a escola e o trabalho.

Walter Benjamin, em sua obra “Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação” (2009), a partir de um estudo realizado em diferentes museus destinados aos brinquedos (Munique, Moscou e Paris), e ainda, retomando o trabalho de Karl Grober (1928), “Brinquedos infantis de velhos tempos”, trouxe importantes considerações para pensar a relação do brinquedo com a época, que podem nos ajudar a refletir sobre algumas transformações presentes nos dias atuais. Nessa obra, Benjamin (2009) aponta que os brinquedos no início não foram invenções de fabricantes especializados, e sim, surgiram das oficinas de madeira, fundição, entre outros, que como atividade secundária e devido às restrições da época, imputaram às suas peças características que lhes eram próprias.

O estilo e a beleza das peças mais antigas explicam-se pela circunstância única de que o brinquedo representava antigamente um produto secundário das diversas oficinas manufatureiras, as quais, restringidas pelos estatutos corporativos, só podiam fabricar aquilo que competia ao seu ramo (BENJAMIN, 2009, p. 90).

Nesse sentido, no século XVIII vemos aflorar a ideia de uma fabricação especializada dos brinquedos, pois as restrições que impediam que o marceneiro pudesse ele próprio pintar suas peças tornavam o produto muito encarecido. Outro dado relevante é que naquele tempo a circulação dos brinquedos e as vendas não eram feitas por comerciantes específicos, mas sim pelos próprios artesãos. “Assim como se podiam encontrar animais talhados em madeira com o marceneiro, assim também soldadinhos de chumbo com o caldeireiro, figuras de doce com o confeitiro, bonecas de cera com o fabricante de velas” (BENJAMIN, 2009, p. 90). O autor revela ainda a importante transformação pela qual os brinquedos foram passando: se em um primeiro momento as miniaturas que encantavam as crianças exigiam que os pais acompanhassem o brincar com esses objetos de maneira mais íntima, com o passar do tempo, em meados do século XIX, estes objetos passaram a se tornar maiores, podendo a partir de então dispensar o acompanhamento dos cuidadores. “Uma emancipação do brinquedo põe-se a caminho; quanto mais a industrialização avança, tanto mais decididamente o brinquedo se subtrai ao controle da família, tornando-se cada vez mais estranho não só às crianças, mas também aos pais” (BENJAMIN, 2009, p. 90).

Nesse sentido, o autor discute que com o passar da industrialização, os objetos vão perdendo o vínculo com o primitivo, trazendo para os brinquedos novos materiais, e cada vez mais pensados pelos adultos a partir daquilo que eles interpretam acerca da imaginação das crianças. Benjamin (2009) enfatiza que o universo da infância está impregnado em toda parte pela percepção que a geração anterior tem sobre o mundo, pois é através dos adultos que as crianças passam a perceber o mundo, e a ter contato com os brinquedos. Embora o autor considere a possibilidade de recusa ou não dos brinquedos que lhe são oferecidos, compreende que estes estão permeados pelos valores sociais e econômicos de sua época. “Há, portanto, um grande equívoco na suposição de que são simplesmente as próprias crianças, movidas pelas suas necessidades, que determinam todos os brinquedos” (BENJAMIN, 2002, p. 97). Nas palavras do autor:

No entanto, não chegaríamos certamente à realidade ou ao conceito do brinquedo se tentássemos explicá-lo tão somente a partir do espírito infantil. Pois se a criança não é nenhum Robinson Crusoe, assim também as crianças não constituem nenhuma comunidade isolada, mas antes fazem parte do povo e da classe a que pertencem. Da mesma forma, os seus brinquedos não dão o testemunho de uma vida autônoma e segregada, mas são um mudo diálogo de sinais entre a criança e seu povo (BENJAMIN, 2009, p. 94).

Isto posto, cientes de que os brinquedos contam algo sobre o nosso tempo, iremos retomar uma cena que levanta algumas considerações para pensarmos sobre os brinquedos e sobre o brincar na contemporaneidade.

“Nos encontrávamos com as crianças mensalmente, e durante nossas reuniões buscávamos conversar sobre possíveis brincadeiras para realizarmos juntos, algumas vezes propondo atividades, e também pedindo para que elas nos trouxessem suas sugestões. Antes desse trabalho, as crianças ficavam em um espaço que era destinado a elas, uma sala de aula, com lápis e papel para desenhar, e passaram a nos dizer que queriam uma bola para ir ao pátio. Diante disso, combinamos que no próximo encontro eu levaria uma bola para que pudéssemos brincar fora da sala. No dia em que fui comprar a bola, não encontrei uma que fosse neutra, sem personagens. Quando questionei a vendedora, ela me informou que só havia aquelas disponíveis, e então comprei uma delas. No dia do nosso encontro, nos organizamos, finalmente, para ir ao pátio, e então entreguei o material para elas. As crianças permaneceram na sala muito

animadas, disputando a bolinha e dizendo “É do Angry Birds, é do Angry Birds¹⁰”! Aquilo me chamou muita atenção, pois em um primeiro momento elas não se lançaram a ir ao pátio que tanto queriam, e sim, permaneceram dentro daquele espaço, passando a disputar aquele brinquedo. Isso me trouxe uma nova indagação, pois parecia haver algo mais naquele objeto que não apenas uma bola para o fim a que poderia se destinar, me fazendo refletir sobre os brinquedos e seus usos na contemporaneidade”.

Diante dessa cena, podemos nos indagar sobre um fato muito recorrente, que é a presença de publicidade, composta por desenhos, filmes, que estão contidos em diversos brinquedos, ficando até mesmo difícil poder escolher algo que escape a essa lógica, mostrando como o mercado que se volta para as crianças vai cada vez mais ganhando força. Atrelado a isso, podemos nos deparar com a grande relevância que passam a ter para as crianças, parecendo despertar entre elas o interesse de possuir tais objetos, em vez de poder fazer com eles. Nesse sentido, podemos retomar a perspectiva trazida por Dufour (2005) acerca da dessimbolização recorrente no neoliberalismo, em que a tradição, isso que do brinquedo liga passado e futuro, vai sendo subtraída, com interesse de que o mercado possa ser o único fim. Contudo, o autor nos aponta na mesma obra que isso não se dá por completo, mas ainda assim parece fazer consonância com a perspectiva de que os brinquedos no neoliberalismo podem estar sendo esvaziados de simbolização, voltados assim aos interesses de consumo do mercado.

Sobre essa questão, retomaremos uma pesquisa publicada nesse ano que corrobora com essa perspectiva de que os brinquedos na contemporaneidade vão sendo marcados pela ideia de efemeridade (é preciso estar sempre atento ao novo brinquedo), altamente industrializados, produzidos com materiais plásticos e em grande escala, com foco em seu consumo. Esse trabalho intitulado “Infância plastificada – O impacto da publicidade infantil de brinquedos plásticos na saúde de crianças e no ambiente”¹¹ trouxe alguns dados relevantes que demonstram que o brinquedo ocupa um lugar importante no discurso publicitário e nas relações entre as crianças e suas famílias. Assim, aponta que o mercado dos brinquedos tem sofrido aumento de lucro consistente na última década, envolvendo cerca de 10 bilhões de reais anuais, em que esses objetos são produzidos majoritariamente

¹⁰ *Angry Birds* – refere-se a um jogo eletrônico de quebra-cabeça de grande popularidade, que foi lançado em 2009 e que inspirou também o desenvolvimento de série de animação, conforme: <<https://www.angrybirds.com/10-years/#timeline>> Acesso em: 15 out. 2020.

¹¹ Esse trabalho foi solicitado pelo Instituto Alana e desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Química Verde, Sustentabilidade e Educação (GPQV), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pode ser consultado em: <<https://criancaeconsumo.org.br/noticias/o-impacto-da-publicidade-infantil-de-brinquedos-plasticos-na-saude-de-criancas-e-no-meio-ambiente/>> Acesso em: 16 out. 2020.

por materiais de plástico, contendo muitas vezes produtos nocivos à saúde. O estudo aponta também, em consonância com o que já dissemos anteriormente, que os pais assumem fazer compras influenciados por seus filhos, assim como os abusos realizados pela publicidade, embora existam marcos regulatórios que proibam a publicidade para esse público.

Buscando refletir sobre como os brinquedos passam a se tornar objetos de consumo na contemporaneidade, elucidaremos com o fenômeno do *unboxing* (ação de filmar o desembalar de produtos), que são realizados por crianças. Esse fenômeno, evidenciado em vídeos diversos que têm um grande número de visualizações na plataforma *YouTube*, apontam para sua crescente relevância. Um dado que evidencia isso é que no ano de 2019 o *youtuber* que mais lucrou no mundo foi uma criança. No seu canal “*RyanToysReview*”, Ryan, um garoto, na época com oito anos de idade, abre presentes ao mesmo tempo em que os avalia. O lucro do canal está estimado em 26 milhões de dólares, segundo artigo da *Forbes*¹². Sobre esse ponto, podemos nos indagar se o discurso que está sendo colocado para a criança é o que considera a possibilidade de fazer com o brinquedo, como discutiremos a seguir, ou ainda, aquele que aponta para a incessante busca por novos produtos ofertados pelo mercado, conforme abordamos no capítulo anterior.

Nesse sentido, através dessa breve retomada histórica acerca do brinquedo, podemos compreender que ele evidencia uma época, contendo em si os valores sociais e econômicos, assim como as técnicas disponíveis. Na nossa época, com a hegemonia do neoliberalismo, vemos o predomínio do brinquedo pensado a partir dos interesses do mercado. Sobre essa questão, retomamos Benjamin (2009):

Mas, se até hoje o brinquedo tem sido demasiadamente considerado como criação para a criança, quando não como criação da criança, assim também o brincar tem sido visto em demasia a partir da perspectiva do adulto, exclusivamente sob o ponto de vista da imitação (BENJAMIN, 2009, p. 100).

Diante dessa perspectiva, seguiremos nesse trabalho compreendendo que as crianças são capazes de elaborar sentidos para o mundo a partir de suas experiências, ao mesmo tempo em que suas brincadeiras atuam como importante meio de transmissão, “[...] uma modalidade de produção cultural empreendida pelas crianças. Seremos menos

¹² Disponível em: <https://forbes.com.br/listas/2019/12/os-youtubers-mais-bem-pagos-de-2019/> Acesso em 01 out. 2019.

capazes de entender o que elas fazem nessas brincadeiras se não entendermos a simbologia que as embasam, e essa simbologia extrapola o mundo das crianças” (COHN, 2005, p. 36). Assim, temos no brincar uma importante forma de escutar o que as crianças têm a dizer sobre o mundo em que vivemos.

O brincar na Psicanálise: quando o objeto se empresta à trama

No subcapítulo anterior nos aproximamos do brinquedo e suas transformações ao longo do tempo, passando a compreender que ele traduz valores de uma época. Nesse sentido, percebemos que nos dias atuais, cada vez mais, os brinquedos vêm sendo pensados como produtos elaborados pelos adultos, e de grande relevância comercial no mercado. Contudo, seguiremos nesse estudo buscando refletir sobre a importância do brincar como uma prática significativa em que o brinquedo se empresta à trama.

Para iniciarmos essa questão, iremos retomar a perspectiva abordada no primeiro capítulo, de que as crianças respondem a partir de lugares que disponibilizamos a elas, respostas essas que podem ser múltiplas, não podendo ser limitadas a uma concepção de que há a uma relação causal-linear (RODULFO, 1990), mas afirmando a importância de refletir sobre o laço social. Os discursos, conforme vimos anteriormente, podem ser entendidos como laços sociais entre os seres humanos que, a partir do uso de seus corpos e falas, são ordenados pela linguagem (SOLER, 2011). Trata-se de uma estrutura que preexiste ao sujeito, que dele se apropria e o torna suporte material para se dirigir ao outro. A linguagem tem papel fundamental na transmissão da lei universal que funda a cultura, a interdição do incesto e a conseqüente renúncia ao gozo excessivo (KEHL, 2002), emprestando um significado mesmo antes de nascer, conforme discorre a autora:

[...] nossa pertinência simbólica a um lugar: os desejos e fantasias de nossos pais emprestam significado à nossa existência muito antes do nosso nascimento. Estes são os fundamentos do inconsciente como discurso do Outro, discurso inscrito em nós, e no entanto inacessível à nossa consciência (KEHL, 2002, p. 15).

O brincar, compreendido como uma prática significativa, permite que a criança possa produzir respostas frente ao desejo do Outro, e se inserir no laço social. Dessa forma é possível considerar que, enquanto no adulto o sonho, chiste, ato falho e devaneio fazem

aparecer as formações do inconsciente, na criança o brincar aparece como o próprio movimento de um inconsciente em formação (JERUSALINSKY, 2009).

Conforme vimos no capítulo anterior, a subjetividade contemporânea é pensada a partir da hegemonia do discurso do neoliberalismo, fazendo com que os sujeitos partilhem valores, traços e posições, e uma nova relação com os objetos, marcadas pelo consumo. Isto posto, e considerando que o brincar enquanto atividade fundamental de sociabilidade, aprendizagem e constituição subjetiva não se isenta desse discurso, quais as possíveis saídas encontradas pelas crianças em suas brincadeiras para se constituir, podendo dar sentido aos acontecimentos de sua vida, uma vez que “é por meio da dilatação imaginária que a criança ensaia respostas que a tiram de um lugar de passividade diante do Outro” (JERUSALINSKY, 2009, p. 195)?

Nesse sentido, importante considerar que não há nenhuma atividade significativa no processo de simbolização da criança que não passe pelo brincar. É através dele que a criança pode edificar o próprio corpo, assim como simbolizar o desaparecimento do Outro, podendo se lançar em um processo de separação (RODULFO, 1990). Nesse sentido, é através do brincar que a criança pode encontrar formas de subverter a ordem dominante e trazer algo de um sujeito desejante: “[...] se o desejo é o desejo do Outro, por meio de tal brincadeira a criança se joga, se lança a ocupar a posição de senhora do (seu) desejo” (JERUSALINSKY, 2009, p. 196). Dessa forma, seguiremos nesse trabalho, buscando trazer algumas reflexões sobre a importância do brincar, atentos ao brincar no neoliberalismo.

Foi Freud (1920/1996), em seu texto “Além do Princípio do prazer”, que descreveu a cena de seu neto Ernest, de 18 meses, como um jogo de constituição subjetiva. O menino, quando a mãe se ausentava, se punha a jogar um carretel para longe de sua visão, produzindo posteriormente seu retorno. Ao fazer isso, a criança expressava grande interesse e satisfação, ao mesmo tempo em que proferia os sons de “ooo” e “aaa” que Freud, com a ajuda da mãe do menino, interpretou como as palavras alemãs *fort* (foi, vai embora) e *da* (cá, aqui está). A interpretação dada por Freud é que a partir da encenação do aparecimento e retorno dos objetos a criança pode abdicar do choro frente à partida da mãe, e se colocar a brincar. Assim, através de uma realização cultural a criança pode renunciar à satisfação pulsional, consentindo com a partida da mãe. Trata-se de um processo em que a criança se retira da passividade construindo uma satisfação no plano simbólico, conforme apresenta Jerusalinsky (2009):

Encontram-se no Fort-Da os componentes que situam o brincar como simbólico: nele ocorre a substituição de um sofrimento vivido de forma passiva pela produção de um jogo em que a criança se situa como senhora de uma atividade; nesse jogo há uma oposição presença-ausência; e além de tal oposição produzida, também é designada, nomeada por ela, na oposição de significantes (JERUSALINSKY, 2009, p. 206).

Lacan, ao refletir sobre o fort-da em seu seminário XI, revela se tratar de um exercício de alienação pelo qual “todo mundo limpou os pés” (1964, p. 232), e ainda argumenta que “dizer que se trata simplesmente para o sujeito de se instituir numa função de domínio é uma tolice [...]. Ele se exercita com a ajuda de um carretelzinho, quer dizer, com a ajuda do objeto *a*.” (LACAN, 1964, p. 232). Lacan discute que o neto de Freud não vigia a porta por onde a mãe sai, e sim que o menino se atenta ao ponto mesmo, deixado vazio:

A hiância introduzida pela ausência desenhada, e sempre aberta, permanece causa de um traçado centrífugo no qual o que falha não é o outro enquanto figura que em que o sujeito se projeta, mas aquele carretel ligado a ele próprio por um fio que ele segura- onde se exprime o que, dele, se destaca nessa prova, a automutilação a partir da qual a ordem da significância vai se pôr em perspectiva” (LACAN, 1964, p. 66).

Nesse sentido, a criança, ao se atentar para o vazio deixado com a ausência da mãe, pode investir libido ao objeto, fazendo a pulsão circular, e tornar esse objeto, assim como era a mãe, parte de si mesmo. A automutilação traz a compreensão de que algo da criança se perde, e é a partir dessa perda de algo de si que poderá ser articulada sua falta simbólica. A criança faz isso com a ajuda de um carretel, que está no lugar de outra coisa, que não é recuperável, e por isso podemos pensar na repetição do fort-da como essa busca em encontrar esse objeto para sempre perdido, e sendo assim sempre falhando. Dessa forma, podemos compreender que é a partir do carretelzinho que a criança, ao produzir um fora, pode simbolizar o que antes era impensável, uma vez que o desaparecimento era tido como muito perigoso. É através da inserção desse fora que se torna possível uma nova regulação da angústia. O carretel, na cena, é usado para poder articular uma série de ausências e presenças, permitindo que a criança se sustente fora do olhar do adulto (RODULFO, 1990).

No livro “O brincar e a realidade”, Winnicott (1975) aborda o brincar a partir de seu trabalho clínico, se debruçando sobre ele desde os objetos transicionais, passando pela experiência criativa, compartilhada e cultural, enfatizando a importância que as brincadeiras assumem para a criança. O autor aponta a noção de saúde do brincar, uma

vez que é através dele que a criança se conduz aos relacionamentos de grupos e se coloca frente a uma experiência criativa, encontrando assim, um modo de viver. Ele discute ainda que, a partir do brincar, a criança internaliza os fenômenos externos e, sem alucinar, externaliza seu material onírico. Também revela que o brincar envolve o corpo, sendo essencialmente satisfatório, e que é nele que a criança ou o adulto podem experimentar a liberdade de criação, exercendo assim uma possibilidade de atuar sobre a realidade.

Françoise Dolto (2011), influente psicanalista de crianças, revela que uma criança saudável é aquela que se ocupa de qualquer coisa, que explora o que está ao seu alcance, e que “privar uma criança de brincar significa privá-la do prazer de viver” (DOLTO, p. 110). A autora coloca a importância do contato com novos objetos como uma possibilidade de experimentações, colocando assim novos questionamentos a si mesma. Rodolfo (1990) concorda com essa noção, e acrescenta:

Por isso a psicanálise enfatiza a grande importância de toda fabricação de intermediários, quer o chamemos de objetos transicionais ou de objetos *a*. Uma vez que começa a dispor deles, fica liberada de recorrer ao somático, em suas modalidades mais concretas ou mais reificáveis (RODULFO, 1990, p. 129).

Considerando a importância dos objetos no brincar, se torna interessante problematizar seu uso na contemporaneidade, com a crescente publicidade e o valor excessivo dado ao objeto, conforme discutimos anteriormente. Atrelado a isso, muitos brinquedos nos dias atuais já vêm pensados a priori, e trazem poucas possibilidades de ação sobre eles. Dessa forma, ponderamos que apesar do objeto brinquedo não ser indiferente para a criança, sua relevância se dá mais pelas possibilidades de se inserir na trama, no lugar desejado na brincadeira, do que pelas suas características reais, conforme discute Jerusalinsky (2009):

Mas, se brincar é operar em torno da falta – do que falta para ser grande, para realizar ideia - o valor dos brinquedos é tanto maior pelas metáforas que possibilitam do que pelo achatamento de suas características reais. Nesse sentido, se o apoio nesses objetos é necessário, o excesso deles também pode ser obstáculo ao ato do brincar simbólico. O fato de esses brinquedos serem excessivamente estruturados pode empurrar a criança em direção de exercícios rituais lúdicos nos quais se mantém fixada ao uso sugerido pelos objetos, em lugar de poder transformá-los e criar com eles (JERUSALINSKY, 2009, p. 198).

Diante disso, iremos retomar uma cena vivenciada durante o trabalho realizado em escolas municipais na cidade de São Paulo. Embora esta traga elementos para pensar acerca dos diagnósticos na contemporaneidade e das expectativas sobre as crianças, nesse

estudo iremos focar na perspectiva do brinquedo que se emprestou à trama, trazendo um pouco da dimensão de uso dado ao objeto, que pode ser importante para a criança se lançar a novas significações e relações, conforme podemos refletir com o relato que segue.

“Rebeca era o nome que ecoava na sala dos professores. As professoras estavam inquietas e bastante angustiadas, precisavam falar sobre ela. Apesar de apenas uma delas ser de fato a professora de Rebeca, toda a sala se mobilizava para dizer algo sobre a menina. Elas nos pediam um diagnóstico. A mãe se negava a levar a filha para uma avaliação. Elas já a tinham encaminhado formalmente, e aguardavam resposta dessa mãe, mas não sabiam quase nada sobre a história familiar de Rebeca. Tinham medo do ano seguinte. Quem teria a paciência que ela exigia? Sofriam pelos demais alunos, pois sentiam que ficavam enciumados com a atenção dispensada. Ela não conseguia parar quieta. Se levantava em momentos indevidos. Balançava a cabeça repetidamente. Não falava. Ela tinha cerca de 3 anos, e não interagia com os demais alunos. Só brincava sozinha. Precisavam parar as atividades para dar atenção para Rebeca. A professora precisava da ajuda de uma colega de outra turma, que dividia a sala para atender aos demais alunos enquanto ela ficava com a menina. Fomos convidados a ir até o refeitório para acompanhar uma atividade rotineira. Rebeca estava comendo com os demais, e algo a incomodou. Largou o prato, e quando a professora insistiu para que ela comesse, se jogou no chão. Gritava. Tentavam acalmá-la para que voltasse a comer. Disse para a menina que não a obrigaria a comer, e perguntei o que ela queria fazer. Começou a subir as escadas. Um tanto aflita, fui atrás. Ela voltou para a sua sala de aula. Lá tentei inúmeras vezes interagir com ela. Ela corria em círculos, subia na cadeira. Tentava pegar a caneca da professora. Deixei que riscasse um papel. Quando começou a riscar a mesa, intervi, e ela saiu novamente correndo. Se escondeu atrás de uma caixa de brinquedos. Fui até ela. Peguei uma girafa e passei a falar através dela. Ela então parou e ficou olhando. Olhava para a girafa um pouco desconfiada. A girafa falou um pouco sobre as atividades do dia a dia. Perguntou se ela queria ser amiga dela. Tentou conversar um pouco com a menina que permanecia olhando. Então a girafa lhe pediu um beijinho. Com o dedinho Rebeca se aproximou e disse “tiqui”. A girafa disse que tinha gostado do beijinho, e ela repetiu o gesto. Ficamos mais um pouco ali até o momento em que ela não quis mais, e passou a andar pela sala. Perguntei se ela queria o colo. Ela então se jogou nos meus braços, e assim ficamos por um tempo”.

Nesse sentido, podemos perceber ao longo desse texto que o brinquedo exerce um papel de grande importância para a criança, mas depende do uso singular que pôde fazer dele. Contudo, é importante afirmar que quando a criança se lança a brincar, qualquer objeto pode configurar a cena. “A criança quer puxar alguma coisa e tornar-se cavalo, quer brincar com areia e tornar-se padeiro, quer esconder-se e tornar-se bandido ou guarda” (BENJAMIN, 2009, p. 93). Nesse ponto, podemos apreender que o brincar porta a subversão do objeto. Nas palavras de Rodulfo:

Uma criança o faz espontânea e quotidianamente, quando toma um palito ou qualquer cisco, pede coisas que os grandes desprezariam, e com elas inventa uma série de encenações, metamorfoseando-o, por exemplo, em um animal ou em um objeto novo. Quando se trata de armar seu corpo ou de por em cena desejos inconscientes efetivamente tudo pode servir. Por isso mesmo, observamos como vem bem, para um pequeno em análise, qualquer material que se deixa espalhado no consultório: plastilina, trapos, lápis de cor, etc. e não é insólito que transforme em brinquedo aquilo que não lhe está destinado: cinzeiros, enfeites, o que for. O “tudo pode servir” é muito mais do que uma expressão feliz para descrever um estado de coisas: constitui uma formulação teórica da transformação do acidental, do contingente, em necessário e estrutural, dado que o sujeito compõe seu EGO corporal, seus lugares, seus objetos, com este gênero de materiais” (RODULFO, 1990, pp. 169-170).

Dessa forma, compreendemos que o contato com diferentes materiais permite que a criança se lance a construir o próprio brinquedo, e ao produzir algo, esse objeto apresentado pela criança se torna também um importante enigma a ser decifrado (RODULFO, 1990). Com isso, questionamos cada vez mais a valorização dada aos brinquedos ofertados pelo mercado, pois embora não possamos afirmar que as crianças não possam brincar com eles, podemos nos questionar sobre os limites para esse uso, em que muitas vezes o brincar passa a não operar ali, e que diante da impossibilidade de fazer com esse objeto, se mantêm espectadoras, ou ainda, se colocam à espera do próximo.

Diante disso, consideramos relevante estarmos atentos ao uso dado ao brincar, uma vez que o simples fato de estar com o objeto não transforma isso em uma brincadeira. “Repitamo-lo (já que tanto é esquecido), o único critério válido para dizer que algo pertence ao registro do lúdico é descobrir ali uma circulação libidinal, desdobramento, e não somente o desejo familiar, que toma o sujeito como alvo” (RODULFO, 1990, p. 145). Sobre esse tema o autor acrescenta:

Porém mesmo no terreno do que descrevemos, ao dizer ‘esta criança está brincando’, a detecção da presença ou ausência da espontaneidade é imprescindível para o diagnóstico diferencial, pois a criança pode bem estar fazendo gestos do brincar - inclusive em nosso consultório - e na realidade

aplicar-se a satisfazer as demandas que decifra ou supõe no adulto (RODULFO, 1990, p. 145).

O brincar pode ser compreendido como algo extremamente trabalhoso, e ao longo da infância vai sendo vivenciado de diferentes maneiras. Através das brincadeiras que faz sozinha, ou com outros parceiros, pouco a pouco a criança pode ir tecendo diferentes personagens, construindo uma ficção para si mesma na relação com o Outro. Assim, temos no brincar não apenas a posta em cena do inconsciente, mas a partir dele, o estabelecimento de inscrições constituintes do sujeito na infância. A importância do brincar na constituição subjetiva nos leva novamente a indagar sobre o excesso de objetos ofertados às crianças na contemporaneidade, assim como a estruturação de determinados brinquedos. Conforme discute a autora:

Nesse sentido, se o apoio nesses objetos é necessário, o excesso deles também pode ser obstáculo ao ato de brincar simbólico. O fato de esses brinquedos serem excessivamente estruturados pode empurrar a criança na direção do exercício de rituais lúdicos, nos quais se mantém fixada ao uso sugerido pelos objetos, em lugar de poder transformá-los e criar com eles. (JERUSALINSKY, 2009, p. 198).

Dessa forma, compreendemos o brincar como uma prática significativa, necessária para a criança se lançar em seu próprio desejo. Isto posto, consideramos importante estarmos atentos em como esse recorte neoliberal, em que o ideal de infância feliz vai sendo cada vez mais midiaticizado e naturalizado, corrobora para que os pais e cuidadores se lancem em uma tentativa de sutura, buscando satisfazer as crianças pela via do consumo de objetos, que pode trazer consequências subjetivas. O excesso de presença, dos pais e dos objetos, pode trazer problemas para a criança, e dessa forma, precisa ser questionado, já que “produz-se assim, uma oferta de objetos que não estão no lugar de metaforizar a relação com o Outro encarnado” (JERUSALINSKY, 2017, p. 47). Nesse sentido, buscando trazer novos elementos para pensar o brincar na contemporaneidade, iremos refletir acerca da tecnologia, uma vez que cada vez mais trata-se de um elemento de grande relevância nas relações e nas brincadeiras.

Brincar e tecnologia: uma aproximação

Para iniciarmos essa discussão acerca do brincar e da tecnologia, iremos retomar uma cena que nos fez refletir sobre sua importância na contemporaneidade. A compreensão de que muitas crianças passaram a ter acesso a diversos dispositivos eletrônicos desde muito pequenas nos leva a buscar ponderar sobre essa nova realidade, assim como seus limites e possibilidades.

“Foi também durante o trabalho com as crianças que percebemos a relevância que os vídeos do YouTube passaram a ter no cotidiano delas, trazendo em diversos momentos referências relacionadas ao universo digital. Elas nos contavam sobre a diversão que encontravam em jogos de celular ou de computador, assim como o tempo que passavam nas redes. Durante esse trabalho percebemos que alguns garotos estavam usando as folhas de sulfite disponíveis para fazer origamis. Parecia ser algo que gostavam muito de fazer, e faziam-no de diferentes tipos. Quando questionamos como haviam aprendido, eles nos disseram que tinha sido através de vídeos que assistiam no YouTube. Diante disso, perguntamos se eles gostariam que levássemos folhas sulfite de cores variadas para que eles nos ensinassem a fazer origamis. Havia um deles, Pedro, que era muito quieto, e que se destacava muito na arte da dobradura. Perguntamos se ele queria ser nosso professor. Assim, passamos aquele encontro aprendendo com ele a fazer uma flor de dobradura, contando também com seus colegas, que se lançavam a nos ajudar nesse ofício. Quando terminamos as atividades, reparei que Pedro passou a recolher as partes das folhas que haviam sido cortadas durante o processo, e algumas folhas que tinham sido amassadas. Ele as pegava do chão e então levava para a mãe segurar na sala ao lado. Em alguns momentos eu vi que ele tentava desamassar algumas folhas. Diante dessa cena, perguntei se ele queria algumas folhas para levar para casa. Ele bem baixinho me disse no ouvido que sim, e então me contou que não tinha folhas em sua casa para poder fazer as dobraduras. Como agradecimento, me abraçou. Atravessadas por aquela situação, eu e outra colega passamos a recolher as folhas disponíveis para que ele pudesse levá-las. Saímos tocadas pelas marcas das desigualdades e contradições vividas naquela experiência que de um lado evidenciavam a carência até para conseguir folhas de papel e de outro a relativa facilidade de acesso aos vídeos do YouTube.

Essa cena enunciou a importância de refletir sobre a inserção da internet na vida das crianças. Na contemporaneidade é inegável a crescente valorização do uso de

celulares, *tablets* e computadores, tanto pelos adultos como pelas crianças. O uso desses dispositivos, com o advento da internet em banda larga, vem propondo novas formas de sociabilidade, alterando o laço social, a economia de gozo e as demandas de reconhecimento entre os sujeitos (DUNKER, 2017). Nesse sentido, a internet precisa ser compreendida não apenas como uma ferramenta tecnológica, mas como elemento decisivo na constituição da subjetividade contemporânea (BIALER; VOLTOLINI, 2017), conforme discutem os autores:

Parte componente incontestável da nossa realidade, a internet chegou de maneira intensa, extensa, incidente e insidiosa. Não há um só canto do mundo que, em maior ou menor grau, não esteja tocado pelo aparato que ela (im)põe à disposição. Vem com a força de um *gadget* que se torna cada vez mais imprescindível, que define a pertença ou não a um universo, propondo -se como ferramenta de auxílio para uma diversidade de coisas, modificando relações, modos de produção e subjetividade (BIALER; VOLTOLINI, 2017, p. 57).

Trata-se de uma transformação ainda em curso, que ao mesmo tempo causa fascínio e horror, fascínio esse destacado pelas possibilidades de interação e pela capacidade humana em se lançar em novas invenções. Entretanto, o horror, simultaneamente, é causado justamente pelo seu caráter de imprevisibilidade. Quais as consequências dessas novas criações (JERUSALINSKY, 2017)? Dessa forma, evitando de antemão condenar a vida mediada pela tecnologia, buscaremos refletir sobre alguns dos seus usos e impactos na vida dos sujeitos, atentos a como isso tem se apresentado nas brincadeiras das crianças.

O fato é que o modo de vida acelerado nas grandes cidades também pode ser verificado nas redes em que navegamos na internet. Passamos rapidamente de uma página a outra, assim como pelos *Stories* do *Instagram*, rolamos a página do *Facebook*, sendo inundados de estímulos visuais. Ao mesmo tempo em que abrimos esses aplicativos, chega uma nova mensagem no *WhatsApp*, e somos impelidos a verificar de onde ela vem. No final do dia estamos exaustos, mesmo que não tenhamos saído de casa. Dessa forma, podemos compreender que estamos vivendo em um mundo com o constante excesso de estímulos sensoriais, e com pouco tempo para que o sujeito possa elaborar o que foi vivido (JERUSALINSKY, 2017). Temos assim uma mudança significativa na relação do tempo e do espaço. Esses novos “espaços” de sociabilidade alteram também a forma como nos expressamos, uma vez que, cada vez mais, somos convidados a representar os acontecimentos em textos mais curtos, nos 280 caracteres do *Twitter*, em “*memes*” e

emojis que, prontos a priori, retiram a necessidade do sujeito de se lançar nos riscos que o falar nos imputa (JERUSALINSKY, 2017). Em relação à primazia da imagem no contemporâneo, Jerusalinsky (2017) argumenta:

A afirmação “uma imagem vale mais que mil palavras”, oriunda da filosofia chinesa de Confúcio, situa o lugar dos ideogramas como modo de representação. No entanto, em tempos em que tal afirmação virou máxima publicitária, talvez seja preciso recordar que uma imagem não pode valer sozinha, substituindo por um único flash a coerência da série discursiva com que o sujeito sustenta os atos da sua vida (JERUSALINSKY, 2017, p. 20).

Nessa tônica em que a imagem vem ganhando grande relevância em relação às palavras, sobram casos na atualidade em que as pessoas abdicam da experiência que estão vivenciando para se lançar a filmar, tirar fotos, compartilhar, em um permanente registro e compartilhamento da própria imagem. Nessa busca incessante em alcançar uma plenitude imaginária que a vida nas redes supõe, pessoas se colocam até em risco de vida em busca da *selfie* perfeita e dos inúmeros “curtir” que dela poderiam derivar (JERUSALINSKY, 2017).

Dessa forma, cada vez mais ver e ser visto se torna proeminente nas formas de interação entre os sujeitos, advindo então uma nova palavra que nomeia essa transformação: visualizar. Através das novas tecnologias de comunicação, podemos saber se o outro recebeu a resposta, acessou suas imagens, inaugurando, assim, uma urgência nas respostas, sem a qual o sujeito se coloca em desamparo (JERUSALINSKY, 2017). Emergem com isso novas falas rotineiras, como “Ele(a) visualizou e ainda não respondeu”, suscitando o caráter de urgência em nossa sociedade. Contudo, de imediato nos colocamos a refletir que a tecnologia não é neutra. Em um contexto marcado pelo discurso neoliberal, ela é formulada a partir dos valores desse tempo, em que o tempo de compreender vai sendo suprimido pelo discurso neoliberal com sua aliada, a tecnologia:

Se tomarmos aqui o sofisma do tempo lógico de Lacan – no qual ele nos fala de três tempos: *o tempo de ver*, em que alguém recebe uma percepção; *o tempo de compreender*, em que isso faz algum sentido; e *o tempo de concluir*, em que o sujeito se precipita no ato a partir da compreensão que faz de sua percepção -, encontramos no ato a partir do verbo *visualizar* uma urgência que exige uma resposta imediata à percepção e impele ao ato, como se nossos atos pudessem ser reflexos e não fossem conduzidos por uma tramitação consciente e inconsciente que implica nossa subjetividade (JERUSALINSKY, 2017, p. 26).

Nesse sentido, vemos como cada vez mais a internet passou a fazer parte da subjetividade contemporânea, em que os dispositivos eletrônicos passaram a ser parte

fundamental da vida do homem, sem os quais, muitas vezes, ele se sente incompleto (ou seria melhor dizer que esbarra na sua incompletude?). A partir das redes sociais, uma nova forma de interação passa a fazer parte do cotidiano das famílias, trazendo-lhes implicações, ao mesmo tempo em que decidir não fazer parte das redes se torna algo conflituoso, pois implica em se privar de uma rede social virtual, que passou a ser privilegiada (BIALER; VOLTOLINI, 2017).

Essas transformações têm alterado significativamente a relação das crianças com o brincar, já que cada vez mais as crianças passam seu tempo em frente aos celulares, computadores e *tablets*. Trata-se de chupetas eletrônicas (DUNKER, 2017; JERUSALINSKY, 2017), que são muitas vezes utilizadas pelos pais como forma de silenciar o choro da criança, ou mesmo de poderem voltar para suas atividades sem serem interrompidos. Sem elas, muitas crianças se veem em profundo desconforto, posto que desde muito pequenas estão em contato intenso com esses objetos. Frequentemente, essas atividades com esses dispositivos são nomeadas como novas formas de brincar. Contudo, acreditamos ser importante problematizar essa equivalência dada de imediato, muitas vezes, sem reflexão. Para isso, retomamos a discussão apresentada por Rodolfo (1990), que embora verse sobre a televisão, pode nos ajudar a refletir sobre as mídias digitais:

A questão se agrava ou se complica, ao gerar-se um círculo vicioso, porque a televisão não oferece um apoio genuíno para melhor estruturação simbólica. Diferente do brincar, não ajuda a fabricar as imagens próprias; por isso (e então, por razões mais clínicas do que ideológicas), a exposição precoce de uma criança pequena a ela é negativa e deve ser evitada. Uma criança de dois ou três anos está desprendendo um espaço de brincar para ela, está descobrindo a imaginalização de algo dela como dimensão de intimidade: pouco a pouco descobre que ninguém pode ver seus pensamentos, que ela não é transparente. No espaço de inclusões recíprocas, a criança supõe que o que ela pensa é sabido imediatamente por seus pais, e não apenas o sabem senão que o veem. Ela é e existe em uma transparência. A partir dos dois anos, vai descobrindo que não é assim. O aparecimento da mentira é, por isso, uma conquista simbólica, já que pode mentir porque não é transparente” (RODULFO, 1990, p. 132).

Sobre essa questão, consideramos importante refletir sobre a internet, que cada vez mais, com o saber daquele que projeta o sistema, através dos algoritmos, interage diretamente com a criança, direcionando seu olhar, suas relações, sugerindo contatos. E dessa forma, parece muitas vezes que esses programas estão de fato lendo os nossos pensamentos, capturando nossas falas e nos direcionando para aquilo que desejam. Basta falar sobre algo próximo a esses dispositivos e ser inundado de propagandas que se relacionam com a temática.

Isso posto, podemos nos questionar sobre o recorrente fato de que as crianças, cada vez mais, estão sendo colocadas durante muito tempo a assistir vídeos de outras crianças apresentando brinquedos ou brincadeiras, em um movimento crescente de espectadora da realidade, conforme já dissemos nesse trabalho, seja para ajudar na hora do almoço, seja para as crianças se comportarem conforme desejado pelos adultos nos espaços públicos (não estaria aqui a dimensão da criança na contemporaneidade na posição de dejetivo, tal qual discutimos no capítulo anterior?). Essa perspectiva nos leva novamente a questionar quais os lugares que estamos destinando a elas, e ao mesmo tempo nos fazem indagar se de fato as crianças estão brincando com esses objetos. Sobre isso, consideramos importante dizer que tomando o brincar como possibilidade subversiva da criança, não significa que elas não podem fazer algo a partir disso, como o caso dos meninos que aprenderam nos vídeos a fazer origamis, o que se tornou uma brincadeira servindo à trama criada por eles mesmos, mas que devemos estar atentos ao lugar ocupado por esses objetos na relação das crianças com o mundo que as cerca.

E para que possamos estar atentos a essa relação que os objetos ocupam na relação com as crianças, não podemos prescindir da perspectiva advertida por Lacan (1969/2003), que já abordamos anteriormente nesse texto, de que para criar sujeitos é preciso um desejo que não seja anônimo. Ou seja, é necessária uma mediação na relação da criança também nesse novo espaço de interação. Sabemos, contudo, que a perspectiva de que as crianças têm maior facilidade no universo digital do que os adultos, pois nascem imersas nessa realidade, não retira a necessidade daqueles que exercem a função parental. Conforme vimos anteriormente nessa pesquisa, a posição de primazia da criança frente aos adultos tem colocado entraves nessa perspectiva, e nesse sentido, pensamos ser relevante discutir essas questões.

Os aparelhos emitem sequências sonoras, mas não conversam, não produzem uma matriz dialógica em que os lugares sejam subjetivados, eles oferecem fragmentariamente uma linguagem, mas não sustentam essa função. Emitir sequências sonoras é bem diferente do que dar lugar a que o sujeito possa se representar na linguagem, subvertendo, por meio dos chistes ou atos falhos, sua significação (JERUSALINSKY, 2017, p. 41).

Dessa forma, podemos refletir sobre a importância da transmissão desejante, uma vez que, nos casos em que a televisão ou os dispositivos passam a operar como o Outro para a criança, podem trazer graves consequências à sua subjetivação, como isolamento e redução do laço social, depressividade desejante, déficit narrativo, entre outros (DUNKER, 2017). E sobre esse aspecto, mais uma vez precisamos questionar os

discursos que passam a desvalorizar o saber geracional na transmissão, assim como os ideais que passam a circular na parentalidade, pois os pais transmitem “seu desejo não só pelo ideal, mas também pelo equívoco” (JERUSALINSKY, 2017, p. 51).

O uso das telas, circulando de uma página a outra, entre aplicativos, jogos, denota que algo importante está sendo deixado de lado nesse contato excessivo com a superoferta da presença — justamente esse tempo ausência - necessário para que o sujeito possa, ele mesmo, se interrogar, suportar esse tempo de tramitação, para ser possível construir suas próprias respostas. Isto posto, vemos a importância de que os pais possam intermediar a relação dos filhos com esses dispositivos, podendo regular o gozo dos filhos com esses objetos, justamente em uma função de introduzir uma negatividade.

Nesse sentido, vemos cada vez mais a importância dada aos jogos eletrônicos entre as crianças, que longe de serem considerados apenas vilões, nos levam novamente a questionar sobre o lugar que passaram a ocupar na vida delas. Pois bem, se o espaço de contato com o outro, das relações físicas, das experiências sensoriais, está sendo subtraído em detrimento dos jogos, isso deve sim ser polemizado. Mais do que de imediato condenar uma nova tecnologia, devemos nos indagar sobre como ela vai sendo utilizada, pois se for para evitar as relações com seus conflitos e engodos, isso se torna muito problemático. A questão que novamente volta a circular é: diante das possibilidades infundáveis de gozo ofertadas pelo mercado, como fazer gozar com a criança, e não em detrimento delas ou através delas? E nesse sentido, ampliar o nosso debate, atentos para o fato de que a tecnologia não é neutra, está a serviço do nosso tempo, tempo de hegemonia do neoliberalismo.

Considerações finais

Embora esse seja o momento de finalização desse texto, sabemos que não se trata da finalização da pesquisa. A partir da leitura intensa para discussão desse trabalho, foram sendo encontradas novas e importantes obras que não puderam ser trabalhadas, ou muitas vezes mais bem elaboradas. Há um tempo de compreender, que muitas vezes não acompanha o tempo da pós-graduação.

Nesse sentido, ficaram de fora da análise outros recortes para pensar as infâncias, como classe social, gênero, raça e etnias. Contudo, não queremos deixar de anunciar que são categorias importantes para a complexidade do tema, e que podem contribuir para a construção de novas pesquisas.

Outro dado relevante durante a construção dessa pesquisa é que estamos vivenciando a pandemia do Coronavírus, que imputou uma mudança significativa na vida das pessoas, com a necessidade de isolamento social, ao mesmo tempo em que escancarou desigualdades já presentes em nossa sociedade. Com a determinação da quarentena e o fechamento das escolas, pais e filhos passaram a uma convivência muito mais intensa, trazendo novas questões nessa relação.

Nesse sentido, como se tratava da necessidade do distanciamento físico, e considerando a necessidade de convívio, boa parte dos encontros passou a ser mediada pelo uso da tecnologia. Eventos dos mais diversos migraram para a plataforma digital, incluindo a banca de defesa dessa dissertação, que será realizada pela internet. Nesse sentido, pudemos estar conectados e manter o contato entre aqueles que estavam distantes. As crianças passaram a inventar novas e curiosas formas de estar perto, de brincar a distância e apesar dela. As sessões de análise puderam, muitas vezes, ser continuadas, com o acesso à internet.

Contudo, a sobrecarga de trabalho por conta de atividades que antes eram compartilhadas ou terceirizadas passou a ficar ainda mais restrita aos pais, se tornando recorrentes as reclamações, e a escola começou a ser cada vez mais lembrada, gerando grandes debates sobre a possibilidade de abertura ou manutenção do fechamento, que embora fossem importantes de serem consideradas, dadas as possíveis consequências para as crianças, também estavam muito atravessadas por interesses econômicos. Os pais não tinham como ser tão produtivos precisando cuidar dos seus filhos, e os primeiros lugares que voltaram a abrir foram os voltados ao consumo. Essa situação parece deixar claro que o lugar reservado à criança precisa ser problematizado, assim como as intensas

desigualdades que foram escancaradas, não somente pela dificuldade de acesso à internet, que impediu que muitas crianças acompanhassem as aulas remotas, mas também pelos agravamentos econômicos que essa situação trouxe às famílias, assim como os diversos atravessamentos sociais vivenciados pelas desigualdades de gênero e diferentes formas de violência.

Outro dado relevante que corrobora com essa pesquisa é o aumento da venda de brinquedos¹³ e jogos durante o período da quarentena, em torno de 400%, que parece evidenciar que o consumo de brinquedo é uma importante resposta encontrada pelos pais diante das angústias, suas e dos filhos.

Diante dessas considerações, pensamos ser importante marcar que essa pesquisa não procura traçar um brincar ideal, uma vez que entendemos sua possibilidade subversiva e singular, que corrobora com a ideia de abertura ao porvir, em que o sujeito se lança a criar seu enredo. Mas busca fundamentalmente levantar a problemática de que os discursos contemporâneos, engendram cada vez mais o consumo dos objetos, em que a criança pode perder em possibilidade de brincar, trazendo assim consequências subjetivas.

Outro dado importante nessa discussão é a perspectiva de que as crianças, tomadas como objetos, não são produtoras de um saber a ser reconhecido, e nesse sentido, nem seus brinquedos, inventados por elas mesmas, para se prestar à trama que desejarem. Dessa forma, consideramos importante refletir sobre qual reconhecimento damos a essas produções, em uma sociedade em que os brinquedos ofertados pelo mercado, que vem altamente projetados, com sons e performances diversas, passam a ser vendidos como o sonho de consumo para as crianças (e para os adultos?). Sobre esses brinquedos que têm grande performance, podemos nos questionar, conforme vimos nesse trabalho, se de fato as crianças estão podendo brincar com eles, ou se elas estão sendo ocupadas com esses objetos. Nesse sentido, consideramos importante, a partir dessa pesquisa, estarmos atentos aos efeitos do discurso neoliberal no brincar, porque uma criança que não brinca, adocece. Sendo assim, o que podemos apreender nas produções sintomáticas nas infâncias que vemos emergindo na contemporaneidade, a partir da discussão colocada nessa pesquisa? Dessa forma, importante estarmos atentos para o lugar que os brinquedos e as tecnologias têm ocupado na vida das crianças, para que possamos analisar essa questão com maior cuidado.

¹³ Essa notícia pode ser consultada em: <<https://mercadoconsumo.com.br/2020/05/06/brinquedos-e-jogos-registram-alta-no-e-commerce-durante-a-pandemia/>> Acesso em 3 out. 2020.

Sobre a questão dos vídeos do *YouTube*, é fundamental trazermos novos elementos e pesquisas que versem sobre a temática, dada a velocidade com que têm se propagado e a grande influência para as crianças, que passam a imitar os influenciadores. Arelado a isso, os ideais de sucesso evidenciados pelo número de visualizações e compartilhamentos se tornam parte do interesse de muitas crianças, que começam elas mesmas a produzir seus vídeos no *YouTube*. Interessante notar ainda que muitos desses vídeos que se apresentam como caseiros são patrocinados por empresas, direcionados a esse público, através de propaganda velada, travestidos de uma brincadeira. Cientes de que as tecnologias não são neutras, precisamos estar atentos ao uso das grandes corporações nessas plataformas, assim como por aqueles que hoje são influenciadores digitais e que se dirigem às crianças. Trata-se de um ponto relevante, dada a pressão que esses veículos passam a exercer, tornando o trabalho dos pais ainda mais difícil no momento de sustentar uma posição de limite ao gozo dos filhos.

Podemos refletir ainda que, se de um lado existem pais que buscam tutorear o acesso aos vídeos e uso da internet, por outro existem aqueles que passam a gravar os vídeos dos filhos e a fazer páginas para a criança até mesmo antes do nascimento, com a fantasia de que ela possa vir a ser mais uma *influenciadora* de sucesso. Os pais que imputam aos filhos seus desejos narcísicos não são novidade desde Freud (1914/2010). Contudo, podemos nos indagar se o discurso neoliberal não pode colocar ainda mais barreiras para as crianças se colocarem desejanτες apesar dos ideais dos pais?

Outra questão importante que se coloca nesse tempo de hegemonia do neoliberalismo é essa frequente ideia de autonomia da criança. Autonomia parece ser um significante importante para pensar a infância na contemporaneidade. Sabemos que o neoliberalismo promove um processo de dessimbolização, e uma tentativa de esvaziar tudo aquilo que é do âmbito cultural e que poderia dar sentido à vida em coletividade, deixando o homem disponível ao mercado. Nesse ponto, tendo a ciência como aliada, há uma crescente dessimbolização geracional, que podemos verificar com a crescente sensação de impotência dos pais na criação dos seus filhos, recorrendo a diversos manuais para poder fazê-lo. Contudo, sabemos que não é possível prescindir dessa função para constituir um sujeito. Sendo assim, podemos nos questionar se a criança autônoma não parece ecoar mais uma criança tirana disponível a exigir aquilo que o mercado pode oferecer. Para isso, podemos refletir, ainda, como a ideia de que devemos escutar uma criança vai sendo tomada pelo mercado a partir da perspectiva de que devemos atender a todos os seus pedidos.

Nesse sentido, poderia ser interessante desenvolver novas pesquisas que possam situar como os ideais de autonomia vão sendo incorporados pelo mercado, através de cursos para formação de pais que trabalhem com a premissa da positividade, evitando que seja dito não às crianças pois isso incentivaria seus potenciais, impediria traumas e possibilitaria que elas se tornassem criativas e felizes. Sobre esse ponto, reiteramos a importância de um certo trabalho de negatividade da função parental, que é justamente fazer barra a essa perspectiva de gozo sem limites presente no discurso neoliberal, para que algo desejante possa emergir. Importante ponderar que não estamos com isso autorizando o gozo dos adultos a partir das crianças, através de diferentes tipos de abusos que podem incorrer. Apenas, mais uma vez, considerando ainda mais importante questionar esse mesmo discurso neoliberal e a premissa do gozo sem limites.

A questão que novamente volta para o debate é: diante das possibilidades infundáveis de gozo ofertadas pelo mercado, como fazer gozar com a criança? Quais os laços possíveis?

Ao analisarmos a crescente valorização do trabalho na contemporaneidade, vemos a perspectiva da meritocracia sendo naturalizada e a importância da competitividade entre os sujeitos. O sentimento de precarização dos trabalhadores expostos a jornadas extenuantes em um contexto de privatização e de fragilidade dos direitos, tem trazido impactos à vida nas cidades, com consequências no cuidado das crianças. Com isso, se torna ainda mais relevante discutirmos esses modos de vida e as possibilidades diante desse cenário.

Dessa forma, pensamos que é importante refletir que a concepção de infância é histórica, efeito dos discursos da época, e, portanto, não é um dado natural, um direito que está garantido a priori. Dito isso, sabemos da importância de estarmos atentos às transformações que vêm ocorrendo em nossa sociedade, nos laços, e modificando com isso os lugares destinados às crianças. Conforme já dissemos anteriormente, é a partir da perspectiva de infância que vamos tecendo políticas públicas e cuidados, e, portanto, é fundamental que estejamos atentos a elas, e que não nos esqueçamos de que as realidades das crianças são múltiplas e diversas. No contexto atual, diante de um cenário que evoca grandes retrocessos, com o negacionismo da ciência passando a fazer parte de órgãos do governo, desinvestimento em Educação, valorização do discurso religioso para pautar políticas públicas e de cuidado, e sustentado por interesses econômicos, nos colocam ainda mais alertas para essas questões.

Em suma, sabemos da limitação dessa pesquisa diante de tantos debates que se abrem quando passamos a pensar na complexidade que versa sobre seu tema. Diante da incompletude que sustenta esse trabalho, vemos também a possibilidade de seguir pesquisando, a partir de tantas brechas, novos elementos para pesquisas futuras. Esperamos que esse trabalho tenha alcançado o objetivo de trazer contribuições para pensar os efeitos do discurso neoliberal no ideal de infância e no brincar. Nossa aposta é que o brincar contemporâneo sofre efeitos do discurso neoliberal, em consonância com o ideal de infância feliz que esse mesmo discurso fomenta. Ainda assim, voltamos a reafirmar que as crianças, enquanto sujeitos, podem responder de maneiras diversas a essa realidade, o que não retira a necessidade de problematizar essa questão, uma vez que o discurso neoliberal perpassa nossas formas de amar e desejar. Isto posto, consideramos importante encerrar esse trabalho reafirmando a seriedade do brincar, ainda que para isso precisemos problematizar nossos próprios ideais e narcisismo.

Referências

AGAMBEN, G. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. 3.ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.

ANGRYBIRDS. **Angrybirds.com**. Disponível em: <https://www.angrybirds.com/10-years/#timeline> Acesso: 15 out. 2020.

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

ASKOFARÉ, S. Da subjetividade contemporânea. **A PESTE: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia**. v. 1, n. 1, 2009.

BEER, P.A.C. Questões e tensões entre psicanálise e ciência: considerações sobre validação. 2015. **Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)** - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.47.2016.tde-04042016-122531. Acesso em: 22 ago. 2020.

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação**. São Paulo: Ed 34, 2009.

BERG, M. Os youtubers mais bem pagos de 2019. **Forbes**. Disponível em: <https://forbes.com.br/listas/2019/12/os-youtubers-mais-bem-pagos-de-2019/>. Acesso em: 01 out. 2019

BRINQUEDOS e jogos registram alta no e-commerce durante a pandemia. **Mercado e consumo**. Disponível em: <https://mercadoconsumo.com.br/2020/05/06/brinquedos-e-jogos-registram-alta-no-e-commerce-durante-a-pandemia/>. Acesso em 03 out. 2020

BRUM, E. Meu filho, você não merece nada. **Revista Época, 2011**. Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI247981-15230,00-MEU+FILHO+VOCE+NAO+MERECE+NADA.html>. Acesso em: 11 mar. 2018.

COHN, C. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

DIAS, G.S. Youtubers e influenciadores: quando a diversão vira trabalho infantil. Disponível em: <https://www.chegadetrabalho infantil.org.br/noticias/materias/youtubers-e-influenciadores-mirins-quando-a-diversao-vira-trabalho-infantil/> Acesso em: 01 set. 2020.

DARDOT, P; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOLTO, F. **As etapas decisivas da infância**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

DUFOUR, D-R. **A arte de reduzir as cabeças**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

_____. **O divino mercado: A Revolução Cultural Liberal**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2009.

DUNKER, C. I. L. **Mal-estar, sintoma e sofrimento**. São Paulo: Boitempo, 2015.

_____. **Neoliberalismo e sofrimento psíquico**. 2016 (5m12s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uR5CXgSrrt8>>. Acesso em: dez. 2018.

_____. Intoxicação digital infantil. In: BAPTISTA, A.; JERUSALINSKY, J. **Intoxicações eletrônicas: o sujeito da era das relações virtuais**. Salvador: Ágalma, 2017. p. 117-145.

_____. Tudo o que é sólido desmancha no ar? A liquidez da modernidade como patologia social. In: VOLTOLINI, R. **Retratos do mal-estar contemporâneo**. São Paulo: Escuta/FAPESP, 2014. p. 85-94.

_____. **Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento**. São Paulo: Annablume, 2011.

ELIA, L. Infância e direito: criança protegida ou superprotegida pelo Estado? In: VOLTOLINI, R. **Crianças públicas, adultos privados**. São Paulo: Escuta/FAPESP, 2016. p. 167-178.

ENDO, P. Um futuro sem inscrição no tempo presente e sem tributo ao passado: o insidioso retorno dos tiranos e de sua horda. In: VOLTOLINI, R. **Crianças públicas, adultos privados**. São Paulo: Escuta/FAPESP, 2016. p. 179-142.

FIGUEIREDO, L. C.; MINERBO, M. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 ago. 2020.

FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras. (1914) 2010.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 7 - Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, (1905) 1996.

_____. **O mal-estar na civilização**. - Edição Standard Brasileira. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, (1930) 2011.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 17.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

_____. **O neoliberalismo: história e implicações**. 5.ed. São Paulo: Loyola, 2014.

IACONELLI, V. **Como criar filhos no século XXI?** 1.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

JERUSALINSKY, J. **A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, PUCSP, 2009.

_____. Que rede nos sustenta no balanço da web? – o sujeito na era das relações virtuais. In: BAPTISTA, A.; JERUSALINSKY, J. **Intoxicações eletrônicas: o sujeito da era das relações virtuais**. Salvador: Ágalma, 2017. p. 13-38.

JORGE, M. A. C. Discurso e liame social: apontamentos sobre a teoria lacaniana dos quatro discursos. In: JORGE, Marco A. C.; RINALDI, D. (Orgs.). **Saber, verdade e gozo: leituras de O Seminário, livro 17, de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, p. 17-32. 2002.

KATZ, I. Infâncias, uma questão para psicanálise. In: **Saúde Mental infanto-juvenil: Territórios, políticas e clínicas de resistência**. Santos: Unifesp/ Abrasme, 2019.

KEHL, M. R. A publicidade e o mestre do gozo. In: **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo: ESPM v. 1, n. 2, p. 77-92, 2004.

_____. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2002.

_____. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

KUPFER, M. C. Bebês públicos, pais privados do poder educativo para constituir um sujeito (e suas consequências para clínica do autismo). In: VOLTOLINI, R. **Crianças públicas, adultos privados**. São Paulo: Escuta/FAPESP, 2016. p. 111-122.

LACAN, J. **O Seminário. Livro XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

_____. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. (1967/2003) Alocução sobre as psicoses da criança. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 361-368.

_____. (1969/2003) Nota sobre a criança. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 369-370.

_____. (1972). Conférence à l'université de Milan. Disponível em: <<http://espace.freud.pagesperso-orange.fr/topos/psych/psysem/italie.htm>>. Acesso em: 01 ago. 2019.

LAJONQUIÈRE, L. Notas psicanalíticas para outra história da infância. In: VOLTOLINI, R. **Crianças públicas, adultos privados**. São Paulo: Escuta/FAPESP, 2016. p. 73-86.

_____. Os Filhos de hoje são de quem? Notas sobre uma confusão em torno do pai. In: VOLTOLINI, R. **Retratos do mal-estar contemporâneo**. São Paulo: Escuta/FAPESP, 2014. p. 43-56.

MAGALHÃES, J. Sobre o que nos une. In: FONTENELLE, L. (org.). **Criança e consumo: 10 anos de transformação**. São Paulo: Instituto Alana, 2016.

MINISTÉRIO público pede retirada de vídeos do YouTube por publicidade infantil. **Criança e consumo**, 2019. Disponível em: <<https://criancaeconsumo.org.br/noticias/ministerio-publico-pede-retirada-de-videos-do-youtube/>> Acesso em: 01 out. 2020.

MINNICELLI, M. Vazio de autoridade hoje ou estamos buscando onde não é? In: VOLTOLINI, R. **Retratos do mal-estar contemporâneo**. São Paulo: Escuta/FAPESP, 2014. p. 195-210.

_____. Infância e direitos em tempos de exposição e consumo: infância emancipada? In: VOLTOLINI, R. **Crianças públicas, adultos privados**. São Paulo: Escuta/FAPESP, 2016. p. 193-204.

NOGUEIRA, L. C. A pesquisa em psicanálise. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 15, n. 1-2, p. 83-106, Jun. 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65642004000100013>>. Acesso em 22 ago. 2020.

OTTAVI, D. A criança de marte, o adulto de vênus. Podem eles se encontrar? In: VOLTOLINI, R. **Crianças públicas, adultos privados**. São Paulo: Escuta/FAPESP, 2016. p. 59-72.

PACHECO, A.L.P. **Da fantasia de infância ao infantil na fantasia**: a direção do tratamento na psicanálise com crianças. São Paulo: Annablume, 2012.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 2005.

PUJÓ, M. **Para una clínica de la cultura**. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2006.

RAGO, M. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista. Editora Paz e Terra, 2018.

REBOUÇAS, N. Tchau consumidores. In: FONTENELLE, L. (org.). **Criança e consumo: 10 anos de transformação**. São Paulo: Instituto Alana, 2016.

RODULFO, R. **O brincar e o significativo**: um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce. Rio de Janeiro: Artes médicas, 1990.

ROSA, M. D. **Histórias que não se contam**: o não-dito e a psicanálise com crianças e adolescentes. São Paulo: Cabral Editora Universitária, 2000.

_____. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Rev. Mal-Estar Subj.** Fortaleza: v. 4, n. 2, p. 329-348, set. 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 ago. 2020.

ROSA, M. D.; CARIGNATO, T. T.; BERTA, S. L. Ética e política: a psicanálise diante da realidade, dos ideais e das violências contemporâneas. **Ágora**. Rio de Janeiro: v. 9, n. 1, p. 35-48, jun. 2006.

ROSA, M. D.; LACET, C. A criança na contemporaneidade: entre saber e gozo. **Estilos da clínica**, São Paulo: v. 17, n. 2, p. 359-372, 2012.

SAFATLE, V. Depois da culpabilidade: figuras do supereu na sociedade de consumo. In: DUNKER, C. I. L.; PRADO, J. L. A. (Orgs.). **Zizek crítico: política e psicanálise na era do multiculturalismo**. p. 119-140. São Paulo: Hacker, 2005.

SAURET, M. **O infantil e a estrutura**. Escola Brasileira de Psicanálise, 1998.

SARMENTO, M. J.; PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: SARMENTO, M. J.; PINTO, M. **As crianças, contextos e identidades**. Braga: Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança. Ed. Bezerra, 1997.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (Coord.). **Crianças e Miúdos**. Perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação. Porto: Asa, 2004.

SIQUEIRA, E. R. A. de; QUEIROZ, E. F. de. O singular do caso clínico: uma proposta metodológica em psicanálise. **Arq. bras. psicol.** Rio de Janeiro: v. 66, n. 3, pp. 104-114. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180952672014000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 ago. 2020.

SILVA, C. M. da; MACEDO, M. M. K. O Método Psicanalítico de Pesquisa e a Potencialidade dos Fatos Clínicos. **Psicol. cienc. prof.** Brasília: v. 36, n. 3, pp. 520-533. Set. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001012014>>. Acesso em 22 ago. 2020.

SOLER, C. (2011) O discurso capitalista. **Stylus: Revista de Psicanálise**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 55-68, 2011.

_____ **O que faz laço?** São Paulo: Escuta, 2016.

_____ **O que resta da infância**. São Paulo: Escuta, 2018.

TARJA BRANCA - A revolução que faltava. Direção de Cacau Rhoden. Produção Maria Farinha Filmes. Produção Executiva de Estela Renner, Luana Lobo e Marcos Nisti. Roteiro de Cacau Rhoden, 2014. DVD, 79 min, son., color.

VALAS, P. O que é uma criança? **A criança no discurso analítico.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991.

VOLTOLINI, R. A psicanálise na sociedade de ímpares. In: VOLTOLINI, R. **Crianças públicas, adultos privados.** São Paulo: Escuta/FAPESP, 2016. p. 39-58.

_____. **Educação e psicanálise.** Rio de Janeiro: Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2011.

VORCARO, A.; FERREIRA, T. A criança pública. In: VOLTOLINI, R. **Crianças públicas, adultos privados.** São Paulo: Escuta/FAPESP, 2016.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZIZEK, S. O desejo ou a traição da felicidade. Publicação original em **Le Magazine littéraire**, jul./ago. 2006.

ZELMANOVICH, P. A psicanálise na pólis: a psicanálise está à altura de responder sobre os problemas da pólis utilitarista? In: VOLTOLINI, R. **Crianças públicas, adultos privados.** São Paulo: Escuta/FAPESP, 2016.

ZUIN, V. G. (org.). **Infância Plastificada:** O impacto da Publicidade infantil de brinquedos plásticos na saúde de crianças e no meio ambiente. São Carlos: GPQV/UFSCar. Jun. 2020. Disponível em: < <https://criancaeconsumo.org.br/noticias/o-impacto-da-publicidade-infantil-de-brinquedos-plasticos-na-saude-de-criancas-e-no-meio-ambiente/>> Acessado em: 16 out. 2020.